

Diário de Lisboa

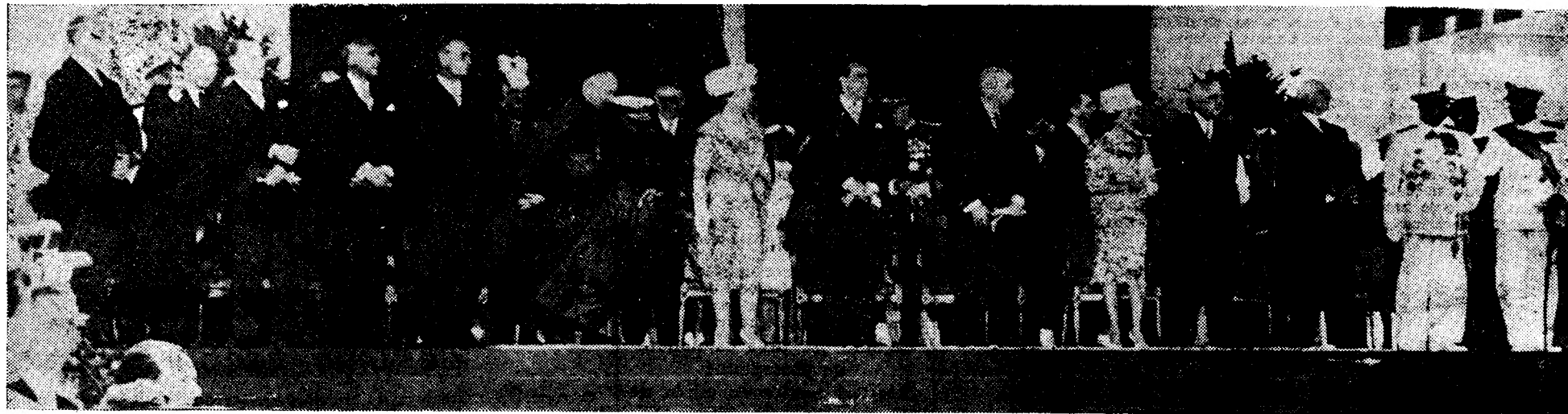
DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR—J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO



O Presidente Kubitschek de Oliveira calorosamente recebido em Lisboa

SAUDAÇÃO

Encontra-se desde hoje em terra portuguesa o Presidente da República brasileira. A visita do dr. Juscelino Kubitschek, no momento em que Portugal celebra a glória do Infante Navegador, enche de júbilo o coração de todos os Portugueses, que não podem ficar indiferentes à honra excepcional que o Chefe do Estado brasileiro confere ao nosso País, fazendo esta viagem numa altura em que um acontecimento político da maior transcendência exigia a sua presença no Brasil e criou, num dado momento, dificuldades que chegaram a julgar-se insuperáveis para a sua deslocação a Portugal.

Felizmente que todos os obstáculos se removeram, graças à boa vontade que o Presidente Kubitschek nunca deixou de mostrar e ao seu desejo, tantas vezes manifes-

(Continua na 14.ª página)

«Inesquecível»

— disse-nos em Queluz
o Presidente Kubitschek
a propósito da recepção
que teve em Lisboa

Durante a recepção ao corpo diplomático, no Palácio de Queluz, o Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, falando ao redactor do «Diário de Lisboa», afirmou:

«A recepção que o povo português me dispensou, esta tarde, foi a coisa mais fabulosa que jamais vi. Inesquecível. Direi no meu País que tudo isto foi um deslumbramento. Saírei daqui cada vez mais escravo de Portugal».

Depois, em conversa com alguns dos diplomatas presentes, falou de Brasília e referiu-se ao seu objectivo de integração nacional do país na conquista das florestas.

Visado pela
Comissão de Censura



AO ALTO DA PÁGINA: os dois Chefes de Estado, com as individualidades que assistiram ao desfile no Terreiro do Paço. EM BAIXO: o presidente Juscelino abraça o almirante Américo Tomás ao chegar ao Cais das Colunas

Lisboa vibrou hoje intensamente com a chegada do presidente da progressiva democracia brasileira, figura gentil de homem de Estado de grandiosas concepções que, num belo acto de amor ao berço das duas Pátrias irmãs, veio acrescentar com a sua nobre presença o brilho das Comemorações Henriquinas.

Logo ao começo da manhã, que despertou serena, com o Sol a brilhar por entre escassos farrapos de nuvens, a população da capital assistiu, com viva curiosidade, ao des-

file de forças militares, que, com suas bandeiras e estandartes, bandas de música e fanfarras, esquadrões motorizados e flamulas rubras de lanceiros, convergiam para o Terreiro do Paço, onde o povo dava já largas à sua alegria, vendo-se cabeças curiosas debruçadas das janelas e até vultos nos telhados.

Em frente da tribuna erguida ao alto do Cais das Colunas, tomou lugar o comando da formatura, a cargo do general Luís Domingues, governador militar de Lisboa, que tinha como chefe do seu Estado-Maior o coronel Daciano de Barros.

Ao fundo da vasta praça, de Ocidente para Oriente, formaram cinco batalhões: da Escola Prática de Administração Militar; do Regimento de Engenharia 1, do Bata-

lhão de Telegrafistas e do Grupo de Companhias de Trem Auto; um, dos regimentos de Lanceiros 2 e de Cavalaria 7. Todas estas tropas, com os seus cavalos, as suas lanças, as suas flamulas vermelhas, os seus vistosos uniformes, compunham um belo painel multicolor, emoldurado pelo arco triunfal da Rua Augusta e pelos mastros e bandeiras que em torno flutuavam. Ali se encontrava ainda um batalhão do Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, de Queluz; e um dos regimentos de Artilharia Leveira 1 e de Artilharia de Costa.

Ladeando o monumento a D. José I, viam-se oito fanfarras, à frente das quais se colocaram sucessiva-

(Continua na página central)

Ao realizar esta visita a Portugal trago uma mensagem de afecto de 70 milhões de Brasileiros — declarou hoje o Presidente Kubitschek de Oliveira ao chegar ao nosso País.

A baía de Lagos coalhada de navios de guerra de catorze nações

por MAURICIO DE OLIVEIRA

A BORDO DO CRUZADOR ESPANHOL «CANARIAS», Baía de Lagos, 6 — Quando, esta manhã, a proa alta do «Canárias», dobrada a Ponta da Piedade, meteu de rumo à baía, seguido pelos contratorpedeiros «Ulloa» e «José Luis Díez», quando já se apagavam os últimos faróis rebrilhantes da costa, abriu-se na nossa frente o panorama da vasta reentrância do litoral algarvio pejada de naves de guerra das mais diversas nações. Forma a guarnição do «Canárias», a bandeira portuguesa sobe a tope e a artilharia começa a troar compassadamente. Estrujem os acordes marciais da «Portuguesa» tocada pela banda de bordo. Na ponte alta, em continência, o almirante Pascoal Cervera, comandante-chefe da es-

(Continua na 7.ª página)

Diário de Lisboa

publica hoje 32 páginas

que incluem:

MAGAZINE • JUVENIL

• DE UMA SEMANA

PARA A OUTRA • DIZ

O MÉDICO...

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

REORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO

O programa de reorganização do Exército em curso atende aos métodos de simplificação administrativa hoje em voga, sobretudo para maior rendimento e eficiência dos militares, num momento particularmente agudo da vida nacional, como é este em que sobre as nossas províncias do Ultramar impendem ameaças, que exigem vigilante atenção. Tal o sentido do discurso que, no acto de posse dos novos ajudante-geral (general Silva Freire) e subchefe (brigadeiro Andrade e Silva) do Estado-Maior do Exército, ontem pronunciou o ministro do Exército. Disse expressamente o sr. coronel Almeida Fernandes que se criou definitivamente no Exército um espírito favorável ao programa de reorganização e de actualização em curso. E tal é importante e desejável.

FEIJE DE NOTÍCIAS

TENTARAM apanhar cinquenta contos a um comerciante de Odiveiras (sr. Luciano Martins), oferecendo-lhe o dobro da quantia, mas em moeda falsa. Para velhaco, velhaco e meio: o sr. Luciano fez-se de parvo e avisou a G. N. R. Foram presos os três espertalhões, um deles, aliás, espertalhona: Maria de Lurdes Pereira, de 34 anos; Francisco dos Santos, de 52; e José Marques Correia, de 32.

* Próximo de Ficalho, na herdade das Bernardas, de que é rendeiro o sr. António Lopes Colaço, arderam mais de 1.000 oliveiras e dois moios de centeio. A fatalidade toma no Alentejo a forma fúgida e cruel das chamas. E quando chega, devasta, deste modo, a terra e os corações.

JORNAL PEQUENO

PRÓXIMO da aldeia de Falheiros, no concelho de Murça, morreu num desastre o negociante sr. Símpcio José Pires, de Paredes de Parada (Bragança), cujo automóvel se despenhou por uma ribanceira.



É DAQUI!
o WHISKY cuja
supremacia
está no
paladar

o Whisky escocês apropriado ao paladar português

Diário da

Começou a funcionar a estação dos C. T. T. de Santo António na Costa da Caparica

Começou a funcionar a nova estação dos C. T. T. de Santo António, na Costa da Caparica, que ficou instalada em edifício próprio, recentemente construído para o efeito, na Avenida do Oceano, uma das melhores artérias daquele aglomerado urbano. Trata-se de um importante zona de veraneio, nesta quadra do ano bastante povoada.

No Hospital de Almada Cortou a mão esquerda ao defender-se do marido

Quando tentava defender-se do marido, que entrara em casa, cerca da meia-noite, completamente embriagado, feriu-se com uma faca na mão esquerda a sr. Vicência Marques, de 33 anos, residente em Almada, a qual, depois de suturado o ferimento regressou a casa.

Colhido por uma camioneta de passageiros

João Rodrigues Tavares, casado, morador na Charneca de Caparica, mestre de obras, foi colhido por uma camioneta de passageiros, que não se deteve, ao vir da sua residência para Almada, onde trabalha.

Tendo sido radiografado e tratado no Hospital de Almada, seguiu para sua casa, por não apresentar contusões graves.

EXONERAÇÃO

do vice-presidente do Município de Azambuja

Foi exonerado, a seu pedido, de vice-presidente da Câmara Municipal de Azambuja, o sr. Albano Ferreira Pinto Basto.

OUTRA BANDA



A fachada do novo posto de C. T. T.

O Seixal precisa de uma Escola Técnica

O concelho municipal do Seixal entregou ao presidente da Câmara uma exposição na qual manifesta a sua concordância pelas diligências realizadas no sentido de se dotar o concelho de uma escola técnica, indispensável à formação da sua juventude, ao mesmo tempo que aponta a urgência em se conseguir essa relevante melhoria para elevação do nível de vida local.

Essa campanha de boa vontade, da iniciativa da Câmara do Seixal, para dotar o concelho com uma escola técnica, tem sido secundada por todas as classes da população.

Após os estudos preliminares, o Município resolveu remeter uma pormenorizada exposição ao titular da pasta da Educação acentuando que a edilidade possui um edifício que poderia, mediante um dispêndio pouco elevado, ser adaptado por forma a funcionar como estabelecimento de ensino secundário (escola técnica), inicialmente apenas para o ciclo preparatório, com vista ao

O PAGAMENTO

das pensões de aposentados dos C. T. T.

Os serviços de tesouraria da Caixa Geral de Aposentações, na Rua Tomás Ribeiro n.º 47-C, afetarão, no corrente mês, o pagamento das pensões dos aposentados da Administração Geral dos Correios, Telégrafos, e Telefones, depois da revisão prescrita pelo Decreto-Lei n.º 42950, de 27 de Abril de 1960.

Para esse efeito poderão aqueles pensionistas comparecer na referida tesouraria, no próximo dia 9, das 10 às 12 horas, para substituição dos modelos de recibo em seu poder por outros actualizados.

Cinemas

ALMADA — Incrível Almadense — A's 21: «Anibal e os elefantes» (12 anos) — Academia Almadense — A's 21 e 30: «A ponte do rio Kwai» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — Copacabana — A's 21: «Namorados em Férias» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — União Artística Piedense — A's 21 e 30: «Vikings» (17 anos).

AMORA — Cine-Teatro — A's 21 e 15: «Os que sabem morrer» (17 anos).

BARREIRO — Esplanada Luso-C. U. F. — A's 21 e 30: «O grande bluff» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Farmácia Nunes — Largo Coronel Ramos Costa, 10, Tel. 034137.

ALMADA — Farmácia Nuno Alvares — Avenida Nuno Alvares Pereira, 39-C. Tel. 070504.

BARREIRO — Normal. COVA DA PIEDADE — Cerqueira — Praça 5 de Outubro, 18. Tel. 070254.

MOTA — União Moitense — P. da República.

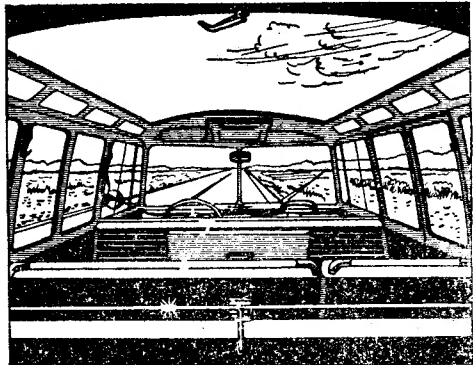
MONTIJO — Geraldês, Lda. — R. Almirante Reis, 42. Tel. 030032.

SESIMBRA — Leão — Rua da República, 51. Tel. 029025.

SETUBAL — Bocageana — Rua do Romeu, 2. Tel. 23425.



passageiros-luxo VOLKSWAGEN



VISÃO PANORÁMICA TOTAL PROPORCIONADA PELO TECTO DE CORRER, VIDROS DE PLEXIGLAS E JANELAS EM TODA A VOLTA DA FURGONETA

A FURGONETA PREFERIDA POR

- AGÊNCIAS DE TURISMO
- COMPANHIAS DE AVIAÇÃO
- HOTEIS

PELO SEU REQUINTADO LUXO E A COMPROVADA ECONOMIA VOLKSWAGEN

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

PRACA DOS RESTAURADORES, 74 — TELER. 366751 (7 LINHAS)

E SUAS FILIAIS OU AGENTES EM: ALMEIRIM, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, EVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, MIRANDELA, MONTIJO, MOURA, PORTALEGRE, PORTO, RÉGUA, SETUBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VISEU, MADEIRA, PONTA DELGADA, ANGRA DO HEROISMO E S. TOMÉ.

VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL AVISO À COLÓNIA BRASILEIRA

O Consulado-Geral do Brasil em Lisboa comunica aos Brasileiros residentes ou de passagem em Portugal que Sua Excelência o Senhor Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, os receberá as 10 horas, de terça-feira, 9 do corrente, na Embaixada do Brasil, à Rua da Emenda, 53.



HOTEL EMBAIXADOR

apresenta no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
Uma das mais expressivas intérpretes do fado

ALICE MARIA

(MAIORES DE 17 ANOS)

Distribuíram-se esta tarde no concelho de Almada milhares de exemplares do nosso suplemento editado com a colaboração da Mobil

Por todas as estradas do País circulam hoje e amanhã dezenas de milhares de exemplares do nosso suplemento-miniatura que dá origem à segunda acção directa da Campanha de Segurança Rodoviária.

Editado com a excelente colaboração da Mobil Portuguesa, o novo suplemento-miniatura é baseado nos conselhos de um grupo de motoristas profissionais exemplares que se reuniu em colóquio com representantes daquela importante empresa e do «Diário de Lisboa». Conselhos preciosos de profissionais do volante que, juntos, somam 1200 000 horas de condução e de experiência.

Os profissionais louvaram os amadores que conduzem como bons profissionais, com prudência, pericia e respeito pelos outros utentes da estrada e reconhecem que há profissionais que conduzem como péssimos amadores.

Todavia, eles chamam a atenção das autoridades, publico e automobilistas para as circunstâncias que tendem a afastar o profissional do cumprimento das regras de segurança:

Excesso de horas de trabalho. Horários a que se exige cumprimento rigoroso sem considerar circunstâncias que alteram o tráfego. Fregueses que solicitam serviço rápido para resolver problemas prementes. Estradas sem largura, com bermas ou árvores que não permitem enfiar facilmente a mão. Cargas especiais que pelo seu volume não consentem fácil manobra. Limitações de velocidade gerais e não em função dos percursos.

E sabe o que se entende por «Condução Defensiva»? A Mobil apresenta-lhe no suplemento-miniatura, 10 regras fundamentais para evitar acidentes de consequências infelizes. «Não ataque na estrada! Defenda-se!» — conclui-se.

A distribuição do suplemento pelos profissionais

Como havíamos informado, 31 000 exemplares do suplemento foram endereçados a todos os motoristas profissionais do País, para as próprias residências, através dos respectivos Sindicatos Nacionais, inscritos nas Federações Regionais do Norte e do Sul. Estas encarregam-se de distribuir pelos sindicatos de Lisboa (13 000), Santarém (2000), Setúbal (1500), Leiria (1300), Coimbra (1200), Castelo Branco (1000), Évora e Faro (800), cada, Guarda (700), Portalegre (400) e Beja (300).

A Campanha hoje e amanhã em todas as estradas

Com a estreita colaboração da magnífica organização que é a Mobil Portuguesa e o apoio sempre indispensável da Polícia de Viação e Trânsito, a nossa segunda acção directa intensifica-se extraordinariamente hoje e amanhã.

Cerca de 70 000 suplementos-miniatura circularão pelas estradas nortenhas e pelas do Algarve, com especial incidência nas da zona de Sagres, particularmente movimentada nestes dias.

A Campanha estará, também, junto de todos os condutores de veículos que saem de Lisboa, em todas as direcções.

Os preciosos conselhos dos bons profissionais serão levados até todos aqueles que circularem nessas rodovias. «Guie como um bom profissional».

Pela Estrada Marginal, na Avenida da Índia, Santo Amaro de Oeiras, Parede, Estoril, Cascais, até ao Guincho, suplementos-miniatura serão distribuídos em profusão, tal como no percurso Cáceres - Ramalhão - Sintra - Praia Grande - Praia das Maças - Ericeira - Mafra - Torres Vedras - Vimeiro - Santa Cruz.

Às 14 horas, iniciou-se na Cova da Piedade, a partir das instalações de Transportes Beira-Rio,

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBÓIOS ELECTRICOS

Sábado, 6 de Agosto de 1960

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco, predominando de Norte, o céu estava em geral pouco nublado e havia nevoeiros em algumas regiões do litoral Oeste a norte do Cabo Mondego por acção duma massa de ar transportada na circulação dum anticiclone, centrado a oeste das Ilhas Britânicas.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS (T. M. G.): Portalegre, 15°; Coimbra, 17°; Lisboa, 18°; Funchal, 21°; Faro, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 19°; na água do mar, 16°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA ATÉ AS 16 HORAS: máxima, 24°; mínima, 14°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu em geral pouco nublado. Vento fraco ou moderado de Norte. Possibilidade de nevoeiros matinais nas regiões do litoral Oeste a norte do Cabo Carvoeiro.



O sr. "H" passou por Lisboa mas não fez quaisquer declarações

O secretário-geral das Nações Unidas, Dag Hammarskjöld, passou esta tarde pelo aeroporto de Lisboa e nada disse aos jornalistas.

O sr. «H», devia vir acompanhado do seu adjunto dr. Ralph Bunch, mas este teve de ficar ainda na jovem República do Congo, onde os dois se encontravam.

Esta noite reúne em Nova York o Conselho de Segurança; e por isso um avião militar americano foi a Leopoldville buscar o sr. «H» que perdera o avião na capital do Congo.

O avião militar chegou e, na Portela, o avião da carreira esperou entretanto 1 hora e 40 minutos. O aparelho militar americano, um avião C130 — «Hércules» — da 322.ª Divisão Aérea dos U. S. A., aterrou e mal parou na plataforma, dirigiram-se para junto da escada os srs. coronel Wade, adido militar à embaixada dos U. S. A. em Lisboa; Eric Hesussler, director da Swissair; comandante Carlos Beja, director do aeroporto e os srs. drs. Pedro Pinto, que representava o ministro dos Negócios Estrangeiros, embaixador Marcello Mathias e Ressano Garcia.

SUSPEITA-SE QUE UM GRUPO de ciganos raptou uma criança de Rio Maior

RIO MAIOR, 6. — Prosseguem as investigações desenvolvidas pela G. N. R. para averiguar o paradeiro da criança ontem desaparecida de casa de seus avós em Rio Maior. O pequeno Manuel Caetano da Silva Palminhas, de 6 anos, filho de Horácio Maria Palminhas, mineiro, que está a trabalhar em Angola, e de Maria Rosa da Silva Palminhas, vivia com sua mãe em casa dos pais desta, num dos extremos da vila. A criança, morena, de rosto redondo, cabelo castanho escuro, usava, quando desapareceu, uns calções de ganga azul, com alças, e blusa às riscas. A G. N. R. mandou dragar o rio, mantendo-se as suspeitas de que o garoto foi levado por ciganos que acamparam nos arredores da vila.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e depositados no Governo Civil: uma tesoura, uma nota do Banco de Portugal, terço, vestido de chita, gravata, relógio, folha de alumínio, aro e tampões de roda de automóvel, bilhetes de identidade de Francisco da Conceição Lourenço, Maria Alice Gonçalves e Maria dos Prazeres da Conceição Ferreira; livrete de circulação do veículo AB-34-00, de António dos Santos; livro de instrução primária, porta-chaves, botão de punho de camisa.

— No Regimento de Cavalaria da G. N. R., no Cabeço de Bola, encontraram-se uma argola com chaves, achada na Rua Joaquim Bonifácio.

COZINHA VELHA

RESTAURANTE * SALÃO DE CHÁ * BAR

PALACIO NACIONAL DE QUELUZ — Telefone 950232

Comunicamos aos nossos Ex.ºs Clientes que a estadia neste Palácio de S. Ex.º o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, em nada impede o nosso serviço normal de Almoços, Chás e Jantares.

A direcção

O "Diário de Lisboa" promove amanhã mais um "Domingo Feliz"

O «Diário de Lisboa» promove amanhã mais uma jornada do seu concurso «Domingo Feliz», que tanto êxito tem alcançado entre os nossos leitores, entre os quais distribui, semanalmente, seis magníficos prémios. Como já é do conhecimento de todos, trata-se de um concurso para o qual não é necessário cumprir quaisquer regras — basta ter a

sorte de ser fotografado e, á noite, verificar no nosso jornal se lhe foi atribuído algum dos seguintes prémios:

Lista dos prémios

SINTRA

- 1.º — Produtos Parfums Dana-France: 1 frasco «Tabu», 1 frasco «Emir», 6 sabonetes «Tabu» e 6 sabonetes «Cance» da casa Pedro Augusto Franco, Ld.ª; Belíssimos «Drops» da Fábrica Rajá e 5 quilos de tinta «Bel-Plast», da Fábrica S. João de Ovar.
- 2.º — Três caixas de «Schweppes», da Sociedade Central de Cervejas.
- 3.º — 1 lote de produtos de Salsicharia da Fábrica Aveirense.
- 4.º — 1 bilhete da lotaria, da Casa Campião.

COSTA DA CAPARICA

- 1.º — Um fogareiro a gás CIDLA; Um forno «Minhon-Pluma», da Casa Pires, do Calhariz; Óptimos «Drops» da Fábrica Rajá; e 5 quilos de tinta «Bel-Plast», da Fábrica de tintas S. João de Ovar.
- 2.º — 10 discos de 78 rotações dos Estabelecimentos Valentim de Carvalho; e 1 fogareiro «Hípólito» da Casa T. J. Barros Queiroz (Herdeiros), Ld.ª.
- 3.º — 25 latas de atum «Bom Petisco», 25 latas (sortidas) de sardinhas em puro azeite, 1 quilo de café «Chave de Ouro» e 1 garrafão de vinho branco «Plateia», da Casa Vilarinho & Sobrinho, Ld.ª.
- 4.º — Um bilhete da lotaria, da Casa Campião.

COSTA DO SOL

- 1.º — Um seguro de vida temporário no valor de 20 000\$00, válido por um ano, da Companhia de Seguros Fidelidade.
- 2.º — 1 ferro de engomar «Tilley», a petróleo, com o infimo consumo de \$10 por hora da Casa T. J. Barros Queiroz (Herdeiros), Ld.ª; e uma caixa de belos «Drops» da Fábrica Rajá.
- 3.º — 12 latas de café «Luso-Brasileiro», lote «Ouro» da Torrefacção Lusitana.
- 4.º — Uma Pasta para Secretária, da Papelaria Vasconcelos.

PUBLICAÇÕES

Uma biografia do Infante D. Henrique editada pela Shell

No intuito de colaborar nas comemorações henriquinas, a Shell Portuguesa editou, para distribuição, num folheto de excelente aspecto gráfico e com uma capa da autoria de Joaquim Bertholo, uma biografia do Infante D. Henrique publicada, em 1736, por D. António Caetano de Sousa, clérigo regular e académico de numero da Academia Real de História.

«Boletim de Informação da Camara de Comércio Alemã»

Está publicado o n.º 3, correspondente a Maio-Junho, do «Boletim de Informação da Camara de Comércio Alemã», cujo sumário é o seguinte: «O êxito da I Feira Internacional de Lisboa», «O Dia da Alemanha na F. I. L.»; «A Exportação de Conservas de Peixe para a Alemanha e o Mercado Comum», «Desenvolvimento estrutural das Importações Portuguesas da Alemanha», «Pavilhão Alemão na Feira Popular do Porto», «A nova Indústria Siderúrgica Portuguesa», «Almoços de confraternização», «O comércio externo alemão», «O Drama da Paixão em Oberammergau», «Conjuntura — Aumentam os investimentos na Alemanha Ocidental», «Estatística sobre a Importação e Exportação de Portugal», «Estatística sobre a Importação e Exportação da Alemanha», «Directores das Feiras Alemãs em Lisboa», «Feiras Internacionais da Alemanha» e Notícias Diversas.

FOI CONDUZIDA

ao Hospital de S. José por uma desconhecida uma criança morta

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal o cadáver de um menor que apresenta ter um ano de idade. A criança passou primeiramente, pelo banco do hospital de S. José, onde chegou já morta. Foi ali conduzida por uma mulher, que depois desapareceu.

MINHAS SENHORAS

A Pompadour, Sede, na Rua Garrett, 28/30, inicia hoje uma Grande Venda Extraordinária de fim de estação. Todos os artigos de Boutique sofrem abatimentos de 30 a 50 %. Os restantes artigos têm o desconto de 20 %.

Saias — Calças — Carteiras — Fatos de Banho Turcos — Robes — Blusas — Combinações, etc.

ESTABELECIMENTOS

A pompadour

28, R. GARRETT, 30

ILHA DA BERLENGA

RESTAURANTE MAR E SOL

Reabriu com nova gerência do concessionário da Pousada de São João Baptista

CARREIRAS DIARIAS COM NOVO BARCO

Telefone Berlenga 3

TAPEÇARIA

Compra-se a particular, manual, antiga, c/ altura 1,75, largura de 1,50 a 1,75. Resposta — R. Rodrigues Sampaio, n.º 1 — Lisboa.

TÁGIDE

TODAS AS NOITES

O ÊXITO CLAMOROSO DE QUE TODO O MUNDO FALA!

CARMEN AMAYA

e o seu espectáculo

às 1,15 h. (MAIORES DE 17 ANOS) às 23,45 h.

PALMBEACH

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ
Telefone 27173

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)
Um filme faustoso que volta à tela no esplendor da sua extraordinária realização

RASPUTINE e a IMPERATRIZ
com Ethel John e Lionel Barrymore

EDEN
Telefone 20768

15.30 - 18.30 e 21.45 (P. 17 anos)
A verdade sobre a rede internacional de espionagem

10 ANOS DE CONTRA-ESPIONAGEM
com ERNEST BORGNINE

AVIS
Telefone 47143

A's 15.30 e 21.45 (12 anos)
Em Cinemascope

AVANÇADA PERIGOSA
com Audie Murphy e Gia Scala

CONDES
Telefone 22523

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
O mais alegre filme com o maior cômico da actualidade

CANTINFLAS NO CIRCO
De trapezista a moço de pista, ele é tudo.
com MARIO MORENO

ODEON
Telefone 26283

15.15 - 18.15 e 21.30
SEMPRE ENCHENTES
Maravilhosa história de duas irmãs com ambições diferentes

PÃO, AMOR E CADILLAC
com a escultural Sylva Koscina, Cinepanorâmico — (M. 17 anos)

CINEMA IDEAL
Telefone 24194

21.00 (M. 17 anos)
QUANDO O LEÃO RUGE
TERÇA-FEIRA NEGRA

TIVOLI
Telefone 50595

2.ª SEMANA
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M. 17 anos)
Uma sensacional e engraçadíssima comédia italiana

MULHER 3 VEZES
com Sylva Koscina e Germana Cobos

ALVALADE
Telefone 763080

15.45 (p. r.) e 21.45
SENSACIONAL (17 anos)

RASPUTINE e a IMPERATRIZ
Interpretado magistralmente por Ethel John e Lionel Barrymore

RESTELO
Telefone 618375

21.15 (M. 17 anos)
CASINO DE PARIS
/ Caterina Valente

GERRASSE
Telefone 20917

21.00 (M. 12 anos)
HERCULES E A RAINHA
O SONHO DE CINDERELA

CAPITOLIO

NO TERRAÇO
21.15 (M. 17 anos)
Preços populares

HOMEM SEM RUMO
com Kirk Douglas
ISTAMBUL — com Errol Flynn

ESPLANADA PORTUGALIA

21.30 (M. 17 anos)
Em Cinemascope
A INGENUA E O SOLTEIRO
c/ Debbie Reynolds
MISTER CORY

CASINO ESTORIS

21.30 (M. 17 anos)

O DILEMA DO MÉDICO
com Leslie Caron

IMPERIO
Telefone 55134/5

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (Adultos)
A história de uma rapariga vítima da cobiça dos seus parentes

Primorosa realização de François Villiers
NO ÚLTIMO INSTANTE
com Pascal Audret e Andrée Debar

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
Johnny Nash e Estelle Hemsley em

ORGULHO DE HOMEM
Um assunto novo, num filme diferente... humano... apaixonante...

MODERNITAT
Telefone 55131

15.15 - 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um maravilhoso filme de aventuras (M. 17 anos)
Em Technicolor

A 7.ª VIAGEM DE SINBAD
com Kerwin Mathews e Kathryn Grant

ROMA
Telefone 727778

A's 15.30 e 21.45 (Adultos)
PERIGO NA ESTRADA
com William Campbell e Mammie van Doren

CLIP
Telefone 48560

21.00 (M. 12 anos)
TONKA, O HERÓI DA BATALHA
PROVA DECISIVA

ROYAL
Telefone 865037

21.00 (M. 17 anos)
A LEI A UM PASSO DA ESCRAVIDÃO

HOTEL DA ÁGUA DA FOZ DA SERTÁ
CERNACHE DO BONJARDIM
INCOMPARAVEL LOCAL PARA REPOUSO, PESCA, DESPORTOS NAUTICOS E USO DA FAMOSA AGUA DA FOZ DA SERTÁ
NOVA ESTRADA DE ACESSO
Reserva de Quartos — Telef. 472 — Cernache

Quem era aquela garota?



UM FILME

SIM, AMO MINHA MULHER... QUE CULPA TENHO QUE AS OUTRAS SE ME LANCEN NOS BRAÇOS?

Sempre que me vejo em apuros, o meu amigo é que paga.

ADULTOS
M/17 ANOS

TONY CURTIS · DEAN MARTIN · JANET LEIGH

Quem era aquela garota?

COM JAMES WHITMORE · JOHN McINTIRE · BARBARA NICHOLS
(WHO WAS THAT LADY?)
REBITA E ADAPTAÇÃO POR NORMAN KRASNA
DIREÇÃO DE GEORGE SIDNEY · PRODUÇÃO DE ANSARK-GEORGE SIDNEY

UMA ESTREIA DE SENSAÇÃO
2.ª-FEIRA no TIVOLI

SAGRÉS

UM CIGARRO CUJA VENDA
NÃO CESSA DE AUMENTAR



3.50

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

ACABA DE SAIR:
ALMANAQUE BERTRAND
PARA 1961
1 VOLUME CARTONADO 25\$00

Ei-los de novo em luta
os dois maiores de todos



Diamantino Viseu
Manuel dos Santos

AGORA NA PRAÇA DA
FIGUEIRA DA FOZ
AMANHÃ, ÀS 17.30

ALBERTO LUIS LOPES
e

CLEMENTE ESPADANAL
A CAVALO

8 TOIROS DOS IRMAOS OLIVEIRA
PORCADOS AMADORES DE LISBOA DO EX.º SR. NUNO DA SALVAÇÃO BARRETO

— MAIORES DE 6 ANOS —



Hotel da Nazaré
RESTAURANTE

Cozinha regional portuguesa

Especialidades do Hotel
LAGOSTA A GUILHIM
FRANGO NA PUCARA

B O I T E

3.ª, 5.ª e sábados
Música de baile e danças regionais
(Maiores de 15 anos)

Informações e reservas:
Telefones 46311 e 46312

DOÇARIA CASEIRA

um Ribatejo 10\$00 — Café de Balão

UMA PEGA 6\$50

no BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D

WYK and MONIKA

provoca uma explosão de riso
através de uma volta ao Mun-
do em 80 «gags»



No palco do Ritz Club está actuando, com surpreendente êxito, uma atracção cuja categoria não tem rival no Mundo: «Wyk and Monika». Pareilha de grande prestígio, com uma carreira de consecutivos triunfos que a tornaram, simultaneamente, famosa e incomparável, pela revelação do seu prodigioso arsenal de fantasia burlesca, enfileira entre as mais raras celebridades que têm vindo a Portugal. Quer pela originalidade dos seus processos truanescos, quer pela exuberância da sua veia humorística e, ainda, pelo poder de domínio que exerce em fazer das suas criações um verdadeiro pandemónio de riso, «Wyk and Monika» constitui, dentro do panorama do «music-hall» moderno, uma atracção que os mais ousados empresários estrangeiros, sempre á cata de novidades de sensação, têm pago a peso de ouro. Agora, em Lisboa, devido à iniciativa do activo proprietário do Ritz Club, sr. António de Araújo, que não se poupa a sacrifícios para apresentar as mais reputadas celebridades da hora actual, «Wyk and Monika» alcançaram um êxito que reveste foros de grande acontecimento, depois de terem actuado, com os mais rasgados louvores da crítica, nos «dancings» e «boîtes» de primeiro plano da Europa e América. A arte da extraordinária pareilha tornou-se inconfundível. Tudo nela se subordina a uma concepção burlesca, que lhe valeu criar um «show» tão desconcertante como denso de imprevisto, que representa uma volta ao Mundo através de 80 «gags», cada um dos quais constitui um rastilho para provocar uma explosão de gargalhadas. Ballarinos fantasistas e acrobáticos, cantores excêntricos e parodistas de grande talento e subtil observação, «Wyk and Monika» interpretam uma série de «sketches» valorizados por um magnetofone, que lhes permite obter os mais surpreendentes efeitos em estereofonia. No vasto numero dos «sketches» há alguns que merecem ser referidos, com a paródia ao «Figaro», do «Barbeiro de Sevilha»; e a do «Rififi» visto por americanos; a imitação do professor russo de violino, o sapateado à maneira de Fred Astaire e, ainda, um «strip-tease» mimado com inextinguível perfeição. Durante trinta minutos, a actuação de «Wyk and Monika» é sublinhada por ininterruptas gargalhadas. Este êxito justifica, que se felicite o empresário do «Ritz Club», sr. António Araújo, por ter proporcionado ao publico o feliz ensejo de ver e anular uma das raras novidades do «music-hall», moderno.

CARTAZ DO PORTO

Espectáculos de amanhã
COLISEU — As 21 e 30 — «A Volta ao Mundo em 80 dias».
AGUIA DE OURO — As 15 e 20 e 21 e 30 — «Cinzas do passado».
SÁ DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Lua-de-mel».
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Savonara».
SÃO JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Morte de uma testemunha».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A casa dos sete gaviões».
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Vento selvagem».
OLÍMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Um herói do Far-West» e «Signo das armas».
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A vingança».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «A selva» e «Alta costuras».
CASINO DA PÓVOA — Variedades.
CASINO DE ESPINHO — Variedades.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- Após o regresso de Laura Alves e do encenador espanhol António Cabo, que se encontram em Londres, devem começar no Teatro Monumental, os preparativos da montagem da peça musicada «Boa noite, Bettina».
- O Teatro Avenida, que continua a ser explorado pela empresa Vasco Morgado, só deve reabrir no início da época de Inverno.
- O ensaíador Virgílio Macieira está a dirigir o espectáculo evocativo da figura histórica do Infante que está a realizar-se nos Jerónimos.

No Ultramar

- * Na provincia de Angola está a actuar a companhia de comédias «Teatro Alegre», conjunto formado por Badaró, Déo Maia, Irmãos Guarás e Odyr Odilon.

Primeiras exhibições

«10 anos na contra-espionagem», no Eden

Sobre um argumento de John Kafka e Virginia Shaler, tirado do livro «Ten years a conterspy», de Boris Morros, Andre de Toth realizou «Man on a string», que em Portugal recebeu o título igual ao do volume. Ernest Borgnine, lançado em «Marty», interpretam a figura do espião internacional que habitou durante dez anos, num mundo de corrupção, de ódio e de crime. Se muitos tombaram, no cumprimento do seu dever ou na tentativa de alcançar fins mais ou menos obscuros, este homem, cuja vida esteve em perigo em todas as latitudes, em Nova York como em Moco, em Paris como em Berlim, em Los Angeles como em Viena viveu para relatar uma prodigiosa aventura.

Nem todos os lances desta história surpreendente têm o cunho da verosimilhança. Necessidades de ordem literária, no livro, exigências de espectacularidade cinematográfica, no filme, terão dado à intriga uma feição excessivamente equilibrada e convergente. No entanto, perpassa em todo o filme uma atmosfera de veracidade. A hábil tradução de factos dispersos numa narrativa convenientemente estruturada dá à película um interesse excepcional.

Além de Borgnine, vemos Kerwin Mathews Colleen Dewhurst Alexander Scourby e Glenn Corbett, em figuras magníficas de densidade psicológica.

Bons documentários. — M.

«Avançada Perigosa», no Avis

Tem interesse e sua moral o filme que o Avis oferece em estreia, «Avançada perigosa», arriscada aventura de um rapaz que andava por maus caminhos e se atreve a penetrar numa cidade para assaltar um Banco. Julgando tratar-se de um «sheriff» famoso, o juiz da cidade, um tipo magnífico, investe-o na função, e dá-lhe casa e avarinha-o, e aquele rapaz começa a

Histórias indiscretas



Helena Félix

generosidade, que são, no seu meio, qualidades preciosas e não muito comuns.

Pedindo-lhe nós insistentemente uma história indiscreta a seu respeito, de nada se lembrou que valesse a pena... Mas logo se recordou de um incidente ocorrido há dias numa das ultimas representações de «Maribel» em que a protagonista é afinal... Palmira Bastos.

Foi o caso que um senhor de meia idade, de aspecto correcto e elegante, ao terminar o espectáculo e no momento em que rebentavam as ovações, desceu pela coxia central até à primeira fila, e aí estacou, diante do palco e pediu a palavra, erguendo os braços. Declarou que era do Minho, com muita honra, e, interpondo os actores, dirigiu a Palmira Bastos uma comovida e florida saudação. «V. Ex.» é uma autentica glória do nosso teatro. Só lamento que a gente do Minho não possa vê-la, como nós aqui a vemos, deslumbrando-nos com a sua arte.

Os aplausos aumentaram, reboaram por todo o teatro. «E não houve nisso tudo a menor sombra de combinação: aconteceu com a maior pureza...».

sentir a obrigação de corresponder lealmente e de se tornar homem sério. Há uma mulher que duvida entre o amor dele e o de um bandido que vem depois assaltar o Banco, e existe a presença de um garoto esperto e bondoso, e das reacções de todos resulta um filme interessante, em cinemascopo e bem interpretado por André Murphy, Gia Scala, Walter Mathew, Henry Silva e outros. — Visor 70.

Coliseu

Espectáculo para as multidões!
«O homem da máscara de ferro» e «Bandidos», um «western». Hoje, às 21 e 30

Os três mosqueteiros salvam o trono de França! O mais empolgante romance de Alexandre Dumas numa adaptação magistral de Louis Hayward e Joan Bennet em «O homem da máscara de ferro». As espadas escrevem o destino de um país! Quem é o misterioso mascarado. «Bandidos», uma obra-prima de King Vidor, em technicolor, com Glenn Ford e Randolph Scott. Hoje, às 21 e 30. Amanhã, às 16 e às 21 e 30 horas.

Venda de flores

Por motivo das obras da estação central do metropolitano o mercado de Levante da venda de flores, que estava instalado na Praça da Figueira, foi transferido para o Rossio, lado Sul.

«SOM E LUZ» no MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

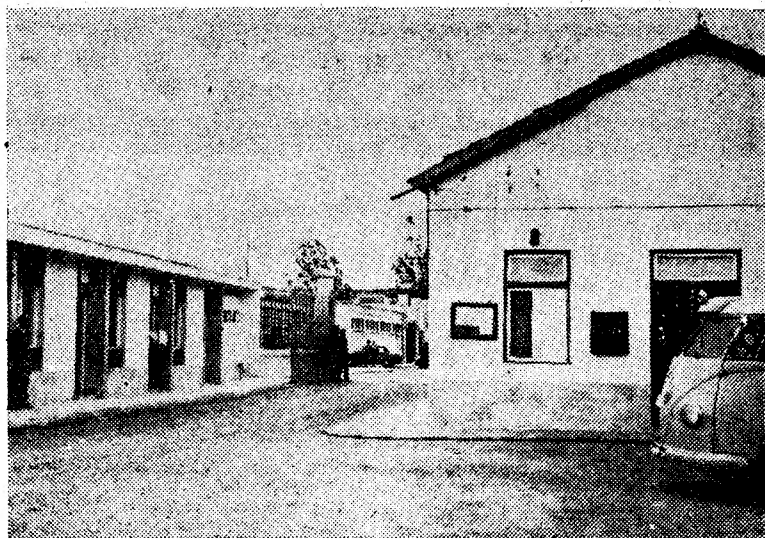
NUM ESPECTACULO EVOCATIVO DA FIGURA HISTÓRICA DO INFANTE DE SAGRES

HOJE: Galeria superior, lugares sentados 30\$00
Jardim, lugares sentados 15\$00

MAIORES DE 6 ANOS A'S 22 HORAS

Os militares com uniforme, os estudantes portadores de bilhetes de identidade e os menores de 15 anos, beneficiarão de um desconto de 50% no preço da entrada.

POR MOTIVOS DE ORDEM TÉCNICA, NÃO É PERMITIDA A ENTRADA DEPOIS DO COMEÇO DO ESPECTACULO



As novas casas da Doca da Marinha

A Doca da Marinha está a ser beneficiada

A Doca da Marinha está a passar por importantes remodelações. Desapareceram quase todos os velhos barracões e, em sua substituição, ergue-se agora uma ala de novos edifícios. Ali será instalado, em breve, o pessoal e os respectivos Serviços Portuários. Há ainda um gabinete para o primeiro-comandante, duas salas para oficiais, sargentos e praças.

A Doca da Marinha tem, também,

presentemente, um posto do S. N. I. e outro de um estabelecimento bancário, os quais funcionarão provisoriamente durante as Comemorações Henriquinas.

No que respeita às obras de remodelação da Base Naval de Lisboa, que igualmente estão a decorrer, elas englobam a instalação de uma estação dos C. T. T. no Alfeite, falta que há muito se fazia sentir.

DIZEM OS LEITORES

Um nome mutilado por erro de uma Conservatória

De um leitor, sr. Dagoberto Cardoso, recebemos a carta que reproduzimos, na qual nos dá conta de um problema, para ele grave, levantado pela falta de coordenação entre duas conservatórias do Registo Civil.

«Pedi na 8.ª Conservatória do Registo Civil uma certidão de nascimento para bilhete de identidade, que me foi passada com data de 11 do corrente. Nela se descreve que estou casado com Aida da Conceição Santos Mendão, quando o nome da minha mulher é Alda. Chamada a atenção dos serviços respectivos para o facto, foi-me dito que era o nome de Aida que constava dos seus registos, conforme comunicação recebida em devido tempo, por officio, da 3.ª Conservatória, onde havia sido efectuado o registo civil do casamento, pelo que lhe iam officiar para confirmarem que era Alda e não Aida. E que, depois de recebida a resposta, rectificariam a certidão. Eu mesmo me prontifiquei a levar o officio á 3.ª Conservatória, a qual, por officio de 19 do corrente, comunicou á 8.ª Conservatória que o nome que constava dos seus registos era Alda da Conceição Santos Mendão. Parece pois que o assunto estaria arumado, mas não. Na 8.ª Conservatória foi-me dito, em 25 do corrente, que não bastava o officio da 3.ª Conservatória, que era preciso organizar um processo, que o assunto tinha que ir para a Direcção-Geral e que, entretanto, tinha que esperar! Reclamei, discuti, mas nada mais obtive do que a indicação de passar «por lá» daqui a uns 15 dias. Precisava do bilhete de identidade com urgência, pois devia partir domingo para a Suíça e tinha que tirar portanto o passaporte. Quem é que tem culpa de se ter trocado um «l» por um «a»? A 8.ª Conservatória diz que a culpa é da 3.ª que comunicou mal. Esta, por sua vez, diz que é da 8.ª que leu mal a comunicação, pois «não eram obrigados a fazer letra de imprensa». Quem não tem culpa sou eu. Parece-me que a 8.ª Conservatória está a exceder as suas funções. Como o casamento foi efectuado na 3.ª, é a esta

Os transportes entre Belém e a Trafaria

A propósito do encalhe do navio «Sempre Fixe» e do trabalho do pessoal dos navios que fazem o transporte para a Outra Banda escreve-nos «um leitor» dizendo que os navios não são em numero suficiente e que vão superlotados.

Descreve o espectáculo que presenciou no «Domingo por volta do meio-dia»: «Na estação de Belém tomei um barco para a Trafaria. ia superlotadíssimo. O publico começou a entrar, a entrar até mais não poder».

O nosso leitor chama a atenção para o facto, «a gente na própria casa do leme». E' que mais vale prevenir do que remediar e os desastres devem ser prevenidos e não só lamentados.

Fumos toxicos

«Sr. director: — A propósito da «Nota do dia» do «Diário de Lisboa» de 22-7-60, cheia de interesse, como o são todos os assuntos tratados nessa rubrica do vosso grande e construtivo jornal, peço licença para localizar algumas fontes de fumos alcateados que são as chaminés dos hospitais dos Capuchos e de Santa Marta. Esta informação pode ser facilmente testemunhável de qualquer ponto alto da cidade de Lisboa ou pela vizinhança dos Capuchos, que vem suportando de longa data os sufocantes fumigatórios.

Esta anomalia injustificada no sosso tempo pode ser, creio, facilmente solucionada substituindo o actual combustível dos fogões dos referidos hospitais por gás ou electricidade.

Se para já não houver verba para substituir os fogões actuais, talvez fosse vastajoso o uso de lenha em vez de briquetes, em virtude dos seus fumos serem mais aromáticos... e menos nocivos á saúde publica.

Não poderia V. chamar a atenção do Ministério da Saude e Assistência para este caso? De V. etc. — S. Matos».

A AZULEJARIA do século XIX

CALDAS DA RAINHA, 6.—Com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, realiza hoje, às 21 e 30 horas, no Museu José Malhoa desta cidade, uma conferência do sr. eng.º J. Santos Simões. Versará o tema: «A Azulejaria Portuguesa do século XIX—Fachadas ceramicas».

DESPORTOS

Magnífica segunda jornada com uma vitória para cada lado nos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros

A segunda jornada dos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros teve por cenário o Pavilhão dos Desportos de S. João da Madeira. Tal como sucedeu no Porto, também se notaram falhas na organização. A jornada principiou tarde e terminou alta madrugada.

Pois, apesar disso, o publico, que encheu o recinto, jamais arredou pé, numa demonstração plena de que o espectáculo lhe agradava.

Mais uma vez — honra seja feita aos organizadores pelo acerto do acausamento das modalidades — as vitórias repartiram-se e ambas as equipas vencidas tiveram, mesmo

regular de Fernando Magalhães e José Machado.

O resultado final cifrou-se em 3-2 para o Brasil com os seguintes parciais 16-14, 15-13, 9-15, 10-15 e 15-10.

As equipas alinharam:
BRASIL — Alvaro, Urbano, Ramalho, Silvério, Valdemir, Moraes e Feitosa.

PORTUGAL — Jaime, Xara, António Augusto, Mariz, Fernando Monteiro, Salvador, Raul Costa, José Borges e Costa Silva.

Em handebol, vitória de Portugal por 23-14

De início, a rapidez dos ataques brasileiros surpreendeu, mas no segundo tempo, com a equipa a carburar quase em pleno, pôde constatar-se que os nossos amigos brasileiros ainda têm um jogo um tanto ingénuo, constituindo os portugueses uma formação demasiado forte.

No dia em que os Brasileiros conseguem criar o contra-ataque e possuem rematadores a meia-distância as suas possibilidades aumentam.

Nomes a distinguir: Póvoas, dr.

Augusto, Adelino e F. Dias, entre os Portugueses, e Carvalho Rahal e Lieppo, entre os Brasileiros.

Arbitragem de Francisco Seabra sem dificuldades.

Alinharam e marcaram:
PORTUGAL — Ferra (Adelino), Augusto (6), César (5), Madureira (3), Póvoas (1), Jorge (1), Dias (4), Coelho (3), Mendes e Pintado.

BRASIL — Carvalho, Dutra, Palmeiro (1), Roberto, Rahal (8), Roseli (2) e Lieppo (3).

Resultado da 1.ª parte: 8-9.

NUNO MOTA

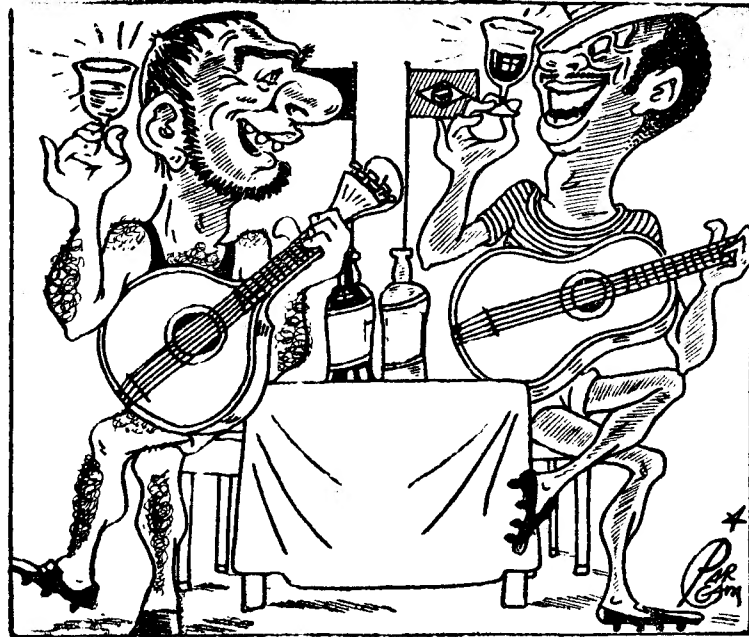
A actividade de hoje

De tarde, na Figueira da Foz, primeira jornada de natação. Em Aveiro, primeira prova de reino.

A noite, às 21 e 30 horas, festival de ciclismo, no Estádio José Alvalade, e, em Aveiro, jogo de basquetebol entre o misto Rio-São Paulo e a selecção de Aveiro.

No Porto, a equipa de São Paulo enfrenta a selecção regional, em voleibol.

Em S. João da Madeira, hóquei em patins entre um grupo brasileiro e a A. D. Sanjoanense.



Os jogos Luso-Brasileiros estão a decorrer em franca confraternização

A representação de Portugal nos Jogos Olímpicos já está designada

A lista definitiva dos nossos atletas é a seguinte:

VELA (14) — Gonçalo Pinheiro de Melo, Joaquim Pinto Basto e Carlos Ribeiro Ferreira (dragões);

Mário Quina e José Quina («stars»); Duarte Belo, Fernando Belo e Julio Gourinho (5,50 m.); Carlos Braga e Gabriel Lopes («Flying Dutchman»); Helder Soares de Oliveira («Finn»); Jacome Pinto Ribeiro, Mendes de Almeida e António Mardel Correia (suplentes).

NATAÇÃO (5) — Regina Veloso (200 m. bruços); Eduardo de Sousa (400 e 1.500 metros); Luis Vaz Jorge (200 m. mariposa); Raul Cerqueira (100 m. costas) e Herlander Felga Ribeiro (100 m. livres).

LUTA (4) — José António Gregório (levíssimo); Orlando da Luz (meio-leve); Luis Vieira Caldas (médio) e Luis Paquete (pesos e halteres).

GINÁSTICA (4) — Hermenegildo Candeias, Dália Sammer, Helena da Cunha e Esbela da Fonseca.

TIRO (9) — Manuel Pereira da

(Continua na 12.ª página)

HOJE À NOITE

DESPORTO CORPORATIVO — 16.º Campeonato Nacional de Natação (distrital de Lisboa), da F. N. A. T., na piscina de Algas, a partir das 21 e 30 horas.

HANDEBOL DE SETE — Continuação do Campeonato do Sul da 2.ª Divisão: Belenenses-Vilafrancesa e Estremoz-Ateneu, nos rinques dos primeiros, às 22 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Últimos encontros da fase final do campeonato de juniores: Sporting-Campo de Ourique e Benfica-Paredes, nos rinques dos clubes indicados em primeiro lugar, às 22 horas.

JOGOS DESPORTIVOS LUSO-BRASILEIROS — Na pista de Alvalade, provas de ciclismo.

OUTRAS PROVAS DE AMANHÃ

ATLETISMO — 2.ª e última jornada do Portugal-França do Sudoeste, no Estádio de Alvalade, às 16 horas.

CICLISMO — Circuito da Curia, 60 voltas ao Parque (70 quilómetros), disputado em critério, pelos melhores corredores nacionais, às 16,30 h.

Prova de populares, em Vila Franca de Xira, às 9,30 horas, na distancia aproximada de 80 kms., com partida e chegada na Rua 1.ª de Dezembro (junto à linha férrea).

HIPISMO — Terceira e última jornada do III Concurso Hípico da Ericeira, com três provas, entre as quais o «Grande Prémio».

MOTORISMO — Prova Mista do Restelo, organizada pelo Belenenses, no Restelo, às 10 horas.

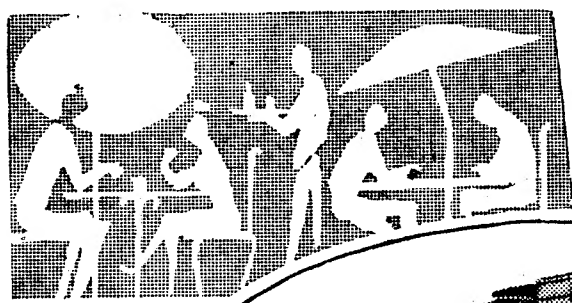
NATAÇÃO — Na piscina do Pedrouços, às 16 h., 1.ª jornada do torneio regional de escolas de nadadores (infantis).

PESCA DESPORTIVA — Concurso Internacional e Taça de Portugal, no Rio Lis, em Leiria.

TIRO A CHUMBO — Última jornada da série de provas de tiro aos pratos, na Ericeira, às 9,30 h., prova de ensaio; às 11 h., Campeonato de Portugal.

Ar. Sol... e Toddy frio!

No Verão, TODDY FRIO completa a acção fortificante do ar livre e do sol. TODDY FRIO tira o calor, reanima e alimenta deliciosamente!



TODDY contém — porque contém mesmo! — tudo o que é necessário para manter-se em forma, purificar o sangue, fortalecer o cérebro, os nervos, os dentes e os ossos e aumentar a resistência física.



UMA LATA DE

Tenha sempre à mão um jarro de riquíssimo TODDY frio para refresco ou merenda e também para oferecer às visitas como bebida alimentícia e económica.

TODDY tem cálcio, ferro, fosfatos, proteínas, carboidratos e vitaminas, cientificamente dosados, para render o máximo de nutrição.

TODDY diz a verdade.

VENDE-SE E SERVE-SE EM TODOS OS BONS ESTABELECIMENTOS
EM CASA É UMA FONTE PERMANENTE DE SAÚDE, ENERGIA E PRAZER

assim, motivo de jubilo pois superaram, em muito, o que delas se aguardava. Quer dizer, o espírito dos Jogos — a igualdade entre os desportistas dos dois países — esteve patente nos resultados e nas exibições

Em voleibol, vitória do Brasil por 3-2

A principiar, defrontaram-se os «seis» de voleibol do Brasil e de Portugal. Esperava-se muito dos Brasileiros e muito pouco dos Portugueses. Final, deu-se precisamente o contrário. Enquanto os visitantes apresentaram o «team» de São Paulo, integrado do melhor jogador brasileiro de momento — Urbano — e, portanto, um conjunto susceptível de render menos, como, aliás, sucedeu, do que as duas seleções do Brasil que já defrontámos, os Lusitanos muito embora talvez não tenham também apresentado o seu melhor constituinte ainda assim um grupo superior em relação aos ultimamente apresentados.

Daqui resultou um encontro nitidamente equilibrado, equilíbrio esse que só foi desfeito no 5.º «set», cremos por carência dos Lusitanos.

De qualquer modo, um agradável jogo, com lances espectaculares ao máximo e em tudo digno do volei dos dois países.

A equipa brasileira, com seis elementos «a penetrar ao serviço», na posição n.º 1, impressionou pelo ataque, com algumas combinações interessantes, e pela defesa (3x3), com realce para a magnífica entrada dos elementos da rectaguarda.

No bloco e no serviço, os visitantes mostraram-se vulgares e no ataque, se bem que muito rápido, pecaram pela utilização sistemática do braço direito e pela ausência do «amorti» e de lances de segundo toque.

Os Portugueses, jogando no seu sistema habitual — meia-penetração — tiveram os seus pontos fortes no serviço, no ataque e, especialmente, no bloco que terá agido como poucas vezes o fez.

Se a equipa tem começado com melhor angulo de passe — o atrazo evita o bloco, mas para nós diminui o poder de remate — poderia até agora estar a vangloriar-se de um resultado magnífico. Mesmo assim o seu trabalho satisfaz plenamente e excede aquilo que está dentro das nossas possibilidades.

Dos jogadores em luta, distinguiram-se nos vencedores, o já citado Urbano e o ex-junior Feitosa, sem duvida já titular do melhor «seis» do Brasil.

Entre os Portugueses, Mariz, Fernando, Fernando Monteiro, António Augusto e Jaime Duarte foram, pela ordem, os melhores. Os restantes abaixo do seu valor. Arbitragem

Visão de Lagos na véspera do desfile naval

(Continuação da 1.ª página)

fumado pela névoa de um dia que promete ser quente, surgem outros navios de Armadas estrangeiras, em demanda do fundeadouro. É um espectáculo maravilhoso que não se repete com frequência. Soam clarins, sucedem-se as continências. Há binóculos assentados para terra — o velho burgo algarvio onde se albergaram, em outras eras, grandes de Portugal.

Havíamos feito uma excelente travessia desde o Tejo até ao Algarve, com uma noite serena, estival, sob um firmamento limpo, povoado de milhões de estrelas. Toda a gente vinha satisfeita a bordo do «Canárias», por trazer a bandeira da Espanha a esta histórica revista naval das Comemorações Henriquinas. Uma palavra devo igualmente ao almirante Alfonso Colomina, 2.º chefe do Estado-Maior da Armada espanhola — um espanhol que fala português como nós — e que primou também, a bordo do «Canárias», em me cumular de amabilidades. A ele e aos seus camaradas Pascual Cervera e Díez Pache, um sinceríssimo «muito obrigados».

O grande cruzador de 10 000 toneladas — todo ele construído por espanhóis, em Ferrol, no ano de 1936 — fundeia o seu casco de 195 metros (pouco mais pequeno que o paquete português «Infante D. Henrique») diante de Lagos em festa.

Correram celeres as primeiras horas matinais, com o acordar da velha cidade e a largada dos pescadores para a sua faina. Um Sol que prometia escaldar, dardejando sobre as águas quietas que reflectiam arosas velas brancas e pesados cascos cinzentos. O «Des Moines», para o qual me vou dirigir, já salvou a terra e lançou ferro mais ao largo, na zona destinada aos navios de maior porte. Desdobra-se agora diante dos meus olhos extasiados o panorama magnífico da grande esquadra internacional, projectada nas falésias douradas do litoral algarvio. Muitos dos quarenta navios que amanhã desfilarão diante da escarpa abrupta do Promontório Sacro, já lançaram as suas ancoras aos fundos arenosos da baía, enquanto outros se dividam ao longe, em vários rumos, a convergir para o vasto ancoradouro. A larga reentrância da costa, sem vento, era um grande espelho de água azulíssima, serena, qual tampo de cristal onde as naves de guerra reflectiam fielmente suas manchas cinzentas, seus mastros, suas chaminés fumegantes, suas fardas brancas de marinheiros agrupados á proa para a manobra de fundear. A cidade de Lagos, alvinitente, com a sua nova e magestosa avenida beira-mar, construída em poucos meses, mercê de um grande esforço ao qual ficará ligado o nome do ministro Arantes e Oliveira — autêntica artéria de uma grande urbe, recortava-se num céu de esmeralda sob um deslumbrante arco-íris de bandeiras. Respirava-se ambiente de festa. Passavam os barcos de pesca engalanados. Os navios de guerra portugueses encarregados da patrulha do ancoradouro e das imediações deslizavam cortando as águas como laminas e deixando esteiras de espuma, extensas, imóveis, em sulcos brancos por sobre o mar.

AS FESTAS

do concelho de Cinfães

CINFÃES, 6. — Principiaram hoje as tradicionais festas do concelho, que este ano devem trazer à vila considerável afluxo de forasteiros.

Do programa constam vários números folclóricos e musicais, arraias e feira franca.

A comissão não se tem poupado a esforços para tornar os festejos conhecidos do País inteiro — e já são muitos os forasteiros que visitam esta linda região e voltam depois sempre acompanhados, aumentando, assim, de ano para ano, o interesse que tais festas vêm despertando.

NOVO TESOUREIRO da Fazenda Pública de Abrantes

ABRANTES, 6. — Tomou posse do lugar de tesoureiro da Fazenda Pública deste concelho, por promoção à 1.ª classe, o sr. José Catarino de Matos Condeixa, que exercia funções na Chamusca.

O acto de posse foi muito concorrido, usando da palavra os srs. Tude Monteiro, chefe da Secção de Trela, chefe da secretaria da Câmara, agradecendo no final, o empossado. Trata-se de um funcionário distinto, que já deu sobejas provas da sua competência e dignidade, pelo que está de parabéns o concelho de Abrantes.

O cenário era, na verdade, de uma rara beleza. Há quantas décadas, Lagos não vivia uma hora como aquela...

Vou deixar o «Canárias», depois de obsequiado com uma hospitalidade cativante e com um almoço que foi pretexto para a troca de saudações amistosas e sinceras. E digo que deixo o «Canárias» com saudade, porque o conheci nas primeiras horas difíceis da guerra civil de Espanha, em Ferrol, porque estive a seu bordo e senti palpitar a alma dos marinheiros da Espanha, aqueles mesmos marinheiros que depois, em tantas oportunidades, me acolheram e me distinguiram nos seus navios. O «Canárias» era então um dos mais belos cruzadores do Mundo. Se o material envelhece como os homens, a alma do marinheiro espanhol, essa, tonifica-se e robustece-se, mais forte ainda, couraçada para todas as dificuldades e aberta para todas as glórias e para todos os triunfos.

Visão surpreendente da baía

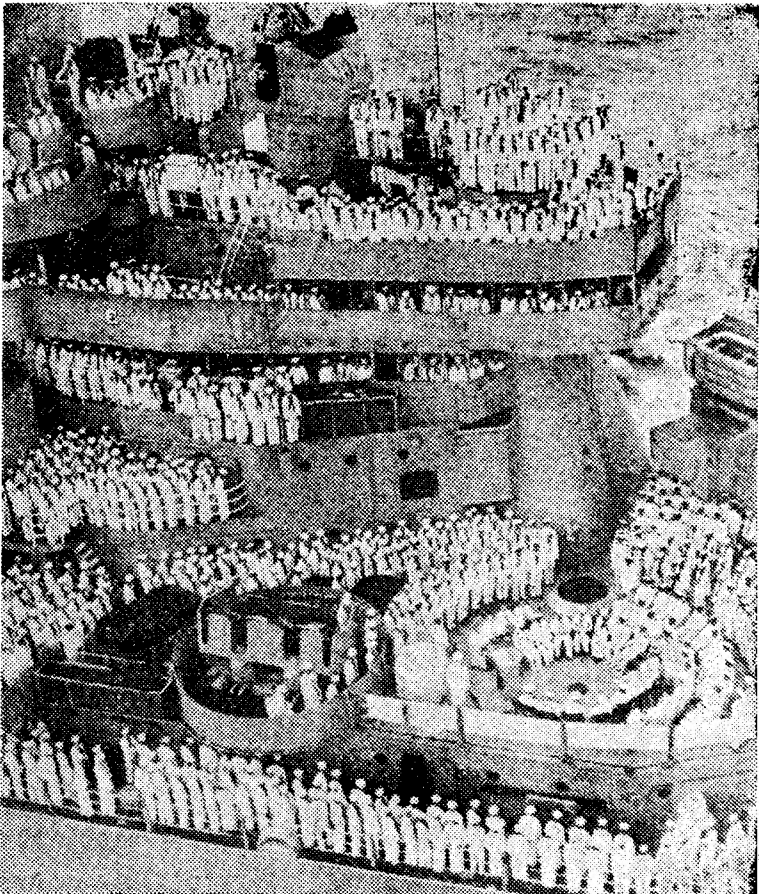
O «gasolina» que me conduz agora ao cruzador americano «Des Moines» começa a cruzar a baía. Atravesso o enxame de unidades navais onde flutuam bandeiras de catorze nações e dentro das quais se albergam cerca de 13 000 marinheiros. Passo á sombra do casco imponente do obelo cruzador francês «Colbert», admiro depois as linhas esguias dos escoltadores italianos — o renascimento lento de uma grande Armada que a guerra reduziu a zero — e observo as silhuetas moderníssimas dos escoltadores canadianos ou as do famoso super-destroyer holandês, que é também um navio-modelo. Mais além, recorda-se a linha clássica do cruzador britânico, com as suas fragatas anti-submarinas, pintadas de um tom por tal forma claro que parecem de alumínio; volto a ver de perto o «Colbert» e, a certa distancia, os seus famosos escoltadores de esquadra, sobrepujados por grandes bandeiras francesas, que o Sol ainda baixo quase torna transparentes; estão depois, ainda a manobrar para fundear, a fragata da África do Sul, os escoltadores alemães, o cruzador argentino, os navios da Suécia e da Dinamarca... Mais tarde chegará o cruzador brasileiro «Barroso» que entrou hoje em Lisboa para desembarcar o Presidente do Brasil, e ter-se-á completado assim a grande parada do mar de Lagos.

Lá para fora desenha-se a silhueta do nosso «Bartolomeu Dias» — o veterano «Bartolomeu», da coroação de Jorge VI e depois da de sua filha Isabel, da viajem presidencial a Londres, do Extremo-Oriente e da Índia, esse «Bartolomeu Dias» que tem sido alegremente «pau para toda a obra» e que é hoje o navio-almirante de toda esta esquadra cosmopolita, cujo comando-chefe cabe a um marinheiro português — o vice-almirante Guerreiro de Brito.

O velho, mas sempre apumado «Bartolomeu Dias»... No termo, que está fatalmente próximo, da sua operosa vida, coube-lhe tamanha honra.

Por ultimo, mais á terra, estão alguns dos nossos escoltadores oceanicos, pintados com aquela tinta escura que ainda usamos e que desto tanto da pintura dos outros navios: são dois de tipo inglês, dois de tipo americano e apenas um verdadeiramente moderno — o «Pero Escobar» — tão elegante e tão bonito, que até na Marinha lhe chamam a Gina Lollobrigida...

Em terra, nas praças e nos molhes



Curioso efeito de uma parte da guarnição do cruzador americano «Des Moines» reunida nas superestruturas do navio

a mancha negra da multidão parece debruçar o litoral. Tudo ocorreu a ver as esquadras. No meio de tanta gente, os mais idosos estarão, certamente áquela hora, a contar aos mais novos numa evocação comovida que tem mais de meio século.

Só me lembro de coisa parecida no tempo do rei D. Carlos, quando vieram aqui uns setenta navios ingleses... Os barcos principiaram todos a salvar, no momento em que o iate real «Amélia» pintado de branco, como um cisne, surgiu dali, da Ponta da Piedade... Onde isso já vai...

E o desfilar das recordações dos mais velhos, há-de sem duvida prosseguir aqui e acolá, em pequenas rodas de gente moça que nasceu muito depois, mas que gosta de ouvir contar essas histórias de outras épocas que não viveu.

E o meu gasolina leva-me finalmente para bordo do «Des Moines», massa imponente de 17 000 toneladas (mas cujo deslocamento atinge as 21 000) que se destaca entre os maiores navios aqui fundeados e dentro do qual, graças a um amável convite do almirante George Anderson, comandante-chefe da 6.ª Esquadra, transmitido pela Embaixada dos Estados Unidos, me será dado assistir amanhã ao imponente desfile naval diante das escarpas de Sagres e fazer depois a viagem até Cascais.

Amanhã, diante de Sagres...

Pela primeira vez, uma grande esquadra internacional vai desfilar

O 32.º ANIVERSÁRIO do Grupo Recreativo de Tercena

O Grupo Recreativo de Tercena, fundado em 1928, comemora agora o seu 32.º aniversário. Celebrando o facto realiza-se no dia 7 uma grande sessão solene a que presidirá o sr. presidente da Câmara Municipal de Oeiras, convidados e representantes das colectividades congeneres.

Entre outras cerimónias realiza-se uma grande «soirée», abrilhantada com o conjunto Caetano Pombo.

amanhã diante do promontório de Sagres, que simboliza a Escola do Infante — berço onde se caldeou a epopeia dos Descobrimentos, que deu um vasto império á Nação Portuguesa, além da glória imperecível de uma tradição marítima que há mais de cinco séculos alumia e projecta o nome de Portugal na história do Universo. Vão evocar-se os homens de Quinhentos, esses homens geniais (cuja figura se agiganta perante o progresso alucinante dos nossos dias) esses neutas que, desprovidos de todos os instrumentos que hoje facilitam e tornam seguros os grandes caminhos oceanicos, passaram o cabo Bojador, desvendaram o Mar Tenebroso, arrostaram com o cabo das Tormentas ou se lançaram para as bandas das Américas, vencendo sempre lendas aterradoras, dominando espíritos fracos e enfrentando, tantas vezes, o desanimo e até a revolta de alguns dos seus homens. Essa epopeia extraordinária vai ter amanhã a sua consagração, com um sentido universal, nas águas de Sagres, frente á rocha franjada de espuma, onde a canção do mar se harmoniza com o piar ritmado das gaivotas. Quando essa esquadra internacional, numa profusão de bandeiras e de fardas alinhadas geométricamente sobre as toldas, manchas cinzentas envolvidas pela fumarada das salvas, passar frente a esse promontório, todos os Portugueses encontrarão em suas consciências a razão de ser desta Pátria essencialmente marinheira — o segredo da nossa grandeza no Mundo. E então, a alma de cada português dir-lhe-á que, na base de tudo isso, esteve sempre o mar, o mar que foi nosso, o mar português banhando as cinco partidas do Mundo, o mar que foi a grande escola da Nação, o mar do qual não nos podemos nem nos devemos apartar, porque perdê-lo seria trair muito sacrifício, muito esforço, muita glória.

Que todos os Portugueses sintam pois, ante o desfile naval de amanhã, a razão que assiste, ao fim e ao cabo, aos que se têm batido e continuarão a bater-se por uma Armada melhor. Não teremos esquecido assim a grande lição de Sagres.

MAURICIO DE OLIVEIRA

A DISTRIBUIÇÃO DO CORREIO

em S. Bartolomeu de Messines

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, 6. — Há grande descontentamento entre os habitantes das extremidades da sede desta freguesia, denominadas Lagar Matias, Cruz Grande e Cerca da Nora ou Aldeia Ruiva, pelo facto de não estarem incluídas na área de distribuição dos carteiros, que fazem serviço na sede desta freguesia.

Na populosa e industrial Cerca da Nora ou Aldeia Ruiva, onde também está situada a escola primária recentemente inaugurada, não há distribuição nem tarde nem cedo, e como tal, há que vir todos os dias perguntar pelo seu correio, e levantá-lo á estação; e os do Lagar Matias e da Cruz Grande, só são servidos muito mais tarde, pelos mesmos carteiros, que depois de fazerem a distribuição da sede da freguesia, a vão fazer pelo campo.

Pressupõe-se que a melhor solução seria aumentar o numero de carteiros, que fazem a distribuição da sede da freguesia, incluindo nesta distribuição, além dos referidos habitantes, mais os que residem junto á estação ferroviária.

O PASSEIO ANUAL

do pessoal menor

da Santa Casa da Misericórdia

O Grupo Recreativo e Educativo do Pessoal Menor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, realiza o seu 6.º passeio anual de confraternização nos dias 13, 14 e 15 do corrente. Visitará, entre outras, as seguintes localidades: Vila Franca de Xira, Santarém, Alcobaça, Condeixa, Coimbra, Curia, Oliveira de Azeite, onde janta e pernoita no dia 13; Arouca, Guimarães, Braga, onde almoça no dia 14; Monção, Caminha, onde janta e pernoita no dia 14; Viana do Castelo, Porto, Aveiro onde almoça no dia 15; Figueira da Foz, Caldas da Rainha e regresso a Lisboa.

REGENTE ESCOLAR

que levou 78 alunos a exame

VEISEU, 6. — A sr.ª D. Maria do Carmo Magalhães Correia Bento, regente escolar, desta cidade, que teve a seu cuidado, no ultimo ano lectivo, o curso de adultos da Escola de S. Miguel, preparou para exames nada menos de 78 alunos de ambos os sexos, dos quais foram aprovados 19 no exame da 3.ª classe; 37 da 4.ª e ainda obtiveram aprovação para passagem de classe, mais 7.

A sr.ª D. Maria do Carmo Magalhães C. Bento — que no seu exame obteve 16 valores e já pelos seus anos de serviço conta com 18 — deu, assim, notável exemplo de quanto valem as boas regentes dos postos de ensino, mormente quando se dedicam, como aquela senhora, aos cursos de adultos.

Vai ser construído em Leiria

um novo edificio escolar

LEIRIA, 6. — O sr. dr. Malheiro do Vale, director da Escola Industrial e Commercial desta cidade, convidou para hoje ao fim da tarde os representantes da Imprensa para uma reunião, a fim de lhes dar conhecimento de que, por despacho do sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional e atentas as dificuldades das instalações liceais e da Escola Técnica, a cidade acaba de ser dotada com novo edificio escolar destinado ao 1.º ciclo do Liceu e Escola Técnica.

A construção será iniciada depois de incluída no novo plano de construções escolares a levar a efeito pela respectiva Junta.



UMA OFERTA DO CAFÉ "LUSO-BRASILEIRO"



VIDA EXEMPLAR

O Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, ou simplesmente Juscelino, como os seus concidadãos o tratam, num jeito familiar que dá a medida da popularidade e da simpatia de que desfrutava, é o tipo do homem que se fez por si próprio. Filho de gente pobre, conseguiu tirar um curso superior e elevar-se na vida sem muletas, à custa do seu trabalho, da sua força de vontade e da sua inteligência. O apelido Oliveira denuncia a sua ascendência portuguesa. Seu pai, filho de um emigrante português, falecia um ano depois do pequeno Juscelino vir ao Mundo. Sua mãe, de ascendência polaca, nunca deixou de ser uma professora pobre, que trabalhou sem descanso para educar o filho.

O futuro Presidente do Brasil teve uma infância difícil. Enquanto outros rapazes singram facilmente na vida, pela posição social dos pais ou pelo dinheiro, ele teve de construir, pedra a pedra, o seu futuro. Primeiro, o colégio de Diamantina — sua terra natal —, onde os seus estudos foram facilitados pela generosidade dos padres que o dirigiam. A falta de recursos, porém, obrigou-o a breve trecho a interromper os preparatórios. Teve de se empregar para ganhar a vida. Comeu o pão que o diabo amassou. Um concurso público proporcionou-lhe o ensejo de se colocar em Belo Horizonte como telegrafista, o que ele desejava ardentemente para poder prosseguir os seus estudos. Sem padrinhos, esperou dois anos para ser despachado. A fim de poder deslocar-se a Belo Horizonte, a mãe viria-se obrigada a vender o seu pequeno cordão de ouro. Durante oito anos, Juscelino trabalha e estuda. De dia e de noite. Com uma força de vontade que não conhece limites. Em 1927 consegue, finalmente, formar-se em Medicina. Tinha 25 anos. Não perdera o seu tempo. Paris, Viena e Berlim, o estágio em grandes hospitais e o convívio com as maiores sumidades médicas fizeram dele um operador de grande reputação. A sua notável carreira de cirurgião foi interrompida pela sua vocação política. Deputado, perfeito, governador, a sua ascensão na vida pública foi surpreendente. Com 53 anos apenas, foi eleito por um voto popular de profundo significado para a suprema magistratura da nação. Os cinco anos do seu mandato podem considerar-se decisivos para o futuro do Brasil. A obra que realizou na chefia do Estado confere-lhe o direito à gratidão dos seus compatriotas e inscreve o seu nome na História como um dos maiores presidentes que o Brasil jamais teve.

Filho do povo, que deve à sua origem modesta as virtudes que lhe asseguraram o triunfo, foi o povo que ele procurou servir enquanto presidiu aos destinos do Brasil. Chefe de uma grande democracia, pode considerar-se um democrata exemplar. O povo de Lisboa aclamou hoje, nesse homem simples, bondoso e dinâmico, tanto o Brasil que ele representa com impecável dignidade e aprumo, como os princípios liberais que ele encarna e defendeu sempre com perfeita lealdade durante a sua magistratura.

O preço dos automóveis

LONDRES, 5 — A FORD MOTOR COMPANY, LTD. de Dagenham — Inglaterra —, anuncia que, por motivo da baixa de direitos alfandegários verificada nos países membros da E. F. T. A. — Associação Europeia de Comércio Livre —, os seus produtos exportados para esses países estão sujeitos a uma correspondente redução no preço de venda. Em Portugal, como resultante da baixa de 20 % dos direitos, os produtos fabricados pela Ford Inglesa, os automóveis ANGLIA, PREFECT, CONSUL e ZEPHYR, furgonetas THAMES e camiões TRADER, passaram a beneficiar de importantes baixas no valor de venda a público. — (E).



A VENDA NAS ESPINGARDARIAS E DROGARIAS

MENSAGEM

dos jornalistas brasileiros

A direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas, representada pelos srs. Moraes de Carvalho, presidente, Carlos Machado e Waldemar de Sá, respectivamente, secretário e vogal, recebeu, na sede daquele organismo, os jornalistas João Carvalho e Cristóvão Monteiro Freire, portadores de mensagens de saudações da Associação Brasileira de Imprensa e Associação Guanabariense de Imprensa aos profissionais da Imprensa portuguesa.

Após a entrega da mensagem, houve demorada troca de impressões sobre as condições de trabalho e outros problemas de interesse para os trabalhadores de Imprensa dos dois países irmãos.

A caminho de Queluz o Presidente Juscelino Kubitschek agradeceu de pé no automóvel os aplausos da multidão

(Continuação da 1.ª página)

mente, em duas filas, as escoltas das bandeiras em parada; as bandas de música da Marinha de Guerra, de Infantaria 1, de Caçadores 5, da Força Aérea e da G. N. R.; e sem escolta, as bandeiras e estandartes pela seguinte ordem, da direita para a esquerda: Marinha, Infantaria 1, Artilharia Ligeira 1, Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, Lanceiros 2, Engenharia 1, Escola Prática de Administração Militar, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana.

Ainda na placa central, formavam: do lado do Ministério do Exército, um batalhão de Marinha e um formado por elementos de Infantaria 1, de Infantaria 11 e de Caçadores 5; e do lado do Ministério das Finanças um da G. N. R. e outro de Caçadores Paraquedistas da Força Aérea, com os seus característicos uniformes.

A direita e à esquerda da tribuna presidencial, formavam respectivamente, pelotões de cadetes da Escola Naval e da Academia Militar; e no Cais das Colunas, desde a tribuna até junto do rio, abriam alas guardas-marinhas, fardados de branco.

Às 11 horas, cinco aviões sobrevoaram o rio Tejo, em frente ao

Terreiro do Paço, onde se viam apenas o contratorpedeiro «Tejo», a «Fragata D. Fernando», embandeirada, em arco, os barcos das carreiras e poucas embarcações mais.

Das varandas dos Ministérios, cheias de gente, como parte dos seus telhados, pendiam colgaduras, com os escudos de Portugal e do Brasil.

Ao longo da muralha, nas Avenidas da Ribeira das Naus e Infante D. Henrique, numerosos rapazes da «Fragata D. Fernando» seguravam balões de diversas cores e com grandes fitas de papel.

Às 11 e 15, quando já ocupavam os seus lugares alguns dos cinco mil homens da formatura de honra, passou, em frente da tribuna — ornamentada com heras e gladiolos vermelhos — o regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana, de uniforme de gala, com lanças e flamulas, dirigindo-se ao Cais do Sodré, pela Ribeira das Naus.

As bandas de música, com um total de trezentos e cinquenta homens, iam acompanhando, com marchas militares, a deslocação dos respectivos batalhões.

«Brasil-Portugal 1960» — edição especial do «Diário de Lisboa»

Foi sempre timbre do nosso jornal tratar com o destaque e o cuidado que merece tudo o que diga respeito à grande nação irmã de Além-Atlântico. Criou-se o Brasil e desenvolveu-se a nosso lado, com a nossa civilização e a nossa língua e com essa civilização e essa língua a prosseguir depois de ter tomado sobre si os seus destinos, há quase século e meio. Neste espaço de tempo o Brasil passou de um imenso território e uma radiosa esperança a uma realidade viva e pujante.

Quando o Brasil celebrou o centenário da sua independência, o Presidente da República Portuguesa tomou o caminho de Santa Cruz. Foi o segundo Chefe de Estado português a atravessar o mar na senda dos descobridores. E o grande tribuna em cuja eloquência estava toda a alma e se traduzia toda a vibração amiga e fraterna de Portugal exprimiua ao Brasil o reconhecimento português pela sua independência. Nem ressentimentos nem amarguras.

Em 1960 é o Presidente da República brasileira que atravessa o mar, em sentido contrário, para vir



A capa da nossa edição especial

à casa lusitana celebrar em família as festas centenárias de um dos maiores vultos da nossa história comum.

O «Diário de Lisboa», que assinalou devidamente as comemorações do centenário da independência do Brasil, que tem dado como lhe cumpre, todo o relevo às demais viagens presidenciais dos dois países e a todos os outros momentos de fraternidade, resolveu marcar o momento actual com uma edição especial, aparecida no dia em que desembarca em Lisboa o dr. Juscelino Kubitschek.

Nessa edição de boa apresentação gráfica e cuidado texto se fixam o momento presente dos dois países, os seus anseios, os seus progressos, as suas realizações e as suas aspirações.

Ladeavam a tribuna presidencial, a que iam chegando, constantemente, diversas personalidades portuguesas e estrangeiras, umas de fraque, outras com vistosas fardas e condecorações, e muitas senhoras, de trajos claros, dois recintos para convidados, cobertos de toldos verdes franjados a branco.

Às 11 e 30, colocaram-se aos lados da tribuna, para a guarda de honra, os pelotões de cadetes da Academia Militar e da Escola Naval, com as respectivas bandeiras.

As arcadas dos Ministérios estavam literalmente cheias de populares, contidos por cerca de duas centenas de guardas da Polícia de Segurança Pública; e divisavam-se centenas de pessoas nas muralhas do Castelo de São Jorge, onde ondulavam três bandeiras: a nacional, a de Lisboa e a da Legião Portuguesa.

Aos lados da tribuna, havia dezenas de mastros, encimados por esferas armilares prateadas, com bandeiras portuguesas, brasileiras e henriquinas.

Entre a tribuna e o Cais das Colunas, havia grandes maciços de gladiolos vermelhos.

De quando em quando, prematuramente, soltava-se um dos cinco mil balões preparados, em terra e no rio, para uma largada colectiva.

Às 11 e 50, surgiram, vindos da barra, os cinco aviões que andavam evoluicionando há cerca de uma hora.

Às 11 e 55, chegou, com o seu estado-maior, o governador militar de Lisboa, que foi saudado com a «Maria da Fonte».

O céu encobria-se, pouco a pouco, com grossas nuvens e o calor aumentara valendo-nos, de quando em quando, o sopro de uma ligeira brisa.

Milhares de pessoas saudaram no Tejo o ilustre visitante

O Tejo estava hoje deslumbrante. Sobre as suas águas tranquilas mais de uma centena de embarcações embandeiradas tiveram papel de realce no luzimento extraordinário de que se revestiu o cortejo.

Em Belém, a concentração dos barcos de todos os tipos principiara cerca das 10 horas. Neles tomaram lugar milhares de pessoas cuja maior parte, que não tinha sido convidada, havia ido ali apenas para ver o cortejo... Entre estas, dezenas de turistas estrangeiros que ali se encontravam com a intenção de passar o dia na praia da Costa da Caparica.

Só nos barcos de tráfego local embarcaram duas mil pessoas, não se contando, portanto, rebocadores de alto mar e embarcações de recreio e desporto. Balões de várias cores e bandeiras de Portugal, Brasil e das Comemorações Henriquinas, em papel, foram distribuídos em profusão.

Da ponte de comando do «Barroso» o Presidente admirou o Padrão dos Descobrimentos

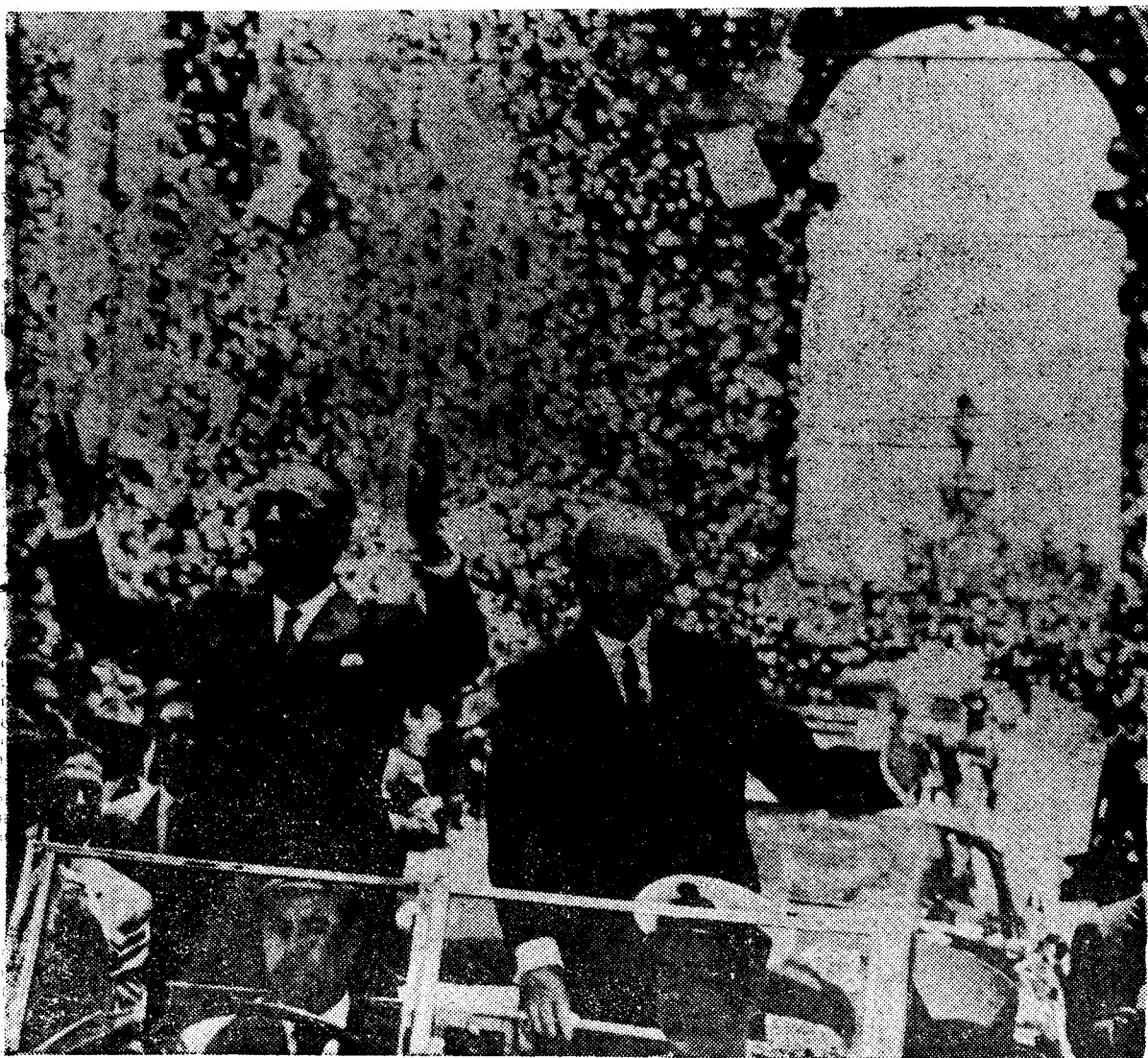
Cerca das 12 e 40, o cruzador «Barroso», foi avistado de Belém. Ao passar em frente do Padrão dos Descobrimentos descortinou-se a figura do Presidente Kubitschek observando o expressivo monumento. Aí o ilustre visitante foi saudado com silvos das embarcações e vivas da gente que as ocupava, organizando-se prontamente o cortejo. O «Barroso», escoltado pelos «Diogo Cão» e «Corte Real», e navegando a 10 milhas, foi acompanhado apenas por alguns barcos mais potentes. Vista da margem, a mancha policromática e bulhosa do desfile fluvial era espectacular.

Às 12 e 5 o cruzador brasileiro era vislumbrado do Terreiro do Paço. Majestosamente, aproximou-se da parte mais larga do Tejo, entre salvas da artilharia de costa e das baterias dos Fortes de Almada e do Bom Sucesso, da que se situou em Santa Catarina, do contratorpedeiro «Tejo» e da fragata «D. Fernando», repousando ao largo.

RELOGIOS

De todas as marcas. máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
R. da Prata, 257

(Continua na 14.ª página)



Ao entrar na Rua Augusta, uma chuva de papéis coloridos caiu sobre o carro presidencial. Os dois Presidentes, de pé, correspondem às saudações do publico

O Presidente brasileiro desembarcou às 13 e 15 no Cais das Colunas

As 12 e 15, ouviu-se um morteiro e começou a troar a artilharia dos fortes e dos navios de guerra.

Sucediam-se os toques de sentido, á chegada dos ministros e de outras entidades.

Do outro lado do Tejo, surgiu o cruzado «Almirante Barroso», á cabeça de um vistoso cortejo de barcos embandeirados.

Eram 12 e 30, quando chegou o sr. Presidente da Republica, executando as bandas «A Portuguesa», após o que desfilou o esquadrão motorizado de Cavalaria da G. N. R. que o escoltára.

O Chefe do Estado subiu á tribuna onde já se encontravam o sr. Presidente do Conselho, os membros do Governo, o cardeal-patriarca e outras individualidades.

Os Presidentes da Republica e do Conselho, á sua chegada, foram recebidos com palmas.

Das janelas da Rua Augusto começaram a chover papelinhos de várias cores.

Num carro da Presidência da Republica, vinha, acompanhada pelo dr. Luís Pereira Coutinho, secretário, a esposa do Chefe do Estado.

O «Almirante Barroso», admirado por centenas de pessoas, dos cais do Sul e Sueste, da Parceria e dos casilheiros, fez a manobra, e com a guarnição formada na tolda, passou em frente do Terreiro do Paço, a poucas dezenas de metros do Cais das Colunas.

As 12 e 45, o cruzador parou, mesmo em frente da tribuna, para o Chefe do Estado brasileiro passar para uma vedeta.

Nesse momento, surgiram sobre o local vinte aviões de jacto.

O Tejo oferecia um aspecto admirável, com dezenas de navios embandeirados, atrás do barco de guerra brasileiro.

De vez em quando ouvia-se o repique festivo de sinos.

Às 13 horas, passou em frente da tribuna, o navio-escola «Sagres» a caminho de Lagos.

Eram 13 e 15 quando o Chefe do Estado brasileiro, ao som do hino do seu País, safu do cruzador para a vedeta que se dirigiu rapidamente para terra, sobrevoada pelas esquadras de jacto, enquanto os canhões dos navios e dos fortes atiravam os ares e eram largados os cinco mil balões de cores.

As sereias de todos os navios apitaram num conjunto impressionante.

vermelha, subiram a escadaria, entre alas de guardas-marinhas, perfilados e de espadas desembainhadas, em direcção á tribuna.

Seguiam-nos os ministros das Relações Exteriores e da Marinha do Brasil, as esposas dos dois Chefes de Estado, outras individualidades portuguesas e brasileiras e os funcionários do protocolo.

O Presidente brasileiro cumprimentou, especialmente, os srs. Presidente do Conselho e cardeal-patriarca.

As bandas de musica executaram o hino brasileiro e depois «A Portuguesa», enquanto as forças em parada apresentavam armas.

Ouviram-se palmas e vivas ao Brasil.

Na parte central da tribuna o Chefe do Estado português deu a direita ao Presidente brasileiro, á sr.ª de Rodrigues Tomás e aos srs. cardeal-patriarca, vice-presidente do Senado do Brasil, presidente da Camara Corporativa, ministro das Relações Exteriores do Brasil e dos Negócios Estrangeiros e embaixador Negrão de Lima e a esquerda á sr.ª de Kubitschek de Oliveira e aos srs. presidentes do Conselho e da Assembleia Nacional, ministros da Marinha do Brasil e de Portugal, embaixador Manuel Rocheta e professor Caeiro da Mata, presidente da Comissão Nacional das Comemorações Henriquinas.

Noutras cadeiras, á retaguarda, sentavam-se as esposas dos oficiais ás ordens; estando estes de pé.

Na parte direita da tribuna, via-se toda a comitiva do Chefe do Estado brasileiro; e na da esquerda, os ministros da Defesa Nacional, do Interior, do Exército e das Comunicações, o governador civil, e o presidente da Camara Municipal de Lisboa, o alcaide de Madrid, o Procurador-Geral da Republica, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, os generais Beza Ferraz, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, Costa Macedo, Aníbal Vaz, Costa Lopes, Luís da

(Continua na 14.ª página)

O avião presidencial voou sobre o Montijo quarenta e cinco minutos antes da hora prevista para aterrar

O Sol despontara há pouco mais de um quarto de hora. Faltavam, portanto, quase sessenta minutos para a hora prevista para a chegada do avião presidencial á Base Aérea do Montijo. Eram precisamente sete horas e três minutos quando, na torre de comando da base se recebeu a primeira comunicação, pedindo instruções para aterrar. O avanço sobre o horário impediu, porém, que a aterragem se fizesse imediatamente. E o «jacto» brasileiro perdeu-se novamente no azul do céu, em direcção a Lisboa, sobre a qual voou até perto das 7 e 45.

Finalmente, sobre a pista 26, o «Boeing 707» rolou, gigantesco, para ir estacionar, depois, junto da torre de comando da base. Do seu bojo metálico desembarcaram logo os jornalistas que nele viajaram. Houve um curto momento de expectativa, até que a figura do dr. Juscelino Kubitschek surgiu, sorridente, no palamar da escada que fora encostada ao avião. Vestia um fato cinzento-escuro.

Seguia-o sua esposa, com um fato de saia e casaco cinzento e, na cabeça, um belo chapéu de penas brancas. Sorria como seu marido, em direcção do qual avançara, entretanto, o embaixador do Brasil em Portugal, sr. dr. Negrão de Lima, a quem o presidente da nação irmã abraçou efusivamente.

Em nome do Governo português apresentou-lhe, a seguir, cumprimentos o sr. tenente-coronel Kaulza de Arriaga, subsecretário de Estado da Aeronáutica, que logo procurou informar-se da maneira como decorrerá a viagem do ilustre visitante.

Muito boa, sr. subsecretário. Tenho muito prazer em voltar a vê-lo — foi a resposta do sr. dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

A seguir, o sr. subsecretário de Estado da Aeronáutica apresentou-lhe os srs. general Ponte Rodrigues, comandante da primeira Região Aérea, o almirante Armando Roboredo, subchefe do Estado-Maior da Armada e seu oficial ás

ordens, general Costa de Macedo, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, coronel Fernando Rodrigues Frutuoso, comandante da Base do Montijo, e o sr. dr. Nuno Barroso, do Protocolo do Estado.

O Presidente do Brasil cumprimentou depois os diplomatas brasileiros acreditados em Lisboa. Sorrindo sempre o dr. Kubitschek distribuiu vários apertos de mão e conversou animadamente com as individualidades que o esperavam. O sr. dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, que saudara os jornalistas portugueses com um cordial «Bom dia meus senhores», perguntou-lhes depois, apontando para o presidente da Associação Brasileira de Imprensa:

— Não conhecem Herbert Moses?

Foi o principio de uma ligeira conversa com a Imprensa, a quem logo anunciou:

— Ao realizar esta visita a Portugal trago uma mensagem de afecto de setenta milhões de Brasileiros.

Setenta milhões? — perguntou um dos jornalistas presentes.

— Sim, setenta milhões — configurou o presidente. E só agora estamos terminando o recenseamento.

Referindo-se depois á viagem que fizera disse:

— Foi ótima. Mas não chegou a ser uma viagem, tão curta foi. Dei apenas um salto sobre o Atlântico. Viagem sim foi quando vim pela primeira vez a Portugal, de barco. Demorei 20 dias.

E, a terminar: — O Brasil começa agora a crescer. Vamos descobrindo o interior.

(Continua na 14.ª página)

Selos brasileiros alusivos às comemorações henriquinas

RIO DE JANEIRO, 6. — Além do selo comemorativo, no qual estão impressas as datas «Lisboa 1460 — Brasil 1960», e dizeres alusivos, ás festividades do V centenário da morte do fundador da Escola de Sagres, o Departamento dos Correios e Telegrafos do Brasil mandou fundir carimbos, que foram distribuídos em todo o país, com igual significado. Devido á grande procura dos selos, crê-se que toda a emissão estará esgotada nas próximas horas. — (F. P.).

DENTES COMO ESTES SO COM PASTA MEDICINAL COUTO

CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA



O embaixador Negrão de Lima foi o primeiro a abraçar o presidente Juscelino

TERMAS DE CALDELAS

Tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos

Estância de repouso

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA

O primeiro da Estância 1 de Junho a 10 de Outubro

(Continua na 14.ª página)

AVISO

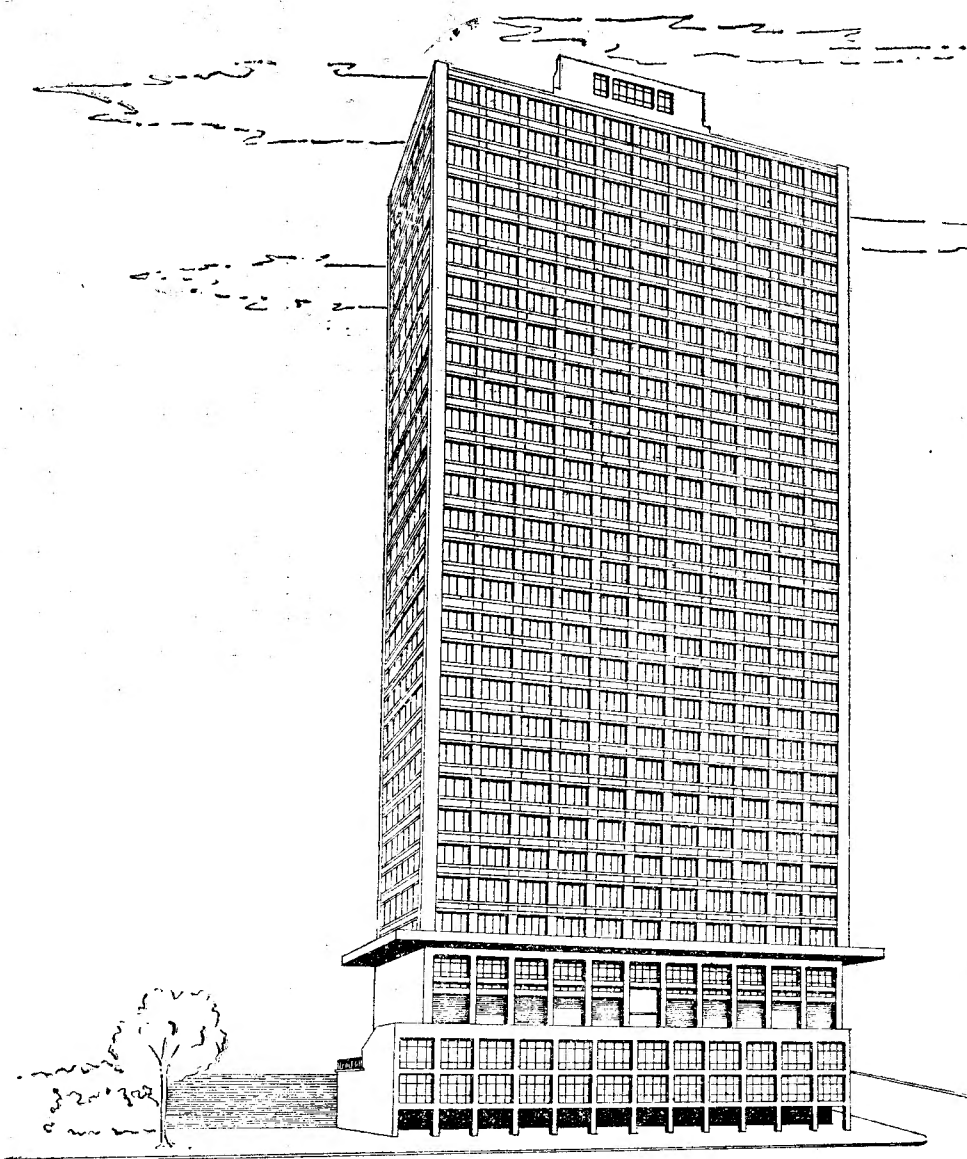
Atendendo ao que dispõe o Decreto-Lei n.º 43.103 de 4 do corrente, sobre feriados da próxima semana, as letras a pagar em último dia útil, no Concelho de Lisboa em data de 9, e no do Porto em data de 8, deverão ser liquidadas até às 11 horas desses dias.

Lisboa, 6 de Agosto de 1960.

GRÊMIO NACIONAL DOS BANCOS E CASAS BANCARIAS A DIRECÇÃO

AOS FORASTEIROS: NÃO DEIXEM DE VER O

JARDIM ZOOLOGICO É O MAIS BELO DA EUROPA



Sob a protecção de... **A Confidente**

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

PORTO

LISBOA

R. PASSOS MANUEL, 14

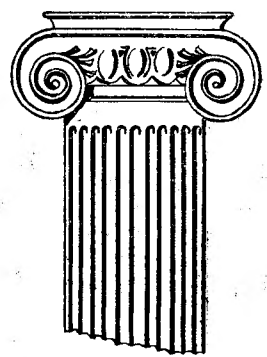
ROSSIO, 3

QUE, HÁ 27 ANOS PASSADOS, INICIOU AS SUAS ACTIVIDADES NA COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES, CONFIU NO FUTURO E DURANTE ESSE LONGO TEMPO, DIA A DIA, CONFIRMOU-SE A SUA CRENÇA POIS ESTE PAÍS NÃO PAROU DE CRESCER E PROGREDIR.

E, GRAÇAS AO GENEROSO APOIO DO ESTIMADO PÚBLICO, NÓS TAMBÉM CRESCEMOS E APERFEIÇOÁMO-NOS PARA MELHOR SERVIR A TODOS OS NOSSOS CLIENTES.

POR ESTA RAZÃO, E COM A MESMA CONFIANÇA ATÉ ENTÃO DEPOSITADA NA NOSSA ORGANIZAÇÃO, CONTINUAREMOS A EXPANDIR-NOS O MÁXIMO POSSÍVEL E, A PAR DESSE TÃO GRANDE ACOLHIMENTO, INFORMAMOS AOS NOSSOS AMIGOS, CLIENTES, FORNECEDORES, BANCOS E TODO O PÚBLICO EM GERAL, A INSTALAÇÃO EM LISBOA DA NOSSA MAIS NOVA FILIADA A

NOBRE



EMPREENDIMENTOS IMOBILIARIOS LDA.

"A CONFIDENTE"

URBANIZAÇÕES - PROJECTOS - INCORPORAÇÕES - CONSTRUÇÕES - VENDAS
RUA DO OURO, 292-1ª TELF - 30258

— BREVEMENTE —

SERÃO LANÇADOS VÁRIOS EDIFÍCIOS EM **PROPRIEDADE HORIZONTAL** NOS MELHORES LOCAIS DE LISBOA E ARREDORES OFERECENDO AO PÚBLICO COMPRADOR UMA EXCELENTE OPORTUNIDADE PARA APLICAÇÃO DE CAPITAL, PELO NOSSO PLANO, DE GRANDES **FACILIDADES**

UM NOVO AUTOMÓVEL

QUE SATISFAZ OS SEUS DESEJOS TOTALMENTE
E MESMO EXCEDE AS MAIS EXIGENTES EXPECTATIVAS

COUPÉ — 4 lugares livrete
LIMOUSINE — 5 lugares livrete

Aceleração impressionante-0-100 Klm.—27,8 Seg.

Muito rápido — 130 Klm/Hora

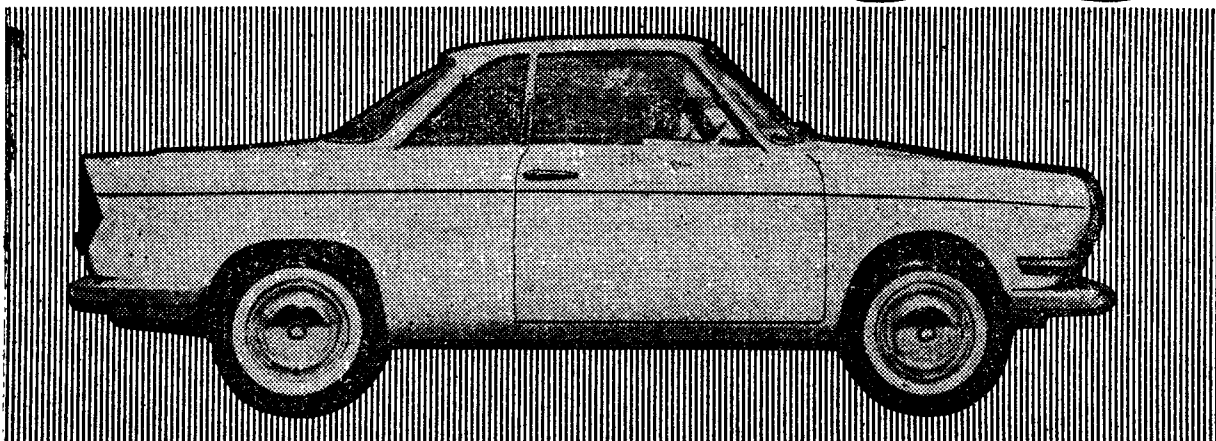
Económico — 4,9 litros — 100 Klm.

Motor resfriado a ar — 4 tempos — 4 velocidades

ENCOMENDE JÁ PARA RECEBER A TEMPO
— TODAS AS REMESSAS
VENDIDAS ANTES DE CHEGAREM

A CHEGAR DENTRO DE POUCOS DIAS
MAIS UMA GRANDE REMESSA

EM EXPOSIÇÃO



SOCIEDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL DE AUTOMÓVEIS

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S. A. R. L.

Av. António Augusto de Aguiar, 1 — LISBOA

Rua Santo Ildefonso, 535 — PORTO

A' margem da semana

Viagem à Andaluzia

Realizámos, há poucas semanas, um já antigo empenho e projecto de visitarmos a Andaluzia. O tempo, nessa altura, estava quentíssimo, mas embora nos incomodasse para a viagem, atravessando as ardentes planuras do nosso Alentejo, ou passando já para terras de Espanha, pareciamos que se harmonizava com o ambiente e que aquele calor, aquela luz, aumentavam o esplendor da paisagem. O primeiro passeio que demos, em Sevilha, na cálida e maravilhosa noite de Verão em que chegámos, encantou-nos. A luz de iluminação era bastante, sem ser excessiva, e dava-nos lugar a uma claridade que doirava as grades das janelas floridas e se alternava com recantos de sombra que punham uma nota de poesia, de que tanto precisa o nosso científico e prosaico tempo.

De cada vez que vou a Espanha mais admiro esse país, que sem repudiar o progresso moderno, mantém os tesouros do seu passado, o carácter do seu povo, a típica beleza do seu ambiente.

FUGIRAM

para o bloco comunista
os agentes americanos
desaparecidos?

WASHINGTON, 6. — «Como resultado das investigações até agora realizadas, pode concluir-se que talvez tenham ido para além da «Cortina de Ferro» os dois funcionários da Agência de Segurança Nacional desaparecidos a 24 de Junho» — segundo anuncia a Secretaria de Defesa.

Foi já apurado que Bernon F. Mitchell e William A. Martin seguiram para a Cidade do México e dali para Cuba, onde se lhes perdeu a pista. A Secretaria de Defesa acentua:

«Já se verificou, por meio de inquérito, que as informações de que dispõem não prejudicarão a segurança do país, se forem transmitidas a outrem. Não tinham acesso às informações secretas relativas a armas ou planos de defesa».

— (A. N. I.).

Pensão Liberdade

com maravilhosas comodidades,
no ponto mais bonito e central
de Lisboa.

Av. da Liberdade, 141, 3.º
P. B. X. 367875-367884

Nos bairros novos de Sevilha vemos também os prédios colossais, que marcam o que há de colectivo no nosso tempo, mas mesmo esses procuram não destoar, lá têm as suas grades, as suas varandas, os seus terraços.

E quanto às ruas estreitas, aos velhos bairros, continuam a marcar a continuidade, o pitoresco, o característico.

As danças, os cantares de El Pátió Andaluz, ou de El Cortijo são típicamente espanhóis, e com a sua música ora viva ora dolente, ora graciosa ora melancólica, cativam-nos e descansam-nos dos gritos selvagens e das notas desentoadas que a nossa época quase nos impõe, nem bem sabemos porquê.

Sevilha mantém, igualmente, os carrinhos descobertos, puxados por um cavalo, em que se vê tranquilamente a cidade, de noite ou de dia. De automóvel não se vê, transita-se.

No entanto, em toda a parte, em Espanha, se notam progressos. Os hotéis cada vez mais melhorados. No decorrer da nossa viagem passámos por uma Universidade de Agronomia e Veterinária (no caminho de Cordova para Bailen), cujo grande edifício, com a sua capela atraiu a nossa atenção. Tudo moderno, com as estatuas esguias, com cabeças pequeninas, os vitrais da capela, a sua forma arquitectónica, dentro de uma arte que se renova, mas havia em tudo, a par de certo inverosímil, uma harmonia, um equilíbrio que os nossos olhos aceitavam. Mas, voltando a Sevilha — a catedral, magnífica, que todos que viajam conhecem, é inútil descrevê-la, nem se descreve a impressão de grandeza que nos deixa, com as suas naves e os seus altares, com o seu cadeiral e o seu tesouro, como o tumulto de Cristóvão Colombo, junto do qual pensamos: «Seria realmente português?».

A tarde para o transito em certas ruas e é incrível essa comodidade! É incrível a euforia que isso dá, a alegre despreocupação com que se circula. Hoje, tudo que se inventa complica e atrapalha a vida normal da criatura humana, e obriga-a a um esforço de atenção que fatiga e altera o bom humor. De modo que a impressão agradável de andar despreocupadamente, a pé, numa cidade, é já um bem raro, que, às vezes, nem nas vilas ou aldeias se desfruta.

Bem haja a Espanha que o concede, pelo menos em algumas zonas, aos seus habitantes e visitantes.

MARIA DE CARVALHO

Os modernos processos de curar a malária

Durante séculos, confiou-se, para a cura da malária, no pó extraído da casca da quina que se deveria transformar no quinino. Entretanto, a fama benéfica da quina sofreu um eclipse de quase cinquenta anos no começo do século XIX, por artes de um médico inglês na Índia, que não conseguira salvar um doente de malária com o pó da quina, mas curara outro, depois de purgá-lo e sangrá-lo. Em vista disso, condenara sem apelação o uso do precioso medicamento. A descoberta dos medicamentos modernos, os antimaláricos sintéticos, é consequência indirecta das duas guerras mundiais. Entre 1924 e 1927, os Alemães, privados, durante o conflito, do seu abastecimento de quinino, conseguiram no laboratório os primeiros produtos sintéticos.

De 1939 a 1945, tocou aos Aliados a vez de fabricarem sucedaneos da casca de quina, a qual já não

lhes chegava de Java, em poder dos Japoneses. Haviam, também, encontrado os medicamentos sintéticos em poder de Alemães aprisionados na África do Norte. Por uma série de circunstâncias verificadas entre as duas guerras, as pesquisas sobre os medicamentos antimaláricos iam resultar em progresso em dois domínios á primeira vista muito afastados: o conhecimento completo da vida secreta do parasita do paludismo no organismo humano e o tratamento das manifestações nervosas da sífilis. Para estudar a acção terapêutica dos novos medicamentos, os pesquisadores europeus precisavam de doentes de malária.

Ora, estes eram raros no Continente e os que apareciam nos hospitais preferiam receber tratamento a servir de cobaias. Havia, portanto, necessidade de doentes que estivessem dispostos a deixar-se inocular de malária. Era o caso dos

neuro-sifilíticos. E a malária curou os sífilíticos atacados de paralisia. O advento da penicilina, rainha das drogas contra a sífilis, fez quase desaparecer posteriormente os casos de paralisia geral com essa origem.

Recentemente surgiu, no Brasil, um método inteiramente novo de combate à malária.

Um especialista brasileiro, dr. Mário Pinotti, teve a ideia de acrescentar um antimalárico ao sal de cozinha utilizado pelos habitantes da Amazônia. O processo é o mesmo empregado nas regiões atacadas de bócio endémico, onde se adiciona iodo ao sal de cozinha.

A primeira experiência efectuou-se no Estado do Pará, numa zona experimental com 900 habitantes. Depois de quarenta dias de utilização do sal misturado com o antimalárico, apurou-se que havia apenas dois casos de malária entre os 900 habitantes. Um deles era um recém-nascido alimentado com leite materno e o outro, um forasteiro que chegara à região três dias antes.

PHILCO

O FRIGORÍFICO DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE



16 MODELOS DIFERENTES DESDE 120 LITROS

Veja e compare as vantagens do
Mod. A-85, de 8,5 pés c.
240 LITROS
ao preço de Esc. 9.250\$00

FACILIDADES DE PAGAMENTO
SEM FIADOR

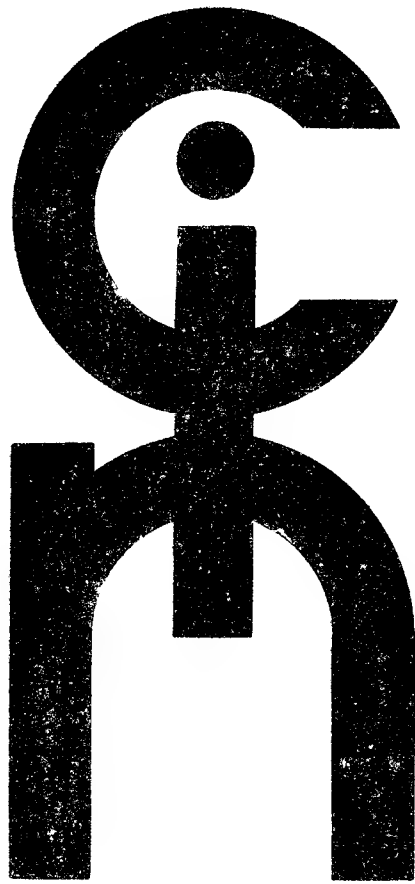
REVENDEDOR AUTORIZADO

STAND FONSECA

RUA DO TELHAL, 12-D

Telefs. 497 01/410 76 — LISBOA-2

Em Rádio Clube Português



oferece uma série *inédita*

dos
DIALOGOS DE DOMINGO
de

OLAVO D'EÇA LEAL

com o seguinte horário:

Miramar

domingos às 13,30
quartas-feiras entre
as 22 e as 22,45
quintas-feiras entre
as 14,10 e as 14,55

Parede

domingos às 20,45
segundas-feiras en-
tre as 22,30 e as 23,15
terças-feiras entre
as 15 e as 15,45

uma realização de
IGREJAS CAEIRO
para as tintas



CORPORAÇÃO INDUSTRIAL DO NORTE

Frigoríficos **BOSCH**



Na vanguarda
da técnica alemã
7 modelos da
mais alta qual-
dade desde
Esc. 5.790\$00
Consumo
reduzido
Aproveitamento
máximo

AGENTE OFICIAL
FRIGAZ, LDA.

R. Maria (aos Anjos) 43

**ALTA
QUALIDADE**
fimalic

Sociedade «ESTORIL»
Venda de bilhetes

Esta venda começar-se-á a fazer
aos sábados na estação do Cais do
Sodré, a partir das 12 horas, até
aviso em contrário.

DESPORTOS

(Continuação da 6.ª página)

Silva, António Fiel Tavares, Albino Roque da Silva e César da Silva Baptista (carabina livre a 50 metros); Rogério Castro Tavares e António Silva Martins (pistola automática a 25 metros — silhuetas); André Antunes e António Jorge (pistola livre a 50 metros) e Guy Vale Flor (tiro aos pratos).

ESGRIMA (9) — José Amado Fernandes e José Dargent de Albuquerque (espada); Valente Borrego (espada e florete); Orlando Azinhais e Couto Marçal (florete); tenente Chito Rodrigues, tenente A. Marquilha e capitão Pinto Ferreira (sabre) e Maria José Nápoles (florete).

HIPISMO (10) — Coronel Mena e Silva e tenente-coronel Reimão Nogueira (ensino); major Henrique Calado, capitão Pereira de Almeida e capitão Craveiro Lopes (obstáculos); capitão Joaquim Duarte Silva, capitão Correia Matias, capitão Alvaro Sabbo e capitão Mário Sardoeira Delgado (prova de campo), e aspirante Vasco Ramires (suplente aos obstáculos).

REMO (6) — Equipa do Sporting Clube Caminhense («shell» de 4): Filipe Veiga Fernandes, José Fernandes Porto, Ilídio Alves da Silva, José Rodrigues Vieira, Rui Valença e Jorge Gavinho.

ATLETISMO (4) — Manuel de Oliveira (5000 metros); Joaquim Ferreira (3000 metros obstáculos); Eduardo Albuquerque (martelo) e Julio Vilar dos Santos (decatlo).

CICLISMO (4) — José dos Santos Pacheco, Mário Pereira da Silva, Francisco Valada e Ramiro Vieira Martins (estrada).

O mais jovem dos representantes portugueses é a ginasta Helena Cunha, com 16 anos, feitos em Dezembro, e o mais velho o coronel Mena e Silva, do hipismo, já várias vezes olímpico, com 58 anos.

Luis Vaz Jorge e Eduardo Sousa também têm 16 anos de idade.

Das províncias ultramarinas fazem parte a nadadora Regina Veloso, os velejadores Gabriel Lopes e Carlos Braga e o esgrimista Pedro Coito Marçal, o qual, no entanto, está a estudar em Londres.

A comitiva é constituída por 83 pessoas, das quais 69 são atletas e 14 acompanhantes.

TÉNIS

Um grande certame no Estoril

Projecta-se para o fim do corrente mês, nos «courts» do Estoril, um torneio internacional de ténis, que deve permitir ver em acção as figuras mais gradas do ténis europeu da actualidade.

Trata-se de uma iniciativa que, sem favor, se pode considerar das mais arrojadas que têm sido levadas a termo entre nós.

Preparam-se, pois, umas quantas jornadas de magnífica propaganda do ténis, com largos benefícios para os nossos jogadores e adeptos da modalidade. Os primeiros poderão colher preciosos ensinamentos e os últimos presenciarão exhibições do mais elevado nível.

Voltaremos em breve a referir-mo-nos ao importante acontecimento.

CONCURSO FOTOGRAFICO FERROVIARIO

O «Boletim da C. P.» — publicação da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — está promovendo um grandioso concurso fotográfico de temática ferroviária, válido até 30 de Setembro.

Serão atribuídas 12 valiosas taças aos mais classificados e muitos outros prémios para todos os concorrentes admitidos.

Todos os amadores ou profissionais de fotografia podem concorrer, com produções a preto e branco ou a cor.

As fotografias admitidas a concurso serão expostas na Estação do Rossio.

A EMBAIXADA

DESPORTIVA

do Brasil foi recebida

na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 6 (Pelo telefone) — A embaixada dos desportistas brasileiros que vem tomar parte na I Jornada de Natação que se realiza na piscina-praia desta cidade, pelas 17 horas, foi recebida pelas 11 horas no salão nobre da Camara Municipal. Eram aguardados pelos srs. presidente e vereadores e outras entidades oficiais e particulares.

Alí lhes foram dadas as boas-vindas pelo sr. vice-presidente da Camara. Falou ainda o vereador do pelouro da educação, dr. Inácio Reis Lopes; e em nome da embaixada desportiva falou o dr. Oscar de Castro.

No final falou ainda o sr. presidente da Camara, dr. Pedrosa Veríssimo.

Fazem parte da embaixada, além dos nadadores, dirigentes desportivos e jornalistas.

Abrigue-se do Sol...
pelo preço da chuva!

ADQUIRA UM

balastore



O estore mais económico
do Mundo, que você pró-
prio pode colocar em 10
minutos

**BALASTORE CUSTA
POUCO E DURA MUITO!**

LISBOA — Telef.
45676-732444
PORTO — Telef.
40303

SINTRA

JOSÉ MARQUES

FALECEU

Perpétua Mendes Aleixo Marques, José Adriano Marques e sua esposa, Felismina Aleixo Marques Ramalho, marido e filha, Alda Aleixo Marques de Lis, seu marido e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Rua das Murias, n.º 20, r.-c., para o cemitério de S. Pedro de Sintra.

AGENCIA MELO

ENGENHEIRO CIVIL

Pretende-se admitir em regime de ocupação completa, para colaborador duma firma de construções. A fixar residência em Coimbra. Dá-se preferência a indivíduo novo, com o estágio feito e, se possível, que se tenha formado a trabalhar. Situação de bom futuro para indivíduo capaz, que seja activo e venha a demonstrar dedicação pelos interesses que lhe irão ser confiados. Responder indicando «currículo» e vencimento fixo desejado (embora ulteriormente se possa fixar outro «modus vivendi»).

Carta ao B. L. n.º 262834-A, Posta Restante — COIMBRA.

Esta semana, diz o médico...

A VISOS e conselhos sobre os perigos do tabaco continuam a aparecer em todas as revistas científicas do mundo. A Clínica Mayo, de Rochester, tem dedicado especial atenção a este acutante problema, que interessa milhões e milhões de seres humanos. No simpósio, realizado ultimamente em Rochester, apresentaram trabalhos importantes, confirmados por longa experiência e bem elaboradas estatísticas: Edgar A. Hines, Jr., J. Arnold Bergen, C. Wilbur Rucker, Kenneth D. Devine, Peters e Miller, David T. Carr, Joseph Berkson e Maurice J. Barry Jr.

Não é só o cancro do pulmão, ou o enfarte do miocárdio (cuja frequência tem aumentado nas últimas décadas) que preocupam os investigadores (fisiologistas e patologistas), clínicos e homens de laboratório. Outras entidades nosológicas, novas enfermidades e síndromes, estão ligadas ao uso e abuso do tabaco, cujo consumo se tem expandido, acompanhando o ritmo crescente da campanha, encetada pelas autoridades competentes.

No simpósio realizado naquela cidade norte-americana, Estado de Minnesota, foi largamente tratado o problema da trombo-angite obliterante (doença de Buerger-Winiwarter), vulgar entre os homens de vinte a quarenta anos.

Afecta sobretudo os indivíduos asténicos, magros e delgados, sendo mais vulgar na Europa Central do que na Ocidental.

Parece que o tabaco («The Effects of Tobacco on Blood Pressure and in Peripheral Vascular Diseases») se encontra ligado de perto à etiologia da enfermidade. Marañón (1951), apoiado numa longa experiência clínica, servida por uma inteligência agudíssima e por uma cultura enciclopédica, afirma, porém, que o tabaco não é a causa única, mas que a acção constritora e a constante agressão tóxica sobre os vasos e seus nervos tróficos, contribuem, em grande parte, para a génese do processo.

Uso e destemperado abuso do tabaco

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A lesão afecta sobretudo a íntima, organizando-se depois o trombo obstrutivo. Participam igualmente no processo as veias vizinhas das artérias e os nervos que acompanham os vasos.

Verificam-se flebitis das veias, superficiais, que, na quase totalidade dos casos, se apresentam engrossadas e duras, assás dolorosas em seu trajecto.

Toda esta sintomatologia separa a gangrena, devido a uma trombo-angite das outras, entre elas a diabética, a de origem embólica, a tóxico-alimentar, a das doenças infecto-contagiosas agudas, tuberculose e sífilis, periartrite nodosa (Kussmaul), profissionais e medicamentosas, devido a agentes físicos, doenças nervosas, pós-operatórias da pele, a da doença de Reynaud (gangrena simétrica das extremidades), e ainda muitas outras.

No processo em questão aparecem úlceras. Os doentes podem assim dos dedos dos pés (as das mãos são mais raras), sendo frequentes lesões tróficas das unhas, lesões que raramente conduzem o doente ao médico.

Tais úlceras podem curar-se espontaneamente, devido ao estabelecimento de uma circulação complementar. Gangrena seca e mutilante surge nos bordos ou em volta das úlceras. Os doentes podem assim perder um ou mais dedos.

Os sintomas precoces são os pés frios, claudicação intermitente, câibras. As dores aparecem mais tarde, anunciando já o longo cortejo de complicações, seguidas de úlceras.

VIDA SOCIAL

DR. ANTÓNIO DE BARROS

De avião, para Cabo Verde, partiu o advogado sr. dr. António de Barros, em serviço particular.

ras, que não cicatrizam e de gangrena, exigindo imediata intervenção.

O metabolismo basal, em tais doentes, apresenta-se baixo; verifica-se hipocolesterinemia.

A tensão arterial pode conservar-se normal ou dentro dos limites do normal; a tensão dos membros, em contrapartida, está diminuída ou com grandes oscilações. As imagens radiológicas nem sempre são elucídativas; noutros casos confirmam o diagnóstico clínico, ainda hoje (DeLore, 1959) o mais importante de todos.

A trombo-angite pode atacar outras artérias, por exemplo, as do cérebro, ou as pulmonares. Lesões dos membros e das vísceras, porém, só coincidem por excepção.

Hines, ampliando as informações de Marañón, responsabiliza o tabaco, manifestando-se contra o seu uso, inclusive os cigarros com filtro ou sem nicotina...

Nas comprovadas situações de isquemia, e noutras similares, impõe-se o abandono do cigarro. Quase todos os doentes devem dominar o vício — esta é a opinião de Hines. Não é só a oclusão arterial que está em causa. Doentes do sistema cardiovascular, asmáticos e enfisematosos, com bronquites crónicas, limitados pulmonares (e são tantos!) necessitam defender-se, evitar quanto possível situações sem solução, como a do cancro do pulmão, ou de manchas suspeitas do tamanho de moedas, as manchas-moedas às quais se liga tão pouca importância.

A influência do tabaco sobre a mucosa bucal, laringe, aparelho digestivo e abrangendo também a visão («The Etiology and Treatment of Tobacco-Alcohol Amblyopia») tem sido largamente estudada nos últimos tempos.

Miller dedicou especial atenção à asma e ao enfisema, proibindo às pessoas que sofrem dessas doenças o uso do tabaco e as bebidas alcoólicas. As secreções brônquicas são influenciadas pelo uso imoderado do cigarro, melhorando os doentes quando voluntariamente dominam o vício. Só assim a terapêutica destas enfermidades poderá ser eficaz.

Reduzir a dose não é suficiente; é necessário, a bem da saúde, eliminar de vez («failure to advise such patients to stop smoking constitutes incomplete therapy»).

O carcinoma dos brônquios e o cancro do pulmão, segundo estatísticas recentíssimas, parecem ligados, além do tabaco, à poluição do ar, tormento dos que, por necessidade ou dever de ofício, habitam as grandes metrópoles.

Ao lado do cafeísmo e do teísmo, o tabagismo pode provocar graves e inesperadas alterações psíquicas.

(Jean Nicot, embaixador da França em Portugal, contribuiu para a difusão do tabaco na Europa).

A acção vasomotora e neurovegetativa do tabaco (Baruk, 1959) é

muito importante e pode originar desagradáveis situações nervosas. A eliminação do tóxico é difícil nalguns indivíduos, difícil e quase sempre parcial. Opinam, com razão, vários investigadores que fica sempre mais do que se desprende.

O tabagismo, sobretudo nos psiconevróticos, é uma toximania (Freud explica-a a seu modo); daí Silbert afirmar que a saúde dos membros se encontra ligada ao estado mental.

Simone de Beauvoir («Le Deuxième sexe») vai mais longe, não só a propósito do tabaco, mas também de outros acidentes fatais, afirmando que o corpo inteiro está em íntima relação com o estado mental, com a neurose já existente ou que se avizinha a passos agigantados («J'étais un être auparavant et je suis maintenant une chose»).

Do ponto de vista fisiológico e psicológico as coisas não são tão fáceis de explicar como parece à primeira vista.

As muitas encruzilhadas do subconsciente são ninhos de mistérios insondáveis, de transviados caminhos, de longes dispersos.

No início da campanha, encetada pelos jornais médicos responsáveis, a reacção foi oposta: aumentou a venda de cigarros, numa tentativa desesperada de suicídio colectivo («Tobacco is a dirty weed. I like it»). Foi mais ou menos a resposta dos grandes fumadores.

Queimar cigarros em cadeia, uns atrás dos outros, é muito diferente de fumar. Moer música, não é ouvir música... Tudo tem os seus limites, limitações inerentes à própria liberdade individual.

Fumar ou não? Dispor pressupõe um determinado limite. Existe paralelamente uma responsabilidade perante a grei, o húmus, a terra-mãe. O indivíduo só pode considerar-se completo, quando, defendendo-se a si próprio, defende o comum, património ancestral. Vencer é ser já — é ser para sempre... Atenção ao tabaco, pois!

O NOVO MERCADO de Alferrarede

ABRANTES, 6. — A Câmara Municipal tomou já conhecimento do parecer do arquitecto-urbanista quanto à escolha do local onde vai ser construído o novo mercado de Alferrarede.

A Câmara aprovou, por unanimidade, o respectivo parecer que considera excelente o local escolhido, no sítio da Rua da Fonte de S. José, servido pela Estrada Nacional que liga com o Sardoal e que, futuramente, vai ser uma rua de Alferrarede.

Dado o interesse que Alferrarede tem manifestado para a solução deste problema, e atendendo ao valor do melhoramento a realizar, espera-se que os interessados facilitem a aquisição dos terrenos necessários, permitindo que a Câmara se preocupe exclusivamente com a elaboração do projecto e respectiva construção.

GAZCIDA

Uma chama viva onde quer que viva

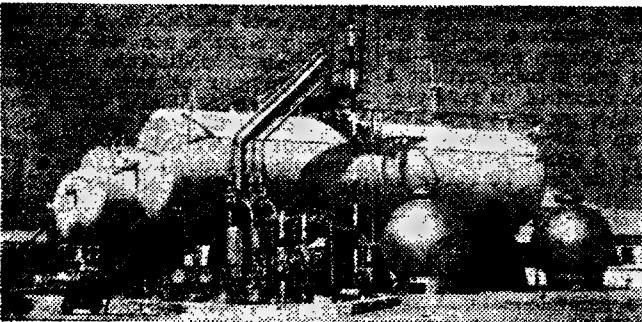
235.000

CONSUMIDORES
são a afirmação de

EXPERIÊNCIA

SEGURANÇA

EFICIÊNCIA



800 depositários em todo o país

GAZCIDA

O GÁS QUE SERVE PORTUGAL INTEIRO



G A R A N T I A D E C O N T I N U I D A D E

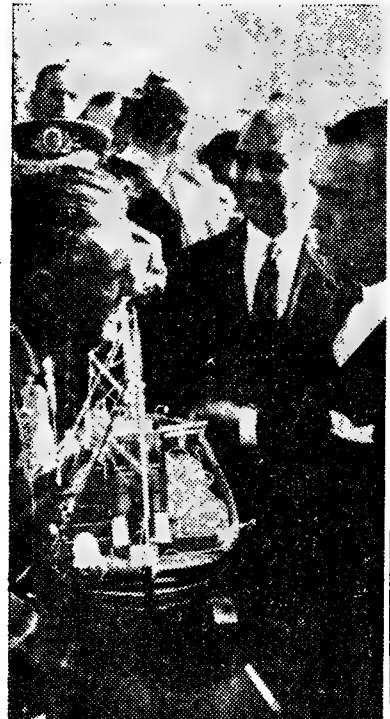


Na vedeta que o levou para bordo do «Almirante Barroso», o Presidente do Brasil, junto do qual se vê sua esposa, sauda a população de Sesimbra

A chegada ao Montijo

(Continuação da página central)

Só Brasília são 6500 quilómetros quadrados conquistados ao deserto. E o prosseguimento de Sagres é o prosseguimento das Descobertas. Logo a seguir o Presidente do Brasil abandonou a Base do Montijo em direcção a Sesimbra, onde foi entusiasticamente recebido pelo povo e pelas autoridades locais. No percurso, já o dr. Kubitschek recebera inúmeras demonstrações de simpatia, ao ponto de se ver obri-



A primeira oferta do povo de Portugal

«Brasil — Portugal 1960»

(Continuação da página central)

rações no campo material e nos domínios do espírito.

A capa expressiva de Rolando Matos e a contra-capas com uma tapeçaria do pintor Camarinha são o «vestido» de um corpo de cerca de 200 páginas de texto, abundantemente ilustrado em que se focam os principais aspectos das vidas brasileira e portuguesa, desde a agricultura ao teatro, da indústria à imprensa. Estradas e caminhos de ferro, assistência social e sanidade, portos, pecuária, desportos, siderurgia, pescas, marinha mercante e produção de electricidade, todos os múltiplos aspectos da vida nacional, esta edição especial procura relatar no momento presente e fazer o balanço dos dois países irmãos.

«Este jornal, que se tem consagrado à causa da aproximação luso-brasileira, desde o primeiro dia, com uma atenção e um carinho que constituem para nós justo título de orgulho, sente-se feliz por poder contribuir para o melhor conhecimento da vida brasileira entre os Portugueses, que sentem pelo Brasil a ternura e a admiração de um pai orgulhoso das vitórias alcançadas por um filho querido».

Assim termina a apresentação desse número especial, nova demonstração do interesse do «Diário de Lisboa» pela causa do luso-brasileirismo.

gado a descer do carro em que seguia para melhor corresponder às manifestações dos populares, alguns dos quais abraçou efusivamente.

Em Sesimbra, grande multidão saudou o Presidente Juscelino, desde a entrada da vila até ao cais do porto de abrigo, onde era aguardado por uma guarda de honra formada por bombeiros e pescadores, em nome dos quais, Francisco Pereira dos Santos, lhe ofereceu a miniatura de uma traineira.

Já na vedeta que depois o levaria para bordo do cruzador «Almirante Barroso», o Presidente do Brasil ergueu os braços saudando quantos ficavam em terra, correspondendo com um «Viva Portugal!», às aclamações do povo.

O «Almirante Barroso» levantou ferro de Sesimbra às 10 horas

Centenas de embarcações engalanadas em arco rodearam o navio presidencial «Almirante Barroso». No momento em que o Presidente Juscelino chegou ao cimo da escada do portaló, os canhões daquele vaso de guerra e os dois escoltas portugueses dispararam os 21 tiros da praxe. No mastro principal subiu então o pavilhão do Chefe do Estado do Brasil. Eram 10 horas quando o «Almirante Barroso» começou a navegar em direcção à barra do Tejo, escoltado pelas fragatas portuguesas «Diogo Cão» e «Corte Real».

SAUDAÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

tado, de não faltar a uma comemoração que diz respeito tanto a Portugal como ao Brasil. Celebra-se, com efeito, a glória de um antepassado comum. É, portanto, uma festa de família que nos reúne no solar da raça, esta «pequena casa lusitana», como lhe chamou Camões, de onde partiram os marinheiros que haviam de descobrir essa terra portentosa, os colonos que a haviam de povoar e os missionários que a haviam de converter à fé de Cristo.

O Brasil, ao atingir a maioridade política, pediu a sua emancipação e foi um príncipe português que a reclamou e lhe outorgou de bom grado. De então para cá, o país cresceu e prosperou, à sombra da unidade que lhe imprimiu e hoje constitui uma das potências mais ricas e mais respeitadas do Mundo.

As suas relações com a antiga Metrópole têm-se processado sempre num pé de amizade fraternal, que não exclui, como pode acontecer entre membros da mesma família, uma ou outra sombra a empanhar-lhes o brilho. Mas nunca como hoje elas foram tão cordiais e tão compreensivas e se encaminham num sentido tão prático e tão realista. Estamos a viver, na verdade, um momento histórico da mais alta importância para os dois países. Liga-nos um tratado de Amizade e Consulta cuja regulamentação tem sido insistentemente pedida dos dois lados do Atlântico, para que possa produ-

No Palácio de Queluz o presidente do Brasil recebeu o corpo diplomático

(Continuação da página central)

Camara, almirantes e outros oficiais superiores e funcionários dos Negócios Estrangeiros.

Da Ribeira das Naus surgiram, a abrir o desfile ante os dois Presidentes, as fanfarras do Colégio Militar e dos Pupilos do Exército, seguidas de um bloco de bandeiras e estandartes das unidades e dos estabelecimentos da Marinha e do Exército, em fileiras de seis oficiais, guíões, alunos do Colégio Militar, dos Pupilos do Exército, da Escola Naval e da Academia Militar e um regimento de Cavalaria da G. N. R. a galope.

A assistência manifestou-se com palmas e as forças que defilaram seguiram para o Largo do Corpo Santo, onde destroçaram.

A partida para Queluz

Terminado o desfile, os dois Chefes de Estado dirigiram-se, depois de ouvidos os hinos dos seus países, para um automóvel aberto.

O Presidente Kubitschek sentou-se à direita do almirante Américo Tomás, mas, logo que o carro iniciou a marcha, teve de pôr-se de pé, para corresponder, sorrindo, às vibrantes aclamações populares. Organizou-se, então, o cortejo automóvel, em que se incorporaram os carros do oficial às ordens do Chefe do Estado brasileiro, general Portugal da Silveira, das esposas dos dois Presidentes, dos dois ministros brasileiros e de membros do Governo português, das duas filhas do Presidente Kubitschek e de outras entidades, e que fechava com um esquadrão montado da G. N. R.

Durante a passagem no Terreiro do Paço, houve muitas palmas e vivas, vindo-se o admirável espectáculo de verdadeiras nuvens de papelinhos com as cores dos dois países, lançadas das janelas dos prédios da Rua Augusta.

Ao abandonar a tribuna, às 12 e 50, o dr. Oliveira Salazar foi muito ovacionado pelos presentes.

A caminho até Queluz

O cortejo-automóvel, à frente do qual segue a cavalaria da G. N. R., tomou pela Rua Augusta, por entre um crepitar de ovações. Até nas colunas do Arco havia jovens em instável equilíbrio, que aclamavam o Presidente do Brasil, de pé no seu automóvel aberto, o ros-

to fino aberto num sorriso de jubilo, acenando com a mão direita ao povo de Lisboa.

Colchas carmesim pendiam das janelas da via pombalina. Nas varandas a esfera armilar, cetros dourados, bandeiras verde-rubras e o pavilhão brasileiro com as suas cromias vivas. Chuvas de confetti.

Nas montras de muitos estabelecimentos, os retratos do Presidente Kubitschek de Oliveira e do almirante Américo Tomás. Fotógrafos amadores, tentando forçar o cordão de polícia, aproximam-se da primeira fila de espectadores, para colherem um instante do homem que sonhou a capital fantástica que é Brasília.

A entrada do Rossio, lê-se numa larga fita de seda, atravessada sobre a rua: «Salve Brasil, Portugal inteiro te sauda».

As aclamações populares traduzem bem a comunhão das duas nações que esta hora alta da vida nacional significa, para além das circunstâncias políticas. No Rossio, junto ao Teatro Nacional, alinhams-se, com os seus estandartes, deputações dos Grémios, Sindicatos e Federações. Por todo o lado, as caravanas simbólicas no alto dos mastros, e as estrelas dos Estados Unidos do Brasil.

Em triunfo, sobe o cortejo a Avenida da Liberdade, que espelnde ao sol, digna do visitante ilustre que lhe ama o traçado amplo e o nome generoso.

Juscelino Kubitschek manifesta de novo a sua simpatia irradiante ao povo que lhe tributa tão sinceros aplausos.

Os automóveis descrevem a curva da Praça do Marquês de Pombal, ornamentada como nunca o foi para outro hóspede estrangeiro da nossa Pátria, e sobem ainda lentamente a Avenida Joaquim António de Aguiar, Na Avenida Duarte Pacheco, frente às buganvílias e arvoredos do Liceu Francês, é substituída a vistosa cavalaria da G. N. R. por um esquadrão motorizado do mesmo Regimento, que daí em diante abre o caminho ao cortejo.

A aristocrática vila de Queluz aguardava o Presidente desde muito cedo, no sereno remanso das suas linhas neo-clássicas, em tons de rosa-pastel, realçado pelas frondes do parque, pelas chamas barrocas da frontaria do palácio, com suas janelas ainda cerradas. Só à porta, uma tapeçaria escarlate estava sendo deitada e os populares, com ramos de flores acorriam ao largo, onde a G. N. R. formava a guarda de honra.

Aguardavam a chegada dos dois chefes de Estado o presidente da Camara de Sintra, prof. Joaquim Fontes; o coronel Rui Horta, comandante do R. A. A. F.; e o pintor sr. Ventura Porfírio, conservador do Palácio.

Antes de os Presidentes das duas nações irmãs chegarem ao Palácio vieram juntar-se a estas entidades os srs. ministro dos Negócios Estrangeiros, embaixador do Brasil e embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, oficiais às ordens do Presidente Kubitschek de Oliveira e altos funcionários do Protocolo do Estado, que se postaram à entrada.

Finalmente, a multidão estremeceu. A figura distinta e cordial do presidente Juscelino erguia-se no carro aberto que o transportava e os seus olhos risonhos, os seus braços voando num gesto de agradecimento, diziam à arraia miuda que também para a gente humilde de Portugal iam os seus sentimentos de afecto.

De outro automóvel apeou-se, a senhora D. Sara Kubitschek, vestida de seda azul estampada, a cabeça airosa modelada por um gracioso chapéu amarelo-mate. A seu lado, a senhora de Américo Tomás, com uma grande capelina clara, «toilette» azul e branco, com luvas condizentes e ao pescoço um colar de pérolas.

As duas filhas do Presidente do Brasil, senhoritas D. Márcia e Maristela, vinham noutros dois carros, acompanhadas cada uma delas por uma das filhas do almirante Américo Tomás, a primeira vestida de cor-de-rosa, com chapelinho lilás, a segunda toda de amarelo, ambas graciosas e naturais.

No momento da chegada do cortejo a bandeira do Brasil era hasteada no pavilhão real, destinado aos ilustres hóspedes.

A entrada do Palácio, o sr. almirante Américo Tomás despediu-se, com um abraço, do Chefe do Estado brasileiro. Este e a sua família almoçaram, em seguida, na maior

intimidade, com os membros mais destacados da comitiva e oficiais às ordens.

O Presidente do Brasil fica instalado, como é já tradicional, para os chefes de Estado visitantes, nos aposentos de D. Maria.

Recepção ao corpo diplomático

As 15 e 30, o Presidente Juscelino Kubitschek recebeu no Palácio de Queluz os membros do corpo diplomático acreditado em Lisboa. Foi saudado pelo sr. nuncio apostólico na sua qualidade de decano dos diplomatas acreditados junto do Governo português.

Após esta recepção, o presidente brasileiro vai a Belém, onde será recebido pelo almirante Américo Tomás.

Ao fim da tarde, os dois Presidentes seguem, de comboio, para Lagos.

O «CLARIM» foi substituído

Os toques de comando dirigidos às forças em parada irrompiam de um clarim roufeno. Cada toque criava um certo mal-estar naqueles milhares de pessoas que aguardavam no Terreiro do Paço a chegada de Kubitschek.

Seria do instrumento ou do sargento do Exército que o assoprava?

O certo é que o facto foi notado também pelas entidades oficiais que iam chegando à tribuna e daí a pouco o «clarim» do Exército foi substituído por um outro da Marinha.

DESCOBERTO

um altar celta

PRAGA, 6 — Arqueólogos checos descobriram na região de Libenice, na Boémia central, um altar celta que data de 275 a 300 AC. e que se cre se o primeiro no género encontrado na Europa. O santuário que mede 80 metros por 20, está rodeado de um muro. A volta da ara em que se celebravam os sacrifícios, encontravam-se os esqueletos de duas crianças entre osadas de animais. — (F. P.).

Ceuta e Melilla

não devem ser

bases militares

pensa-se em Marrocos

RABAT, 6. — O problema da evacuação das tropas espanholas do território marroquino e das bases militares de Ceuta e Melilla, enclaves situados na costa mediterrânea de Marrocos, voltou ontem a ser levantado pelo jornal do Istiqlal, «Al Alam», que pede à Espanha, não para evacuar os dois «presídios», mas para denuncia ao seu carácter de «bases militares».

«Marrocos — escreve o quotidiano — prefere a via das negociações e do entendimento recíproco para conseguir os seus objectivos e aspirações nacionais, tanto imediatas como a longo prazo. Guardando as forças necessárias à manutenção da ordem, em Ceuta e Melilla, em vez de fazer bases militares desses dois territórios, a Espanha provar-nos-á que tem confiança na nossa independência, enquanto não é solucionado satisfatoriamente este complexo problema que dura há cinco séculos». E, concluindo, o jornal escreve: «Formulamos todos os nossos votos para que o Governo de Madrid possa conseguir e realizar a sua reivindicação nacional relativa a Gibraltar, subtraído à Espanha há mais de 250 anos». — (F. P.).

A TERRA

está a alargar?

HELSINKI, 6. — O prof. Lazlo Egyed, da Hungria, sustentou ontem no Congresso Internacional de Geofísica e Geodésia, que a Terra «alarga em vez de diminuir».

Trabalhando, no problema, desde 1953, acrescentou no entanto ser difícil provar a sua teoria, de forma empírica; baseada na matemática. — (F. P.).

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» ouvia no dia 6 de Agosto de 1930 o lugar tenente do sr. D. Manuel, conselheiro Aires de Ornelas, que acerca da atitude da Causa Monárquica ante as declarações políticas do Governo, declarava: — Não me repugna, não, deve repugnar a nenhum monárquico, uma república nacionalista feita para todos os portugueses. A República não é abrigada a ser demagógica para ser republicana. Ao contrário, me parece que a confusão entre República e demagogia produziu já no nosso País suficientes malefícios.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Programa A — 451 m — 655 kc/s — As 18, Noticiário; 18 e 10, Musica de dança; 18 e 40, Rádio rural; 19, Canções portuguesas; 19 e 15, Musica de filmes; 19 e 45, Musica de piano do Hotel Mundial; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Orquestras típicas; 20 e 30, Geografia musical; 21, Noticiário — Comentário; 21 e 20, Separador; 21 e 30, O condicionamento geográfico na expansão ultramarina; 21 e 45, Serão para trabalhadores, organizado pela E. N. e pela F. N. A. T.; 22 e 30, Miscelanea de canções, pelo conjunto francês de acordes de Henry Coenra; 22 e 45, 2.ª parte do serão para trabalhadores; 23 e 30, Orquestras ligeiras; 23 e 45, Noticiário — Musica para dançar; 1, Encerramento.

Programa B — 458 m — 395 kc/s — As 19, 4.ª programa da série «Os quartetos de Beethoven»; 19 e 25, O livro «Política e História», palestra; 19 e 35, Trechos de óperas; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Programa de musica portuguesa; 21, Noticiário — Comentário; 21 e 20, Separador; 21 e 30, Concerto pela cantora Carmélia Ambar, o pianista Alberto França e o fogotista João Mateus; 22 e 15, Musica de arco; 22 e 30, Primeiro programa do festival «I Concerti Di Lugano 1960», em gravações cedidas pela Sociedade Suíça de Radiodifusão (Rádio Lugano); 23 e 57, Noticiário — Encerramento.

RADIO CLUBE — As 17 e 30, Brasil; 17 e 46, Teatro de brincar; 18, Orquestras; 19, Orquestras e canções; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; as 21, Solistas; 21 e 30, Língua inglesa; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Canções; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Concerto, programa de divulgação; 23 e 15, Rítmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45, Noticiário, 2, Fecho.

ESTACAO DE MIRAMAR — As 17, Musica pelo caminho; 17,50, Viagens na nossa terra; 18 e 18, Canções; 18 e 30, Cantos e recantos de Portugal; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Braga, capital do Minho, 20, Boletim informativo; 20 e 30, Curso de língua inglesa; 20 e 40, Vida desportiva; 21, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, A 45, Brasil; 22 e 15, Intermédio musical; 22 e 30, Artistas portugueses; 23, Trechos de operetas; 0, Rítmos de baile; 0 e 58, Sumário; 1, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 15, Noticiário; 18 e 30, Terço e benção; 19 e 5, Migalhas doutrinais; 19 e 10, Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25, Leitura do programa e boletins religioso e do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20, O sr. Bruno Xanfredo; 20 e 15, Separador musical; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando, 21, A cultura brasileira; 21 e 30, O julgamento do fado; 21 e 40, Rádio rural; 22 e 35, Passatempo para o lar; 23, A 23.ª hora; 23 e 55, Noticiário; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 às 2, Club Radiofónico de Portugal.

EFEMÉRIDES

No dia 6 de Agosto celebra-se o Dia da Independência da Bolívia.

TELEVISAO

Hoje, às 20 e 50, abertura: 20 e 32, Telejornal (1.ª edição); 20 e 50, programa juvenil; 21 e 50, Orquestra Ligeira da Força Aérea; 22 e 5, «Magia do Natal»; 22 e 35, Teledesperto; 22 e 55, Telejornal (2.ª edição); e 23 e 30, «Naquele tempo...».

ACTAZ DO DIA

MONUMENTAL — As 21 e 45 — «A ratoeira».

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS — As 22 — «Infante de Sagres».

LIVOLI — «Mulher três vezes».

S. LUIS — «Rasputine e a imperatriz».

IMPÉRIC — «No ultimo instante».

S. JORGE — «Orgulho de homem».

EDEN — «10 anos na contra-espionagem».

MONUMENTAL — «A 7.ª viagem de Sinbad».

ODEON — «Pac, Amor e Cadillac».

CONDES — «Cantinfilas no circo».

ALVALADE — «Rasputine e a imperatriz».

AVIS — «Avançada perigosa».

ROMA — «Avançada perigosa».

CAPITOLIO — «Homem sem rumo».

COLISEU — «O homem da máscara de ferro».

OLIMPIA — «Capitão Africas».

IDEAL — «Quando o leão rugiu».

RESTELO — «Casino de Paris».

JARDIM CINEMA — «A batalha do Mar Coral».

ESPL. PORTUGALIA — «A ingénua e o solteirão».

CAMPOLIDE — «O nosso agente em Havana».

S. L. BENFICA — «Cantinfilas em «A la minuta»».

ODIVELAS — Cine Esplanada — As 21: «Os turbulentos» e «Um dia de vida» (Adultos).

HORAS DAS MARES

BAIXA MAR

Dia 6 — 20 e 37 h. (0,65 m.).

Dia 7 — 8 e 54 h. (0,60 m.); 21 e 15 h. (0,56 m.).

Dia 8 — 9 e 41 h. (0,63 m.); 21 e 25 h. (0,56 m.).

PREIA MAR

Dia 6 — 14 e 48 h. (4,31 m.).

Dia 7 — 3 e 16 h. (4,17 m.); 15 e 30 h. (4,45 m.).

Dia 8 — 4 h. (4,24 m.); 17 e 3 h. (4,45 m.).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO E — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Universitária — Rua 0, 29-D, Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria), Tel. 778953; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, (Junto à Avenida Brasil), Telefone 765262; Farmácia — Estrada da Portela, lote 5-A, a Alvalade (Pote de Água), Tel. 710131; Cartaxo — Ave-

nida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhertina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (junto à Igreja de Fátima), Tel. 763107; Sa da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-43, Tel. 41961; Carreira — Avenida Duque de Avila, 32-C, Tel. 43195; Oliveira Vieiras — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da Maternidade e de Avis Hotel), Tel. 45966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45378; S. Jorge — Av. Rovisco Pais, 32-A, Tel. 734027; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, T. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Rogadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátia — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — R. D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Teles — R. João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2 Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

nida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhertina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (junto à Igreja de Fátima), Tel. 763107; Sa da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-43, Tel. 41961; Carreira — Avenida Duque de Avila, 32-C, Tel. 43195; Oliveira Vieiras — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da Maternidade e de Avis Hotel), Tel. 45966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45378; S. Jorge — Av. Rovisco Pais, 32-A, Tel. 734027; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, T. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Rogadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátia — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — R. D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Teles — R. João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2 Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

nida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhertina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (junto à Igreja de Fátima), Tel. 763107; Sa da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-43, Tel. 41961; Carreira — Avenida Duque de Avila, 32-C, Tel. 43195; Oliveira Vieiras — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da Maternidade e de Avis Hotel), Tel. 45966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45378; S. Jorge — Av. Rovisco Pais, 32-A, Tel. 734027; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, T. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Rogadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátia — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — R. D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Teles — R. João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2 Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

nida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhertina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (junto à Igreja de Fátima), Tel. 763107; Sa da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-43, Tel. 41961; Carreira — Avenida Duque de Avila, 32-C, Tel. 43195; Oliveira Vieiras — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da Maternidade e de Avis Hotel), Tel. 45966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45378; S. Jorge — Av. Rovisco Pais, 32-A, Tel. 734027; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, T. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Rogadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátia — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — R. D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Teles — R. João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2 Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

nida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhertina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (junto à Igreja de Fátima), Tel. 763107; Sa da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-43, Tel. 41961; Carreira — Avenida Duque de Avila, 32-C, Tel. 43195; Oliveira Vieiras — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da Maternidade e de Avis Hotel), Tel. 45966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45378; S. Jorge — Av. Rovisco Pais, 32-A, Tel. 734027; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, T. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Rogadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátia — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — R. D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Teles — R. João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2 Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

nida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhertina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (junto à Igreja de Fátima), Tel. 763107; Sa da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-43, Tel. 41961; Carreira — Avenida Duque de Avila, 32-C, Tel. 43195; Oliveira Vieiras — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da Maternidade e de Avis Hotel), Tel. 45966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45378; S. Jorge — Av. Rovisco Pais, 32-A, Tel. 734027; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, T. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Rogadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátia — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — R. D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Teles — R. João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2 Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

nida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhertina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (junto à Igreja de Fátima), Tel. 763107; Sa da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-43, Tel. 41961; Carreira — Avenida Duque de Avila, 32-C, Tel. 43195; Oliveira Vieiras — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da Maternidade e de Avis Hotel), Tel. 45966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45378; S. Jorge — Av. Rovisco Pais, 32-A, Tel. 734027; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, T. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Rogadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátia — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — R. D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Teles — R. João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2 Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

nida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhertina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (junto à Igreja de Fátima), Tel. 763107; Sa da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-43, Tel. 41961; Carreira — Avenida Duque de Avila, 32-C, Tel. 43195; Oliveira Vieiras — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da Maternidade e de Avis Hotel), Tel. 45966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45378; S. Jorge — Av. Rovisco Pais, 32-A, Tel. 734027; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, T. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Rogadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátia — Calçada dos Mestres, 30-A (J

Republicanos e Democráticos receberam sem entusiasmo a proposta de Kruchchev para uma conferência de alto nível

SEATTLE, 6. — Os Estados Unidos e os seus aliados não devem participar em novas conversações de alto nível com a União Soviética sem terem obtido antes uma razoável garantia de que algo de bom resultará, declarou, nesta cidade, o vice-presidente e candidato republicano à presidência, Richard Nixon.

Falando durante uma Conferência de Imprensa, às últimas horas da noite de ontem, pouco depois de ter regressado do Hawai, onde iniciou a sua campanha eleitoral, Nixon disse que os Estados Unidos não entrarão no «jogo internacional de insultos», de que é promotor e principal protagonista Nikita Kruchchev, visto esse jogo poder conduzir a novas tensões internacionais.

«Nada faremos para piorar a atmosfera internacional», disse Nixon. Por outro lado, acrescentou, os Estados Unidos não permitirão que a Rússia «exerça pressão» sobre as nações amantes da liberdade.

Sobre política interna, Nixon afirmou que se for eleito não tomará a iniciativa de alargamento dos direitos civis, das minorias raciais norte-americanas, entregando essa questão ao Congresso. Revelou, ainda, que o procurador geral, William Rogers, está em conversações com os dirigentes dos grandes armazéns cujas sucursais, no Sul, tinham sido objecto de recentes manifestações dos Negros contra a segregação racial.

Mais tarde, Nixon seguiu de avião para Washington, onde reabrirá o Congresso na próxima segunda-feira. — (R.).

DECLARAÇÕES DE STEVENSON

BAR HARBOR (Maine), 6. — Os Estados Unidos devem assumir uma atitude cuidadosa relativamente à sugestão do chefe do Governo soviético, Nikita Kruchchev, para a eventual realização de nova conferência de alto nível — declarou ontem, à United Press, Adlai Stevenson.

Prosseguindo, Stevenson afirmou:

«As últimas experiências com conferências de alto nível não são muito animadoras, mas oíamos o que Kruchchev pretende discutir e o que tenciona propor, antes de fecharmos os caminhos em prol de um Mundo mais seguro, por meio de negociações pacíficas».

Stevenson encontra-se, desde a semana passada, como convidado, em casa do antigo secretário da Aeronáutica, Thomas Finletter, nesta ilha. O antigo candidato democrático à presidência tenciona regressar a Chicago no princípio da próxima semana.

Adlai Stevenson é um dos dois

conselheiros de política externa do candidato presidencial John Kennedy, prevendo-se a sua eventual nomeação para o cargo de secretário de Estado, no caso do senador Kennedy vir a ser eleito para a presidência dos Estados Unidos. — (A. N. I.).

EISENHOWER NÃO COMENTARÁ A PROPOSTA DE KRUCHTCHIEV

NEWPORT (Rhode Island), 6. — O presidente Eisenhower, que se encontra em férias em Newport, reservou os seus comentários sobre a sugestão formulada pelo chefe do Governo russo, Kruchchev, para que se convocasse uma nova conferência de alto nível, a fim de serem estudados os problemas entre o Ocidente e o Leste.

A Casa Branca informa que o presidente foi inteirado da proposta de Kruchchev, contida na carta de Kruchchev, contida na carta britânica, MacMillan, acrescentando: «Sem comentários». O secretário de Imprensa em exercício, Wayne Hawka, frisou não ser sequer provável que Eisenhower comentasse, mais tarde, publicamente, a oferta de Kruchchev. — (A. N. I.).

Três expedições americanas vão colaborar no salvamento dos monumentos ameaçados pelo Nilo

WASHINGTON, 6. — Três expedições norte-americanas vão actuar na Nubia e no Sudão, a começar no Outono, para participar no salvamento dos monumentos egípcios e sudaneses ameaçados nem pessoal habilitado a salvar for construída a nova barragem sobre o Nilo, que formará um lago artificial com cerca de 500 quilómetros aproximadamente de comprimento.

Fidel Castro falará esta noite no Congresso

da Juventude

HAVANA, 6. — O dr. Fidel Castro, primeiro-ministro cubano, que há três semanas se anunciou estar doente, vítima de uma pneumonia, discursará à nação esta noite, durante o Congresso da Juventude da América Latina.

Seu irmão Raul, o ministro da Defesa, afirmou na noite passada, falando pela rádio a todo o país que o dr. Castro não estava de perfeita saúde e necessita de alguns cuidados.

Recordou ainda que os anos passados na Serra Maestra e o muito trabalho a que se submeteu, desde a subida ao poder, têm esgotado Fidel Castro, que tem recusado a tratar-se. — (R. e A. N. I.).

KRUCHTCHIEV VISITARÁ CUBA

HAVANA, 6. — A data da viagem do presidente Kruchchev a Cuba está marcada, mas não será divulgada por enquanto, declarou, ontem à noite, Raul Castro, ministro das Forças Armadas, num discurso pela TV. Declarou que o seu país e o seu Governo estão muito gratos ao primeiro-ministro da U. R. S. S., porque ameaçou intervir militarmente no caso de Cuba ser vítima de uma agressão. E acrescentou: «O futuro dirá se fizemos bem. Se tratámos com amigos sinceros, como pensamos que são na realidade. Com esta atitude, Cuba desfaz uma cortina que não é de ferro, mas de mentiras com que se isolava a U. R. S. S. do Mundo». — (F. P.).

PROIBIDO O USO NA AUSTRIA

de condecorações nazis

VIENA, 6. — Segundo uma circular conjunta dos Ministérios da Defesa e do Interior, o uso de condecorações alemãs atribuídas durante a segunda guerra mundial, foi proibida para militares e agentes do serviço de Polícia.

A circular esclarece terem essas condecorações sido conferidas por um exército estrangeiro que conquistou e ocupou a Áustria. — (F. P.).

AUMENTA A DEPENDÊNCIA da defesa inglesa das armas atómicas americanas

LONDRES, 6. — Segundo anunciam hoje o «Daily Herald» e o «News Chronicle», o primeiro canhão atómico do exército britânico será fornecido pelos Estados Unidos.

Correspondentes desses jornais afirmam que a notícia significa que a Grã-Bretanha terá de depender ainda mais de armas atómicas americanas para a sua defesa.

As notícias dizem ainda que o exército britânico adquirirá «Howitzers» americanos, de oito polegadas, para dispararem granadas atómicas americanas.

O «News Chronicle» acrescenta: «A decisão provocará pela certa uma tempestade na próxima reunião do parlamento» — (R.).

A Katanga mantém-se em estado de emergência aguardando a reunião da O.N.U.

ELIZABETHVILLE, 6. — Um porta-voz do primeiro-ministro, Moisés Tshombe, afirmou hoje, em Elisabethville, que o Governo independente de Katanga enviará, possivelmente, uma delegação ao Conselho de Segurança, que amanhã se reúne em Nova York.

Tshombe iniciou o dia com uma reunião logo pela manhã, do seu gabinete, na qual foi levantada a questão do encerramento de emergência de todos os aeródromos da Katanga.

As autoridades oficiais de Katanga declararam esta manhã, que ainda não tinham recebido qualquer confirmação dos planos atribuídos ao dr. Bunche, segundo os quais este deveria regressar hoje, de avião, à capital Katanguesa.

«Não permitiremos que aterrem quaisquer aviões que não sejam amigos», disse o porta-voz. Mas, acrescentou que o dr. Bunche seria autorizado a aterrar se viesse como amigo.

Um comunicado emitido em Elisabethville pela presidência do Conselho, diz o seguinte: «Estamos satisfeitos por poder declarar que Bunche, e por intermédio dele a Organização das Nações Unidas, tomou em consideração a determinação do povo e do Governo da Katanga de não aceitarem a anarquia e o caos».

«Tal facto é bastante encorajador, pois encontramos nele a prova de que o direito de autodeterminação dos povos — aceite pelas Nações Unidas — não é uma fórmula vã, mas pelo contrário, é considerado como questão fundamental».

O AEROPORTO DE ELIZABETHVILLE PERMANECE ENCERRADO

A decisão de Hammarskjöld de convocar novamente o Conselho de Segurança foi considerada, em Elisabethville, magnífica vitória para Tshombe e o Katanga. Os observadores parecem ter poucas dúvidas de que Tshombe tinha o apoio de muitos europeus, assim como dos seus próprios partidários africanos, na posição intransigente que adoptou.

O chefe da missão diplomática belga em Elisabethville partiu hoje de avião para Nova York, a fim de participar na reunião do Conselho de Segurança.

Aviões lançaram hoje panfletos sobre cidades e aldeias de Katanga informando a população de que a entrada das tropas das Nações Unidas tinha sido suspensa por Hammarskjöld.

Embora as autoridades de Katanga tenham anunciado esta manhã que a ordem de encerramento dos aeródromos seria levantada para o tráfego normal e amistoso, o aeroporto de Elisabethville ainda se encontrava encerrado para todos os aviões, com excepção dos militares ou especiais, ao meio-dia de hoje. — (Reuter).

DECEPÇÃO EM LEOPOLDVILLE

LEOPOLDVILLE, 6. — O Governo da República do Congo não publicou até agora qualquer nota oficial comentando a decisão do secretário-geral das Nações Unidas de adiar «sine die» o envio de tropas da O. N. U. para a Katanga, mas sabe-se que telegrafou a Lumumba, a pedir-lhe que interrompesse a sua visita a vários países africanos e seguisse imediatamente para Nova York, a fim de assistir à reunião do Conselho de Segurança, convocada para amanhã.

Em Leopoldville, as esferas oficiais não ocultam a sua decepção. Ontem, à noite, a emissora oficial,

depois de acusar as Nações Unidas, de «estarem a arrastar os pés, na questão da Katanga», disse que alguns ministros aconselharam o vice-presidente do Conselho, a pedir às tropas da O. N. U. que saiam do Congo e a solicitar auxílio a «outras nações livres africanas».

Afirma-se, também, que o Governo de Lumumba está a estudar a possibilidade de enviar, por estrada, as suas próprias tropas para a Katanga. — (A. N. I.).

A DELEGAÇÃO DO CONGO A REUNIÃO DO CONSELHO DE SEGURANÇA

LEOPOLDVILLE, 6. — O presidente Kasavubu recebeu a delegação congoleza que vai a Nova York, presidida por Thomas Kanza, ministro delegado à O. N. U. Crê-se que a delegação faz parte do vice-primeiro-ministro, Gizenga e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Bomboko. — (F. P.).

NEGOCIAÇÕES FINANCEIRAS ENTRE A BÉLGICA E O CONGO

LEOPOLDVILLE, 6. — O conselho de ministros congolês decidiu enviar a Genebra uma delegação ministerial, presidida por Delvaux, ministro-residente na Bélgica, para tomar contacto com os representantes do Banco Central do Congo e do Ruanda-Urundi e solucionar com eles as questões monetárias em suspenso entre a Bélgica e o Congo. — (F. P.).

Devido a incursões de tribos do Tanganika está a ser reforçada a guarnição de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 6. — Uma companhia de «elite» de tropas metropolitanas portuguesas — Caçadores Especiais — sob o comando do capitão Ventura Lopes, chegou à Beira, vinda de Lisboa, em aviões militares de transporte.

A sua chegada, foi-lhe passada revista pelo coronel Francisco Braga, inspector da Arma de Artilharia, que representava o general Nascimento e Silva, governador militar da província de Moçambique.

Estas tropas destinam-se a reforçar as forças da Metrópole que se encontram ao Norte da província.

Houve recentemente, naquela região, distúrbios causados pela incursão de elementos da tribo guerreira dos «macondos», vindos do Tanganika. — (F. P.).

NOVOS «DRAGÕES» PARA SILVA PORTO

SILVA PORTO, 6. — Foi entusiástica a recepção que a cidade de Silpa Porto prestou aos novos «dragões» — Grupo de Reconhecimento de Angola —, que vêm fixar-se no antigo quartel da Companhia de Atiradores de Silva Porto. Os «dragões» vieram acompanhados das respectivas famílias.

A nova unidade fica sob o comando do major Magalhães Correia, natural de Novo Redondo. — (A. N. I.).

200 000 PESSOAS em Hiroshima na passagem do XV aniversário do bombardeamento atómico

HIROSHIMA, 6. — O príncipe herdeiro Akihito e uma multidão de 200 000 pessoas observaram um minuto de silêncio, ontem, exactamente às 8 e 20, por ocasião de XV aniversário do bombardeamento atómico que causou 60 000 mortes.

Depois de ter deposto uma coroa de crisântemos na estátua erigida à memória das vítimas do bombardeamento, voltando-se para a multidão, declarou:

«Faço preces para que todo o Mundo consiga a paz garantindo, que a tragédia do bombardeamento atómico, jamais se repetirá. — (F. P.).

GOSTA DE SNOBS?

Leia um curioso artigo que «Arco-Iris» — n.º de Agosto — agora posto à venda — dedica à essa fauna pitoresca. Muitos outros assuntos do maior interesse. 128 páginas — 5\$00.

RESTAURANTE ROSSINI

Azinhaga da Cidade (ao Lumiar)

Telef. 790878 e 790995

LISBOA

com cozinha italiana e típica portuguesa, servindo: ALMOÇOS, JANTARES e CEIAS.

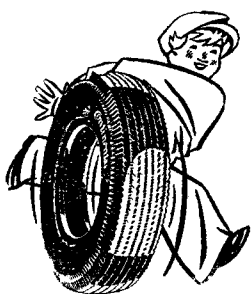
A partir das 21.30 horas, música de dança com o «CONJUNTO ROSSINI».

Esplanada com arvoredo, lagos, jardins, e equipada com Televisão.

Parque infantil.

Parques privativos para automóveis.

— O acesso ao recinto de baile é para maiores de 15 anos —



Continental

(De fabricação alemã)

OS MELHORES ENTRE TODOS

Distribuidores

SIMEL — Telef. 681224

R. Rodrigo da Fonseca, 103

A GERÊNCIA DO RESTAURANTE BAR PORTO DE ABRIGO

Comunica aos seus estimados clientes e amigos, que se encontra encerrado AOS DOMINGOS a partir desta data, até 15 de Outubro.



Uma nova ciência | A BARDOLOGIA

Acaba de criar-se uma nova ciência: a Bardologia. Lançou-a a revista «Arts - Letres - Spectacles», no seu último número. Não é a ciência dos Cardos; o seu campo de análise é pequeno, mas garantem-nos ser importante: ocupa-se, nada mais e nada menos do que de Bardot (Brigitte — B.B.). Recolhendo o que sobre este fenómeno científico têm delirado os seus cultores, aquela revista conseguiu alinhar a seguinte invocação poética, que também serve de introdução à nova ciência:

«Doce e feiticeira Brigitte, como nos parece indispensável ao nosso equilíbrio! Tu ergues ao paroxismo do acordo as relações bem conhecidas, velhas como o Mundo, da sexologia e da arte. Tu pões a nu as secretas ligações entre o instinto da sedução e a vontade de se ser fraco, entre o desejo de poderio e o gosto do risco, entre a mulher triunfante e o homem submisso».

A Bardologia é, como se vê, a ciência da Baboseira. Para reforçar a prova, mais uma citação: B.B. vai interpretar um filme de Clouzot, «A Verdade». Comentário do articulista:

«Este acontecimento diz tudo: não é a Verdade, tal como a B.B., simultaneamente ambígua e secreta, perturbadora e serena e, como ela, sai nua do poço».

REPORTAGEM DE FÉRIAS



Há uma classe de chefes de família para os quais as férias começam sempre três meses mais cedo. Esses três meses representam uma

3 | O entreacto trágico

por SAMUEL RAPOSO

espécie de entreacto dramático, um «Auto da Barca do Inferno». Ele começa no dia em que a esposa com verdadeiro espírito científico, constata esta verdade evidente:

— Os miudos estão a precisar de praia.

(Continua na 11.ª página)

da nossa consciência angustiada?».

Não há duvida. A Bardologia é uma ciência oculta, da mesma forma que a quirologia e o mercado negro.



Um lueiro londrino, bondoso e comerciante de seu natural, inventou este novo tipo de luva para as «ladies» que saem à rua e podem necessitar de um taxi.

Poupou-lhes trabalho. Basta levantar o braço e abrir a mão. Não custa a admitir que, pegando a moda, as «ladies» tenham que trazer consigo um saco para transportar luvas com diversas lendas...

(Continua na 11.ª página)

DESPORTO

É costume velho dizer-se que ninguém está contente com a sua sorte. É bem verdade. Até no ponto de vista do físico isto acontece. E então, trata-se de fazer desporto para modificar um pouco a forma plástica que Deus nos deu. O magro, para engordar; o gordo, para se tornar elegante. Portanto, deixemo-nos todos ao desporto, se queremos angariar aquele equilíbrio que é a justa medida tão difícil de conseguir.

Claro que não vamos aqui afirmar que o desporto opera milagres. Mas melhora, sim senhor. Não dá um adónis de beleza e elegância a uma pessoa curta de pernas ou cambaia, ou vesga ou zarolha. Mas pode dar, e já não é pouco, um belo aspecto físico e muscular; um desenvolvimento harmonioso. Contudo, se o paciente não é paciente mesmo, se não pratica horas a fio o desporto indicado, nunca conseguirá vencer em nenhum concurso de beleza, nem mesmo espartilhando-se o mais possível, comprimindo-se até estoirar ou pondo postigos nas faltas com que veio ao mundo.

Por outro lado para conceber o desporto como tratamento eficaz da obesidade basta fazer uma pergunta, uma pergutinha só e simples: Quanto pensa que é necessário andar a 5 quilómetros por hora, para perder um mísero quilo de gordura?... Talvez nem imagina que... apenas a bagatela de 200 quilómetros.

Cabe-nos agora perguntar se há alguém tão corajoso, capaz de conseguir este recorde e se haverá quem seja capaz de abster-se de um bom festim, para não recuperar uns bons quilinhos!

Cremos bem que as coisas não são tão simples como se julga à primeira vista. E contudo, ninguém nega que os esforços físicos sejam necessários à saúde.

Porquê? Porque, antes de tudo, o esforço faz respirar. Exige maior consumo de ar e por isso o pulmão amplia-se, obrigando zonas que normal-



mente pouco respiram, a fazê-lo então.



A natação é um desporto dos mais saudáveis: além do exercício físico, representa uma forma de lutar contra o frio e proporciona suaves massagens ao corpo. É o desporto que melhor convém à musculatura feminina: desenvolve-a, alongando-a

coação a um esforço. Esta reserva de poder poderá ser útil em caso de doença, de choque operatório ou de acidente.

Além disso, o exercício aumenta a circulação nos músculos e desenvolve-os. O esforço físico facilita a digestão e é o melhor tratamento para os sedentários de intestinos preguiçosos.

O desporto tem perigos?

Não há bela sem senão. Mas para responder convenientemente a esta pergunta, certamente ansiosa que os leitores vão pôr aos nossos repa-

ros, há que distinguir entre o exercício físico normalmente moderado do «amador» e do desportista das competições. Mesmo nos cardíacos, um exercício inteligente e calculado não só é útil como indispensável, tanto para vencer a doença como o complexo de inferioridade causado pela doença. Por vezes, é

MAS QUAL?

certo, no decorrer do esforço desportivo intenso poder sobrevir qualquer acidente dramático, levando até à morte. A morte subita que sobrevem em qualquer competição

só raramente é sinal dum cansaço cardíaco. A maior parte das vezes, ela traduz uma lesão já existente ou uma intoxicação por degradação das proteínas musculares.

A síncope e o abandono que verificamos, por vezes, em maratonas traduz uma elevação da temperatura julgar este estado cardíaco como de fraqueza nervosa. É espectacular, mesmo atroz, mas a recuperação é rápida e bem sucedida. Este é o perigo mais agudo. O perigo crónico cuja manifestação se tra-

(Continua na página seguinte)

ESTARÃO EXACTAS?

Há ainda espaços em branco

Não há hoje qualquer espécie de dúvida que apesar das dificuldades de correcção e de interpretação, a fotografia aérea — e portanto os voos de reconhecimento sobre os próprios territórios — apresenta múltiplas vantagens em relação aos processos clássicos de organizar mapas. Eliminando os erros do desenhador e dando os pormenores topográficos e os limites com absoluta exactidão, permite um trabalho mais rápido e mais perfeito. Graças à ajuda do avião a cartografia poderá certamente progredir mais rapidamente.

Da esfera ao mapa

E' evidente que a melhor forma de representar a Terra é sob a forma de um globo. Mas essa solução não é satisfatória quando se quer estudar em pormenor pequenas porções de superfície terrestre. De facto, por razões práticas um globo atinge depressa umas dimensões-limite. Somos assim levados a um problema de projecção: qual é a melhor maneira de transportar para uma superfície plana toda ou parte de uma superfície curva?

O problema é diferente consoante se querem mapas de conjunto ou mapas de pormenor, porque uma

deformação que é muito sensível à escala de um continente pode não ter importância de maior à escala de uma provincia ou vice-versa.

Existem grosso modo duas formas de projecção: podem conservar-se os angulos nas projecções chamadas «conformes» e nesse caso qualquer pequena superfície tem a mesma forma sobre o globo; os rectangulos conservam-se rectangulos e a relação entre a extensão dos paralelos e dos meridianos é a mesma que sobre o Globo terrestre; ou podem também conservar-se as superfícies nas projecções chamadas «equivalentes» e nesse caso, qualquer região do mapa terá a mesma superfície que um globo construido à mesma escala. Existem hoje uma quinzena de sistemas de projecção agrupados geralmente sob nomes diversos.

Algumas das projecções usadas no passado século foram postas de parte por causa da importancia das deformações. Pelo contrario, outras como a «mercator» (paralelos horizontais e meridianos verticais), embora deformem bastante os continentes, sobretudo nos polos, é ainda utilizada correntemente para os mapas do Mundo. Na verdade, foi concebida por Mercator essencialmente para os marinheiros e desempenhou um papel muito importante no desenvolvimento da navegação do alto mar, graças ao seu principio muito simples do ponto de partida e de chegada estarem sempre ligados por uma linha direita. Com o mesmo principio dos paralelos horizontais, a projecção interrompida de Goode e as projecções de Eckert evitam os inconvenientes da projecção Mercator, combinando segundo as latitudes representações diferentes para os meridianos; no sistema de Goode, em vez de um unico meridiano central sobre o mapa cada continente tem o seu proprio meridiano central.

Finalmente, para os mapas em pequena escala, aqueles cuja exactidão em numeros não é o mais importante, utilizam-se vários sistemas derivados da projecção cónica: paralelos em arco de círculo e meridianos rectilíneos, portanto, em leque. A projecção de Bonne, fácil de construir (projecção cónica modificada) foi correntemente usada no século passado, particularmente para a carta do Estado-Maior da França, começada em 1817; é uma projecção equivalente à de Lambert, na base da qual foram desenhados numerosos mapas durante a primeira guerra mundial. Mas ainda a que mais se emprega actualmente é a projecção policónica que parece provocar um minimo de deformações: o meridiano do centro da carta é uma linha direita, os outros são ligeiramente encurvados; os paralelos são arcos de círculo que não são concentricos mas todos são centrados pela linha do meridiano central.

Mas convém acentuar que, mesmo estes sistemas aperfeiçoados de projecção não estão isentos de defeitos. Habitualmente como estamos a usar os «mapas-mundi» planos, ficamos surpreendidos, por exemplo, ao saber que o mais curto caminho entre o Norte da Europa e o da América passa pelo Polo...

E' que na prática esquecemos que a Terra é redonda e que as longas travessias aéreas são traçadas não sobre mapas mas sobre o proprio Globo terrestre.

A' luz destes novos factos talvez seja necessário fazer uma revisão dos métodos cartográficos. Procurando responder á pergunta que se levanta no título destes artigos diremos que, de facto, do ponto de vista estritamente matemático, as cartas não estão exactas, pois a esfera terrestre não é uma superfície «aplanável». Mas na prática, as cartas que hoje são utilizadas são suficientemente exactas, ainda que muitas vezes insuficientemente detalhadas: respondem ás exigências da cartografia científica moderna; conservar para as distancias entre dois dados pontos uma escala constante em relação á grandeza real; representar no lugar exacto todos os pormenores da geografia física; dar a cada país a sua verdadeira forma, respeitando as dimensões relativas dos diversos países em cada continente.

Por toda a parte o quadro tem sido melhorado, mas como dissemos restam ainda muitos espaços em branco e é para o seu preenchimento que o avião — mas o avião pacífico, evidentemente — deve ser chamado a dar a sua valiosa contribuição.



O ténis permite aos que o praticam, mesmo aos amadores, manter uma viva juventude, conservando-lhes o fôlego e a agilidade. Gustavo V, rei da Suécia, que morreu aos 92 anos e jogou ténis até quase ao fim da vida, é um ótimo exemplo das excelências deste desporto.

SPORTO SIM QUAL?



Os desportos de equipa não são apenas aconselháveis por razões de ordem física. Constituem um ótimo instrumento para combater os que possuem tendências para o individualismo

(Continuação da página anterior)

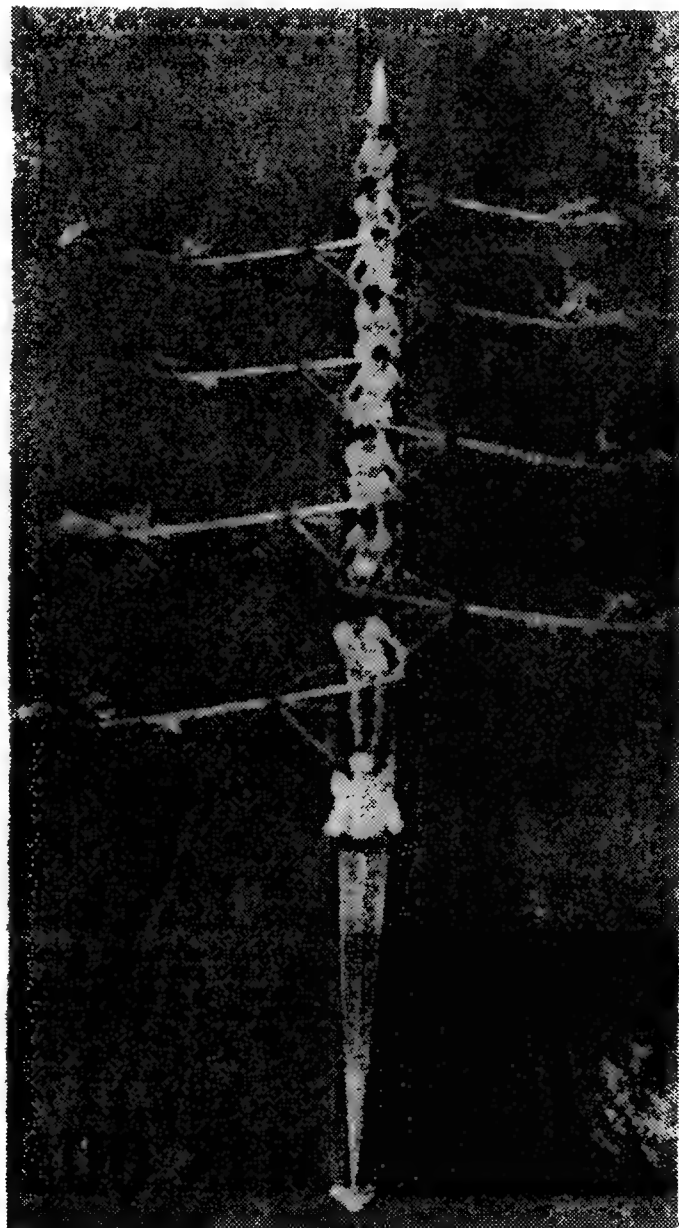
duz pelo «grande coração desportivo» que as radiografias revelam é frequente.

Muitas vezes, há a tendência para julgar este estado caridado como uma lesão. Não o é. O coração, como qualquer musculo, é abundantemente solicitado e isso traduz-se, naturalmente, por um aumento de volume, quer dizer, da sua massa muscular. Na maioria dos casos não vai mais além.

Também se atribui ao esforço fi-

sico demasiado, as crises de albuminúria. E' o sinal de um esforço mas não de uma doença renal e não deve levar á suspensão de toda a actividade desportiva.

Em todo o caso é bem certo que não há como ficar nos limites do bom senso, quanto mais não seja para evitar estes perigos quotidianos; e se não há perigos mesmo, pelo menos as preocupações. Mas também o desporto ajuda a esquecer os aborrecimentos do dia a dia, o que nos parece bastante, com obesidade ou sem ela...



O remo só tem um defeito: é um desporto pouco acessível, que só associações desportivas (e mesmo assim para um pequeno numero de praticantes) podem proporcionar. É pena porque os jovens remadores alcançam sempre excepcional desenvolvimento físico, ao mesmo tempo que educam os reflexos



A pesca, que obriga a grandes marchas, é uma grande receita de saúde. As caminhadas são aconselhadas para toda a gente. O golfe, a caça e a pesca são dos melhores meios desportivos para manter boa linha física e resistência

Deve-se a um padre português a conversão da rainha Cristina da Suécia?

por ALFREDO BRÁS

Os filmes pretensamente históricos têm o enorme defeito, entre muitos outros, de estabelecerem na mente do espectador uma lamentável confusão entre as personagens tratadas e as «vedetas» que as encarnam na tela. Assim, haverá traços do meloso galã Charles Boyer. E quanto à rainha Cristina, não há dúvida que todos nós a associamos na nossa mente com a famosa Greta Garbo...

Ora, um pouquinho de objectividade histórica levar-nos-á inevitavelmente a reconhecer que a rainha da Suécia era muito menos «vampiresca», tinha uma personalidade muito diferente daquela que a «divina» encarnou e, segundo os retratos da época, era também muito menos bela que a sua moderna compatriota.

Cristina, filha de Gustavo Adolfo, nasceu a 8 de Dezembro de 1626, com grande decepção do rei-soldado que esperava um varão para lhe suceder. Talvez por isso, a princesa recebeu na primeira infância uma educação bastante livre e, à medida que foi crescendo, tomou um aspecto pouco feminino. Seu pai, já conformado, afirmava: «esta rapariga há-de valer um rapaz». E a verdade é que Cristina, inteligente e hábil, acabou por valer mais que muitos rapazes juntos.

Gustavo Adolfo morreu em Lützen combatendo à frente do seu exército e Cristina, que tinha apenas seis anos, foi proclamada rainha da Suécia, embora o governo do reino ficasse nas mãos do famoso chanceler Oxenstiern. O Con-

selho da Regência resolveu então dar à jovem rainha uma educação condigna com a sua posição e o facto é que conseguiu torná-la uma mulher ilustradíssima, embora um tanto caprichosa.

Aos dezasseis anos começou Cristina a reinar e logo demonstrou um certo bom senso e inclinações verdadeiramente democráticas.

Quando nomeou Adler Saloins seu representante no Congresso de Westfália, foi muito criticada por causa da humilde origem do escolhido. A rainha não se deixou perturbar e respondeu aos seus aristocráticos censores:

«Há camponeses que nascem príncipes e reis que nascem aldeões».

Quando chegava a altura de se libertar, não se tratava de saber dos «dezasseis castelos de nobreza mas de descobrir homens capazes de resolver os problemas. Se os filhos dos nobres tiverem capacidade, poderão fazer a sua carreira política como os outros». Estes eram os seus princípios da cultura rainha, que escrevia ao seu injeitado plenipotenciário:

«Poder-lhes-ei dizer como Salustio: Eles desprezam a minha obscuridade e eu a sua indolência; se censurarem a minha fortuna, eu poderei censurar-lhes os seus vícios».

Contudo, uma política não é necessariamente boa por assentar em bons princípios e o erário ia-se esaurindo, enquanto a rainha se

entregava à filosofia e escrevia sentenciosamente: «as grandezas são como os perfumes, os que as possuem não as sentem».

A nobreza aguardava com paciência que os anos ou o casamento moderassem os caprichos juvenis da soberana. Tentaram mesmo consorciá-la com seu primo Carlos Gustavo, guerreiro notável, mas Cristina recusou e quando o Senado quis nomeá-lo alteza real, ela falou pela primeira vez na abdicação.

A jovem soberana já tinha feito a sua primeira escolha amorosa, que recaía no conde Magnus de La Gardie. Isso não a impedia de continuar a interessar-se vivamente pela cultura, a ponto de atrair os maiores sábios de todo o Mundo à sua corte.

De repente, porém tudo mudou. A rainha, perdendo toda a reserva feminina, admitira na sua intimidade o embaixador espanhol Pimentel, que assim sucedia ao conde de La Gardie. Instalou mesmo o estrangeiro no palácio, cumulou-o de honras e presentes, descurou os estudos, dedicou-se a uma existência de fausto e de prazer.

O povo revoltava-se, os nobres impacientavam-se e censuravam-na abertamente, ameaçando dar o trono a Carlos Gustavo.

Foi no meio desta crise que chegou a Estocolmo, no dia 30 de Junho de 1650, o enviado português José Pinto Ferreira, que ia representar D. João IV junto da soberana.

Acompanhava o diplomata, na qualidade de intérprete da língua latina, o padre jesuíta António de Macedo, pessoa de vasta cultura que, não obstante ser filho de plebeus, se guindara a alta posição pelo estudo. Não tardou muito que a rainha Cristina, habituada a apreciar os homens pelas suas qualidades, notasse a presença do sacerdote português na sua corte e com ele entabulasse as mais cordiais relações.

O nosso compatriota e a rainha conversavam em latim, língua que Cristina da Suécia conhecia como o seu próprio idioma, sobre assuntos religiosos e o padre, como é natural, aproveitava-se para persuadir a soberana protestante da superioridade da religião católica.

Parece provado que as conversas com o padre António de Macedo influenciaram profundamente a rainha da Suécia, porquanto Fülöp Miller, no seu imparcialíssimo estudo sobre a Companhia de Jesus intitulado «Les Jésuites et le secret de leur puissance», não hesitou em afirmar:

«A filha de Gustavo Adolfo, que manifestara muito cedo um ardente interesse pela ciência e pela religião e que reunira na sua corte filósofos do valor de um Descartes, fora conquistada para a religião católica pelo padre português António de Macedo. Pediu ao geral dos Jesuítas para lhe enviar vários eruditos da Ordem, a fim de a dirigirem no estudo profundo dos dogmas da Igreja romana».

Não se atreveu a soberana a apostar na sua religião enquanto esteve no trono. Mas a 11 de Fevereiro de 1654 declarou renunciar à coroa a favor de seu primo Carlos Gustavo.

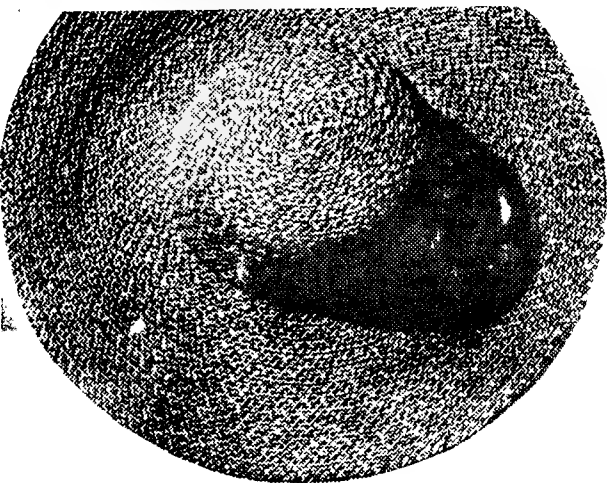
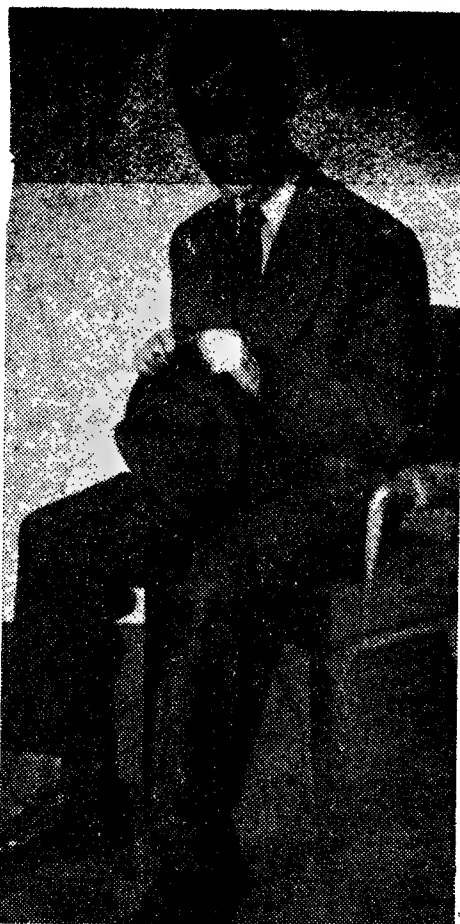
Abdicação fez-se com grande pompa. A rainha, diante do Senado reunido em Upsel, tirou o diadema e, despidendo o manto real, apareceu toda vestida de branco.

Cristina da Suécia, resolveu abandonar imediatamente o seu país e, um ano depois, em Bruxelas, no paço do arquiduque Leopoldo e na presença do embaixador espanhol Pimentel, seu antigo favorito, abjurou do protestantismo e declarou-se católica.

Em Roma, onde a ex-rainha fundou uma verdadeira corte, ainda ela voltou a encontrar-se com o padre António de Macedo, que ali esteve uns vinte anos como penitenciário da igreja de S. Pedro, antes de regressar ao reino para ocupar o cargo de reitor do Colégio de Evora.

Cristina da Suécia também se relacionou na Cidade Eterna com outro jesuíta português, o padre António Vieira, que chegou a ser seu pregador.

Foi indiscutivelmente grande o triunfo do padre António de Macedo, ao ganhar uma rainha protestante para a fé católica, embora



— O leitor pertence a aquele numero de pessoas que não deixa dormir a família, levantando-se de madrugada para não perder o meio de transporte?
— Ou, pelo contrário, está até ao ultimo momento em casa a fazer coisas insignificantes e acaba por perder o comboio ou a camioneta?
— Costuma dizer que para 3 semanas de férias ninguém tem mais bagagem que a sua família?
— Nunca dá opiniões sobre a «toilette» para em seguida a criticar?

SIM — NÃO
SIM — NÃO
SIM — NÃO
SIM — NÃO

SE FOR DE COMBOIO:

— Cinco minutos depois da partida do comboio começa a procurar os bilhetes em todos os bolsos e assusta a família dizendo que os perdeu?
— Só porque um passageiro lhe gabou os filhos julga que ele terá obrigação de os levar nos joelhos toda a viagem?

SIM — NÃO
SIM — NÃO

SE FOR DE AUTOMÓVEL:

— Costuma levar toda a viagem a dar indicações a quem vai ao volante e a assustá-lo com os cruzamentos e ultrapassagens?
— É dos que guarda sempre para si o lugar ao lado do volante para ver melhor a paisagem?
— Nunca se lembra de pagar a gasolina?

SIM — NÃO
SIM — NÃO
SIM — NÃO

SE FOR PARA UM HOTEL:

— Costuma assambarcar para si e para os seus todos os jogos e divertimentos que a gerência põe à disposição de todos os hóspedes?
— Aproveita a sua estadia para se abastecer dum papel chamado higiénico?
— E' hábito seu maçar o pessoal com mil e uma recriminação?

SIM — NÃO
SIM — NÃO
SIM — NÃO

SE FOR PARA CASA DUM AMIGO:

— Aceita a cama do casal fazendo-o ir dormir pior?
— Costuma servir-se do papel de escrever do seu amigo?
— Faz a barba com a máquina dele (por se ter esquecido da sua)?
— Não costuma levar dentífrico consigo a contar com o do seu amigo?

SIM — NÃO
SIM — NÃO
SIM — NÃO
SIM — NÃO

EM TODAS AS CIRCUNSTANCIAS E TODOS OS LUGARES

— Esquece-se de se barbear sob pretexto de o regresso à natureza permitir tais desleixes?
— Arma em valente afastando-se ao largo a nadar e sobe a pontos arriscados pondo a família e os amigos em cuidado?
— Manda parar toda a assistência durante três quartos de hora só para fazer um instantâneo?
— Nos pontos mais admirados pelos seus amigos diz que não aprecia?

SIM — NÃO
SIM — NÃO
SIM — NÃO
SIM — NÃO

E agora, caro leitor, conte as vezes que riscou o sim. Se chegar a 18 e um verdadeiro prodígio e aprenda línguas que ganhará milhões como acompanhador profissional. Com 15 ainda é ótimo. Não passando dos 10 convença-se que é por isso que não é muitas vezes convidado para passeatas. Abaixo disso só tem um caminho: isole-se numa ilha e afunde o barco que o levou até lá.

(Continua na 9.ª página)

10 LIVRO DA SEMANA

Na Colecção

VIDA E CULTURA

LIVROS DO BRASIL

acaba de aparecer uma das mais extraordinárias obras biográficas até hoje publicadas em Portugal

LEONARDO DA VINCI

por

António Vallerio

A vida daquele a quem os contemporâneos chamavam «Espírito Divino». Leonardo, o génio portentoso para o qual nenhuma ciência ou arte era impossível, surge-nos, vivo e autêntico, integrado na época e problemas do seu tempo.

UMA OBRA INESQUECIVEL

«Nas gargantas de Tighanimine, no meio de uma paisagem, uma placa de mármore com caracteres ainda bem visíveis, encaixada nos rochedos, recorda a passagem da legião «Augusta», que combateu a revolta do Aurés. Dezoito séculos mais tarde, a paisagem não mudou e o povo ainda menos».

A história será um eterno começo? Soustelle ao pronunciar as anteriores palavras não procura ir ao fundo das razões porque é que oito séculos de esforços não permitiram aos Romanos exercer sobre os Berberes senão uma influência superficial e muito menos nos diz que pelo contrário bastaram menos de dois séculos aos Árabes para exercer sobre os mesmos Berberes uma influência profunda, ao ponto de se fundirem com eles num mesmo povo.

Soustelle foi etnólogo, mas atrás do homem de ciência, perfila-se o antigo pró-consul o que não deixa de ser lamentável.

A invasão árabe

No ano 640, os Árabes atravessaram o istmo de Suez, avançando no Egipto, instalaram-se na actual Tunísia, penetraram no resto do Maghreb, e, em 681 atingiram as costas do Atlântico. No «Maghreb-Central», isto é, na Argélia, mais ainda que no resto do Maghreb (África do Norte), a conquista árabe encontrou uma sangrenta oposição da parte dos Berberes por vezes unidos aos Bizantinos. Nomes gloriosos encarnaram essa resistência entre os quais uma berbere judaizada de nome Kahena, soberana do Aurés, que tomando a chefia de um grande exército, repeliu o invasor para longe, reinando durante cinco anos gloriosamente vindo a sucumbir sob os golpes de novos reforços árabes. Quando foi morta no campo de batalha (702) e que a sua cabeça foi triunfalmente levada ao califa que a combatia, a resistência dos Berberes aos Árabes terminou. E não renasceu mais. A primeira razão é, sem dúvida, que os chefes árabes, dispondo de poucas tropas, não pretenderam submeter os chefes berberes e concluíram com eles alianças cada vez mais estreitas. Foi as-



tomarem aos Árabes elementos culturais superiores aos seus (uma religião dinâmica, o Islão, e uma língua de civilização, o árabe, muito mais rica que o seu dialecto local) sem terem no entanto a impressão de serem oprimidos.

A ordem económica e social que foi edificada, e o das colectividades hierarquizadas: família, unidade base, com o seu rebanho e a sua propriedade; o grupo de famílias

ghreb agitado, a sua quadruplicidade étnica, religiosa, linguística e cultural não deixa de consolidar-se com o tempo.

*

Um século depois da chegada dos primeiros conquistadores árabes, o persa Ibn Rostem, que difundiu no Maghreb Central os princípios rigoristas e igualitários do Krad-jismo, e que estabeleceu em 761 em

JOANA D'ARC

não morreu na fogueira!

— Julga poder afirmar o historiador Jean Guinod

por HUBERT VERNIER

Luís XVII morreu no templo? Ou teria sido raptado? Joana d'Arc, a Virgem de Orléans teria realmente sofrido o suplício reservado às feiticeiras? Eis duas perguntas de apaixonante interesse que periodicamente aparecem em primeiro plano. Aliás, é provável que estes dois enigmas históricos nunca cheguem a ter uma solução satisfatória... Existem tantas versões! E tão plausíveis umas como as outras.

Entre todas essas versões que correm, há uma, a de Jean Guinod, que merece destaque. Com ela se pretende fazer uma nova luz na história de Joana d'Arc, uma das heroínas mais veneradas da história da França.

Retomando os argumentos do bibliófilo Jacob, este eminente historiador acrescenta, como factores novos, que a pastora de Domrémy não era de nascimento humilde, mas de sangue real. Por outro lado, Joana teria casado cinco anos depois do seu suposto suplício.

Finalmente, ainda o terceiro facto: o bispo Cauchou, que foi um dos principais artífices da queda da Virgem, teria salvo a vida da inspirada do Céu.

E, assim, caem por terra crenças solidamente estabelecidas ou estas palavras saídas da boca de um simples mortal correrão o risco de cair no ridículo. Mas não satisfeito em dizê-lo, o historiador pretende apoiar as suas afirmações em provas sólidas.

Vejamos em pormenor as novas revelações trazidas a lume por Guinod.

bantes, as que se seguem são-no ainda mais.

Uma outra teria tomado

o seu lugar

Interrogai seja quem for sobre as circunstâncias da morte de Joana d'Arc. Toda a gente responderá que foi queimada viva na fogueira acendida em Ruão. Ora, segundo Guinod, o processo da santa francesa teria sido hábilmente falsificado pelo bispo Caudron. Este último teria de início feito demorar o processo, mas vendo que a filha de Isabel não tinha qualquer possibilidade de escapar ao suplício, fez com que ela se evadisse e é uma outra que tomou o seu lugar.

Joana d'Arc reapareceu 3 anos depois em Lorraine, onde foi reconhecida e algum tempo depois em Luxemburgo.

Casamento

Foi no Luxemburgo que ela teria conhecido Robert de Harnaires com quem casou em seguida. Guinod vê a prova do facto numa nota do notário datada de 1436, onde «Joana do Lys, Virgem da França, figura como esposa de Robert de Harnaires».

Seja como for, com esta versão abre-se uma controvérsia apaixonante. Uma coisa é certa: Guinod terá de prestar provas — e muito sólidas — para conseguir demolir uma crença tão fortemente estabelecida nos corações, como é a de Joana d'Arc, libertadora da terra da França!

Filha natural do Duque de Orléans?

Transportemo-nos ao século XV. A França corria, então, um grande perigo e os políticos da época quebravam a cabeça em busca de um meio que permitisse ao país sair da dificuldade. Julgaram encontrar esse meio na pessoa de Joana d'Arc que vivia, então, na vila de Domrémy. Mas porque justamente Joana? Porque, segundo Guinod, Joana era de sangue real, filha de Isabel da Baviera e das suas relações adúlteras com o Duque de Orléans, morto, precisamente quando ela nascia.

Tudo isto é possível. Os nascimentos fora do casamento nas altas esferas da sociedade eram, então, moeda corrente.

Passava-se isto no mês de Novembro de 1407. E' a filha de Isabel da Baviera que os conselheiros do rei da França mandaram procurar. Pensavam eles, não sem razão, que a vista desta jovem tão frágil — que se dizia enviada de Deus — todas as energias desfalecidas se galvanizariam, permitindo-lhes expulsar os Ingleses do reino.

Não seria, pois, verdade que Joana pôde «reconhecer» o rei da França à sua chegada a Chinon. Pelo contrário, ela teria sido tratada como igual.

Eis as origens da Virgem. Mas se estas revelações são já pertur-

Seja previdente
minha senhora

tenha na sua mala
de mão

Cafiaspicina
comprimidos soberanos
contra mal-estar
e abatimento

BAYER

Fusão Árabe-Berbere

por HENRY BATAILLON

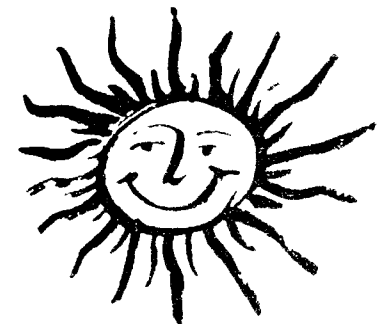
sim que, pouco depois, se viram cavaleiros árabes e infantas kabilas partir em conjunto sob as ordens de um chefe berbere muçulmano Tarik, á conquista da Espanha, depois da Gália, como mais tarde em 827, guerreiros berberes e milicianos árabes do chefe Azab invadiram conjuntamente a Sicília e tomaram juntos Messina e Palermo.

Dava-se, entretanto, um fenómeno ainda mais importante e de capital importância, que foi a transformação sociológica do Maghreb Central pela fusão quase total destes dois grupos étnicos. Esta fusão tão extraordinária, que estava quase concluída nos fins do século VII, explica-se pelo facto de os Berberes

ligadas pelos hábitos de vida e de interesses comuns, constituindo o «douar» para os nómadas e a aldeia para os sedentários; e, finalmente, a t ribo ou a fracção de t ribo, dirigida pela sua assembleia que governa e ministra a justiça. O equilíbrio social é assegurado pela existência de um certo numero de terras colectivas e pelas trocas entre os nómadas e sedentários, ou seja entre o deserto e as regiões habitadas pela troca de tamaras e grão. A despeito de um certo anarquismo tribal, o direito muçulmano baseado na tradição e nos textos sagrados do Corão, contribuiu para cimentar a nação árabe-berbere que então se formou. E se a unidade territorial dessa jovem nação se realiza em certos aspectos ainda de forma deficiente, no meio desse Ma-

Tabert (perto da actual Tiant) uma importante capital, funda o reino de Rostemidos, que se pode considerar como pré-figuração da Argélia actual, tanto mais que os outros reinos que o flanqueiam a oeste e a este podem ser também hoje figurados pela Tunísia e Marrocos da actualidade. Quer isto dizer, que há mais de mil anos as fronteiras dos actuais países da Africa do Norte estavam suficientemente definidas para se esperar hoje serem patrias bem vindas e historicamente respeitadas.

Os habitantes do Maghreb Central dispunham então de uma técnica superior á da Europa da Idade Média, principalmente, no que se refere á navegação, á irrigação, trabalhos, em souro, aço, papel, ornatos, vidro, seda e algodão.



Se estes dias, quentes e maravilhosos, decidirem o leitor a instalá-lo no campo, ao ar livre, a gozar as suas férias; e ainda mesmo que essa sábia fuga da cidade, barulhenta e enfumurada, seja apenas por um breve fim de semana, convém levar na sua bagagem (que tem de necessariamente ser leve) algumas recomendações dietéticas sobre o campo. Particularmente será isso útil ás leitoras, sobre quem costuma cair a desagradável tarefa de preparar as refeições para a família.

O campismo é inegável que altera muito a nossa vida material. Começa porque todos os apetrechos de cozinha terão de ser muito aliigeirados e os aprovisionamentos são bastante mais complicados. Além disso há o calor e as formigas, que por si só levantam sérios problemas de conservação. Por outro lado também a nossa actividade é fora do

vulgar alterando os horários das refeições

Por tudo isto é o campismo muito responsável por certos hábitos pouco aconselháveis como a alimentação ou só á base de vegetais, ou por sandes, apenas conservas e até subalimentação. Há também o caso dos que se alimentam demasiado fazendo do campo apenas um pretexto para «piquenicar».

Há, pois, de tudo, mas é evidente que tem muita influência o género de campismo que se faz.

O campismo familiar

Vai sendo já muito visto nos nossos campos. Praticase, na maioria dos casos com toda uma gama pesada de utensílios. É quase sempre sobre a pobre mãe de família que recai todo o peso da preparação das refeições, enquanto o resto da prole se entretém a descansar á sombra fresca dos pinheiros ou vai tomar banho á praia ou tanque mais perto. Seguindo o hábito, quase sempre ela tenta reconstituir a mesma alimentação de casa. Algumas vezes consegue-o, a um preço

de trabalho considerável, mas a maior parte delas reconhece ser isso impossível, sofrendo bastante com as dificuldades. Deve, portanto, tomar as suas medidas contra isso.

Determine com tempo as refeições dos dias e veja se consegue fazer cumprir os horários dessas refeições. Evite, sobretudo, que as crianças comam fora das horas das refeições o que já lhe poupa muito trabalho e arrelia.

Em cada duas refeições pode fazer uma de alimentos crus, mas não abuse muito disso. É de muita conveniência haver, diariamente, pelo menos uma refeição de peixe ou de carne, ou ao almoço ou á tarde, tanto faz. Também é útil o queijo, mesmo que não seja a todas as refeições.

Mas, querida «cozinheira» veja se consegue que nem o seu marido, nem os seus filhos se afastem muito nas horas de fazer a comida, a fim de poder utilizar os seus préstimos, mesmo que sejam poucos.

Podem-lhe dizer que não sabem nada de cozinha, mas isso não é

razão. É, aliás, uma boa altura para aprenderem e podem ser úteis em casa.

Uma ou outra vez pode experimentar fazer pratos regionais, pedindo para isso conselhos e indicações aos habitantes das imediações.

Os jovens campistas

Os conselhos anteriores são também válidos para eles. Mas queremos particularmente recomendar-lhes que não abusem do arroz e da massa, isto é, de toda a comida génera «cimento armado». Com a ansia de se divertirem não caiam no exagero de se alimentarem, desde a primeira á ultima refeição, do mesmo tipo de comida (é apenas um ligeiro exagero nosso). Se não tiverem isto em conta podem ter aborrecimentos físicos e estragar as férias.

O campista pedestre

Cada vez vai havendo menos e do ponto de vista da saúde e do repouso não é muito aconselhável. São estes campistas que pior se alimentam, por várias razões com-

preensíveis. Mas, mesmo assim, devem esforçar-se por arranjar pelo menos uma refeição conveniente por dia (de manhã, ao meio-dia ou á tarde). Arranje um momento de calma para preparar legumes verdes ou então mesmo conservas. Os farináceos são necessários, sobretudo, em casos de trabalhos musculares, mas dêem preferência ás batatas e não ao arroz e á massa.

A Higiene

É este sempre o problema mais importante. Se desconfiar das águas o melhor é beber águas minerais. Também os alimentos devem ser bem conservados, resguardados do calor e do Sol. Um saco de gelo é muito bom para isso. Cuidado com o leite que é o mais frágil dos alimentos. Nunca o beba de um dia para outro. Lembre-se que já existe leite pasteurizado e em pó.

Conclusão: O campismo obriga a aligeirar a vida e a alimentação, mas mesmo assim é possível obter o equilíbrio que não afecte a saúde — afinal a verdadeira razão das nossas férias.



Intriga frustrada

por Harry Whittington

ULTIMO
CAPITULO

RESUMO DO CAPITULO ANTERIOR — Jim Craig vai de automóvel com Zida, sua esposa, e Walter, seu amigo, visitar a aldeia onde aquela nasceu. Na estrada, um tractor atira-os por uma ribanceira, Walter morre e Zida foge espavorida. Jim fica só. Resolve ir procurar Zida e encontra-a na aldeia. Zida foge novamente dele e a avó da mulher aconselha-o a deixá-la em paz. Mas Jim não desiste e volta à aldeia onde localiza o tractor que provocou o acidente.

A VERDADE SURGE

Jim permanecia no centro do quarto do hotel. Sentia-se mais desamparado do que em todos os outros momentos da sua vida. Walter tinha morrido e agora Cal tinha sido alvejado mortalmente.

O que teria dito Zida... Ela só lhe pelas escadas abaixo e visse como Cal morrera, talvez se sentisse mais culpada do que na verdade era.

Não era verdade, mas isso podia explicar por que ela havia fugido outra vez. Se ela o tivesse seguido causava desgosto?

Chegou seguidamente à janela e olhou a rua em baixo. O velho Ford tinha desaparecido. O carro preto de Rene Duval desaparecera também.

Repentinamente um pensamento assaltou-o.

Relacionava-se com Zida; com o facto de ela ter sido acusada de assassinio por um homem que se esforçava para que Jim alterasse os seus planos.

O pensamento de Jim regressou à fita gravadora, à lama esverdeada que ele tinha visto nos sapatos de Cal. A resposta ao enigma esta-

va certamente na aldeia de pescadores.

A resposta estava na voz daquela mulher. Alguém a tinha induzido a gravar aquela fita que depois chegaria até Jim através de Zida.

Jim abandonou o quarto, sem cuidar da porta que ficara aberta, e metendo-se no carro dirigiu-se a Bulu. Passada meia hora subia a rampa que o levava à porta da cabana. Abriu-a com um empurrão. A luz estava acesa por cima da mesa. André, sentado a um canto, olhava-o. A velha cantarolava alegremente.

Zida estava deitada numa cama a um canto. Ao vê-lo levantou a cabeça. Jim viu que ela tinha chorado.

A velha levantou uma boneca que estava na mesa. A seus pés estava uma outra à semelhança de Jim.

Aquela que ela tinha levantado da mesa era feita à imagem de Cal Mixson e estava cravejada de alfinetes.

A velha olhou-o bem de frente e depois, abrindo a mão, deixou cair a boneca junto da outra que dizia

representar Jim.

Ele mal as via. Pensava no corpo de Cal.

— O senhor ainda não acredita? — perguntou a velha.

Ele ouviu Zida suspirar.

— Não, acredito. Há alguém que lhe pagou para fazer tudo isto e eu creio bem que sei quem foi.

— Cuidado com o que diz — advertiu André. — Lembre-se que está longe de Port Cardinal.

Jim estava excitado.

— Um de vocês vai-me contar tudo o que se está passando. E vamos começar pela mentira que inventaram acerca de Zida...

Zida, sentada na cama, parecia apavorada.

Jim fitava a velha e o homem.

— Você disse que ela assassinou um homem antes de fugir daqui. Um homem muito mais velho que ela, com quem vocês a forçaram a casar...

Zida levantou-se.

— Não, Jim. Eu odiava-o e fugi. Tivemos muitas brigas mas quando eu fugi ele estava vivo.

Jim agarrou André pela camisa.

— Finalmente, ouvieste-a agora. Agora diz-me tu: o homem estava vivo quando Zida fugiu, não é verdade?

Enquanto falava apertava-o violentamente.

André tentou livrar-se mas desistiu. O rosto transtornado de Jim amedrontou-o. Finalmente, falou:

— O homem estava vivo, sim... nós mentimos.

A velha gritou:

— André!

André tentou novamente fugir às mãos fortes de Jim, mas só o conseguiu quando um barulho vago de metal se ouviu a tocar na vidraça da janela. Com um empurrão forte atirou André contra a parede e apagou a luz, mergulhando a cabana na escuridão.

Jim correu para a porta das tra-seiras e saiu.

O desconhecido atravessou o terreno correndo velozmente e Jim perseguiu-o, agarrando-o finalmente. O homem vestia um fato claro. Ambos rolaram no solo e Jim, descontrolado na sua ira, socou-o e arrancou-lhe das mãos um revólver. O homem gemeu.

André apareceu com uma lanterna na mão e, entretanto, na cabana acenderam a luz. Jim meteu a arma no bolso e agarrou Rene Duval pela gola do casaco. Arrastando-o, obrigou-o a entrar na casa, atirando-o para cima de uma cadeira.

— Bom trabalho hem! Como viste que as calunias não deram resultado decidiste acabar comigo!

A resposta de Rene foi um rosário de blasfemias.

— Este revólver vai falar por ti, Duval. A tua magia voodoo será inofensiva neste caso. Quando eles confrontarem a bala que está no corpo de Cal, com esta arma, verás; vais-te juntar ao teu primo André na camera de gás.

A velha intrometeu-se:

— Sr. Duval... O sr. não disse assassinio...

— Cala a boca velha — gritou Duval.

— Eu aviso-os a ambos. — disse Jim friamente — Vou acusar Rene Duval por assassinio e vou prendê-los a vocês por encobridores, a não ser que queiram falar.

— Tu não falas — ordenou Duval à velha.

Jim olhou com certa surpresa. — Foste então tu que viste aqui e arranjaste aquela gravação que mais tarde apareceu no meu gravador?

Jim pensou na sua secretária particular e lamentou que ela se tivesse deixado seduzir por aquele intruso, dando-lhe oportunidade de



por em prática as suas ideias malféficas.

Zida continuava a suspirar.

— Tu que acusaste Zida de ter assassinado um homem, claro que quando o fizeste sabias de antemão que eu havia de vir aqui e então seria essa a hora ideal para me liquidares e salvares o teu primo da camera de gás.

Jim voltou-se para André.

— Vocês querem ir para a prisão com o vosso senhor, ou querem revelar a verdade?

André murmurou.

— Passou-se tudo como o senhor diz.

— Você contratou o pescador para entrar na estrada e tentar matar-nos.

— Não! — corroborou Zida — François jurou que não era ele quem guiava. Roubaram-lhe o tractor.

— Compreendo; roubou François e tentou liquidar-nos. Você já tinha aterrorizado a pobre Zida!

VAI PARA FÉRIAS?

a

Standard Electrica S.A.R.L.

Rua Augusta, 19

TEM A DISPOSIÇÃO DE V. EX.º TODO O MATERIAL ELECTRO-DOMESTICO DE QUE NECESSITA

VISITE O SEU SALAO DE EXPOSIÇÃO E VENDAS

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada à Sorraia
Enfado de Enguias
Filetes à Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril à Coruja
Bifes de Vaca na Caçoula
Cabrito à Moda da Casa

Fodos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região

(6 anos)

EXCURSÃO A PARIS

1 a 19 de Setembro
6 dias em Paris, 2 em Madrid e 1 em Lourdes

3.750\$00 e 4.700\$00

Ainda temos bons lugares

Agência de Viagens

Scalabis

SANTARÉM

Em Lisboa: Av. António Augusto de Aguiar, 9-B. Telef. 47115

e R. da Palma, 256 — (6.ª Cabine) Telef. 680689

AMISAS DOENTES...

Tratam-se na ROVIL

Fábrica de camisaria com pessoal especializado

Rua Arco Marquês do Alegrete, 50-1.ª e 3.ª — Telef. 862402

Zida aproximou-se do marido e agarrou-o.

— Eu ouvi a gravação no teu escritório e senti-me amedrontada. Não me consegui libertar das histórias que minha avó me contava sobre bruxarias, quando eu era criança. Ela era hipnótica; e eu pe-dite tanto que não me trouxesse para aqui.

Jim enfiou-a.

— Querida, eu nunca pensei que esta gente fosse capaz de ir tão longe. Não olhando a meio para alcançar fins tão maldosos... não sabia quanto a magia voodoo te impressionava.

— Eu acredito na magia — suspirou a velha — eu acredito profundamente no espírito do mal.

— O espírito do mal está ali — apontou Jim — na pessoa de Duval, que não teve consciência e praticou todo o mal de que foi capaz para salvar um assassino, o primo

Zida não conseguiu reter as lágrimas.

— Fui tão tola, Jim.

Jim abraçou-a.

— Acabou tudo, querida. Agora vou levar Duval e a sua arma para Port Cardinal. Talvez não consigas acusá-lo de ter morto Walter, mas pelo menos esta arma será a testemunha fiel da morte de Cal. Um crime e tudo o que necessitamos para o juntar ao primo.

Sairam da cabana deixando André estupefacto e a velha, com a roca de fiar na mão, contemplando os bonecos voodoo que faziam em cima da mesa.

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS A REALIZAR NO MÊS DE AGOSTO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Agosto, as feiras, festas e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

GUIMARAES — Festas Gualterianas, nos dias 5 a 8.

VOUZELA — Festas a Nossa Senhora do Castelo, nos dias 6 e 7.

BEJA — Feiras de São Lourenço e Santa Maria, nos dias 7 a 17.

TOMAR — Comemorações Centenárias e Festas dos Tabuleiros, nos dias 13 a 15.

VALENÇA — Festas do Concelho, nos dias 13 a 15.

OLIVEIRA DE AZEIS — Festas a Nossa Senhora de La Salette, nos dias 13 a 15.

PÓVOA DE VARZIM — Festas a Nossa Senhora da Assunção, nos dias 14 e 15.

SINES — Feira Anual, nos dias 15 e 16.

REGUENGOS DE MONSARAZ — Feira Anual, nos dias 15 e 16.

CACHÃO E RIBEIRINHA — Romaria à Senhora da Assunção, em Cachão, nos dias 15 e 16.

CALDAS DA RAINHA — Feira Anual, nos dias 15 a 17.

Os cartazes anunciadores destes serviços podem ser consultados nas estações.

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda

95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

MORADIA

A estreir em Oeiras, na R. S. Pedro do Azeiro, frente ao n.º 1, construção de 1.ª com 16 divisões, garagem, 1100 m2 de jardim, próximo do Liceu, Praia e Estação. Trata no local, das 10 às 13 horas, e pelo telf. 77 53 07.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito

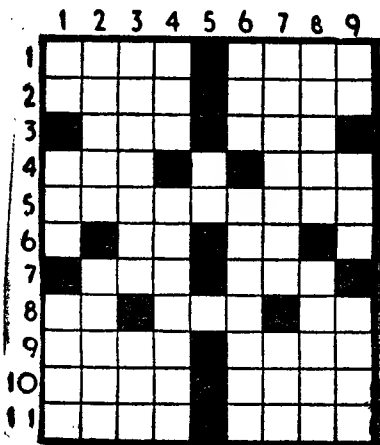
S. A. R. L.

Av. da Liberdade, 3 — Tel. 24445

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 2035



HORIZONTAIS: 1 — Capital da Ucrânia. Aquele que. 2 — Forma popular de rã. Tramel. 3 — Entre-guei. Nome da filha de Mussolini, mulher do conde Ciano. 4 — Pos-sui. Levanta. 5 — Abrigasse. 6 — Basta! Artigo definido. 7 — Cabe-los brancos. Moeda japonesa. 8 — Símbolo químico do bromo. Pequena bigorna de aço sem hastes. Pare-cença. 9 — Escutei. Juízo. 10 — Irmão de Abel. Estavam. 11 — Tos-sa. Tudo que concorre para um fim.
VERTICAIS: 1 — Abreviatura de quilomètre. Igual. Orgão da ja-la. 2 — Seguides. Cruéis. 3 — Pes-soa que vive no ermo. Reles. 4 — Dirige-se. Compaixão. 5 — Nota musical. Artigo definido. 6 — Pro-nome relativo. Deixassem de per-tencer a. 7 — Teccese. Peixe de água doce. 8 — Voraz. Relativo ao nariz. 9 — Nota musical. Estima. Cidade de Itália.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passa-tempo, o PROVERBIO nele inscrito.

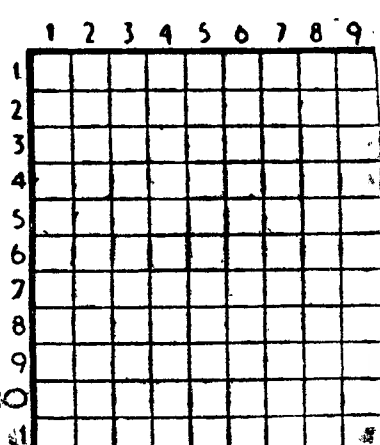
Solução do problema n.º 2034

HORIZONTAIS: 1 — Camareira. 2 — Miolo. 3 — Lá. NÃO. HA. 4 — Agá. Iam. 5 — CEGO. Assa. 6 — Olavo. 7 — Ara. Old. 8 — Via. Ale. 9 — Er. QUE. Ti. 10 — Jacu. Irar. 11 — Ao. las. SE.

VERTICAIS: 1 — Colaço. VEJA. 2 — Age. Airão. 3 — MM. Agora. 4 — Ain. Old. Qu. 5 — Roas. Tu. 6 — Elo. Avd. Eis. 7 — Io. Isola. 8 — Hás. Altas. 9 — Açamas. Eirc. (Provérbio: NÃO HÁ CEGO QUE SE VEJA).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 4081



HORIZONTAIS: 1 — Magistrado superior das antigas republicas de Itália. Mamífero desdentado espécie de tatu. 2 — Curaras. 3 — Feiticeiras. 4 — O mais. Atmosfera. 5 — Vigor. Planta hortense que se emprega em culinária. 6 — Gostas muito. Língua vernácula indiana. 7 — Gemido. Caminhava. 8 — Quintas para exploração agrícola em Angola. 9 — Prefixo de negação. Base aérea nacional. Pronome pessoal. 10 — Grande massa de água que cobre a maior parte do Globo. Pronome pessoal. 11 — Içássemos.

VERTICAIS: 1 — Fosso. Cume. 2 — Artigo definido. Retoque. Doença. 3 — Fluido aeriforme. Tombar. Batráquio. 4 — Estávamos. O sono das crianças. 5 — Símbolo químico da prata. Relatos de sessão de corporação. 6 — Antigo reina da Península Ibérica. Em partes iguais. 7 — Utensílios domésticos. Borboleta diurna. Preposição. 8 — Carta de jogar. Magnífica estrada que ia de Roma a Brindes. Argola de uma cadeia. 9 — Rí-bomba. Pronome possessivo (pl.).

Solução do problema n.º 4080

HORIZONTAIS: 1 — Lena. Ca-da. 2 — Ai. Pia. Al. 3 — Isca. Mora. 4 — Irais. 5 — Artista. 6 — Pira. Aipo. 7 — Aro. Aru. 8 — Ré. Ras. Er. 9 — Ligou. 10 — Dai. Sic. 11 — Essa. Loro.

VERTICAIS: 1 — Laia. Parede. 2 — Eis. Aire. As. 3 — Cirro. Lis. 4 — Aparta. Ri. 5 — Ai. Pagã. 6 — Camisa. Só. 7 — Ostia. Uso. 8 — Dar. Apre. Ir. 9 — Alão. Ouriço.

Durante a recente viagem de Kruchchev à Austria, o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Gromyko, entregou ao seu colega austriaco, Kreitski, um volumoso «dossier» sobre a questão de Berlim e os termos em que a Rússia deseja vê-la regulada com rapidez. Esse «dossier» destinava-se a ser mostrado ao burgomestre da antiga capital alemã, Willy Brandt, que será o candidato do seu partido à chancelaria depois das eleições alemãs marcadas para o próximo ano.

Brandt fez, pouco depois, uma

visita à Austria onde, com o pretexto de passar ali as suas férias, se conservou algum tempo, tendo diversas entrevistas com Kreitski, socialista como ele e seu amigo pessoal, pois ambos tomaram parte destacada na resistência ao nazismo. O assunto foi debatido entre ambos e o Governo Federal de Bonn possui já um resumo do «dossier» soviético que tem sido objecto de estudo aturado.

O conhecimento do «dossier»

soviético e das intenções do Governo de Moscovo a respeito de Berlim estão na origem da iniciativa diplomática tomada pelo chanceler, cujo primeiro acto foi a sua entrevista em Rambouillet com o general de Gaulle, à qual se seguirão outros encontros com homens de Estado europeus, entre eles os chefes dos Governos dos países dos Seis que estão associados à Alemanha Ocidental e à França, sob o ponto de vista económico, no Mercado Comum.

O pensamento do chanceler, nesta fase da vida internacional, não difere muito da velha concepção de uma terceira força europeia, não decidida a praticar o neutralismo mas a prosseguir na cooperação com os Estados Unidos no quadro atlântico com uma relativa autonomia de acção nos planos político e diplomático. O chanceler pensa que é essa, de momento, a maneira mais indicada de enfrentar a ameaça soviética que se acentuará na Europa durante os próximos meses correspondentes na América à campanha eleitoral.

Os Americanos resolveram enviar um terceiro porta-aviões para reforçar a 6.ª Esquadra (Mediterrâneo) e conservar os três que tem em serviço na 7.ª (Extremo Oriente). Esta decisão confirma a impressão corrente de que em Washington contam com o agravamento da situação durante os próximos tempos, pelo menos até ao fim do corrente ano, enquanto durar o mandato do actual presidente.

Kruchchev adiou a data da sua visita a Havana, não porque receie que ela acarrete inconvenientes, para si ou para a recente amizade soviético-cubana, mas porque está esperançado em que outras repúblicas latino-americanas lhe dirijam igualmente convites para serem visitadas. Em Washington não puseram de parte a ideia de que essa esperança seja, pelo menos em parte, satisfeita.

O chefe do Governo congolês, Lumumba, espera visitar Moscovo dentro de algum tempo, para o que já recebeu convite oficial. De momento, porém, e por certo durante alguns meses, tem outras preocupações mais uma situação que se não escl-

VISITA AO ALGARVE E A SEVILHA

Com o fim de proporcionar aos Srs. Passageiros maiores facilidades para a visita simultânea das províncias do Algarve e da Andaluzia durante a época de Verão, a C. P. fará circular diariamente os comboios semidirectos 8011 e 8012 (os conhecidos rápidos do Algarve) no período de 17 de Julho a 16 de Outubro do corrente ano.

São asseguradas no referido período, também diariamente, as respectivas ligações de barco e autocarro de, e para, Ayamonte, Huelva e Sevilha.

Peça informes e folhetos nas principais estações ferroviárias.

urgentes que correspondem a recerá por completo nos meses mais próximos. Entretanto, é quase certo que conta com uma promessa de auxílio económico da U. R. S. S.

O ponto morto na questão do desarmamento pode ser quebrado por uma iniciativa soviética sensacional: um convite às nações ocidentais para recomençar a conferência dos Dez, interrompida em Genebra, com a participação da China comunista. O Governo de Pequim continua a proclamar, com vigor, que não se julga obrigado por quaisquer combinações feitas pelas outras grandes potências

V exposição filatélica

Integrada nas comemorações do V Centenário Henriquino e organizada pela Federação Portuguesa de Filatelia, com o subsídio de cem mil escudos, concedido pelos C. T. T., por intermédio da Comissão Filatélica Nacional, vai realizar-se em Lisboa, no Palácio das Galveias, gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, a V Exposição Filatélica Nacional, Lisboa-1960, cujas inscrições ainda podem ser feitas por intermédio do comissário nacional, sr. Henrique Mantero, dos comissários distritais e regionais, e na secretaria do Clube Filatélico de Portugal, na Avenida Almirante Reis, 70-3.ª Dto., em Lisboa.

NA PRAIA DA AREIA BRANCA, NO «CAFÉ CENTRAL», ENCONTRA-SE A VENDA O «DIÁRIO DE LISBOA».

Seis postos de radar guiarão os navios que demandem Hamburgo

Hamburgo, o maior porto da Alemanha, está a ser dotado com uma extensa instalação de radar, que não tem igual e atrai a atenção de todo o Mundo. Quando, provavelmente na Primavera de 1961, a instalação for inaugurada, Hamburgo juntará ao título de porto mais rápido do Mundo o título de porto mais seguro. A escuridão e o nevoeiro já não constituirão perigo para a navegação.

Da foz do Elba, até cem quilómetros de Hamburgo, ao cais do grande porto, os navios serão conduzidos por uma cadeia de postos de ra-



Tem oitenta anos e cabelos de prata antiga, o sr. Charlie Lazzari; e tem agora mais um filho. Com este são 11 filhos e 18 netos que encantam o velho. A mulher tem 47 anos. Ao anunciar o facto, disse na sua residência em Newcastle-nyon-Tyne: — E' realmente maravilhoso e eu estou profundamente emocionado



A União da Africa do Sul ofereceu a Portugal a Rosa-dos-Ventos que ornamenta a base do monumento ao Infante. A entrega simbólica fez-se durante uma cerimónia a que assistiram o Presidente da República, o ministro das Obras Públicas e o embaixador daquele país em Lisboa

EM PORTUGAL — O sr. Presidente da Republica visitou unidades da Força Aérea em Montejunto e Monsanto. * O ministro das Obras Publicas visitou Setubal. * Foi comunicado que o advogado dr. Manuel João da Palma Carlos estava impedido de entrar nas provincias ultramarinas. * Foram publicados os regulamentos sobre o casamento dos officiaes do Exército e da Força Aérea. * Em esquí aquático, Portugal venceu a Espanha por 420-388 pontos.

NO ESTRANGEIRO — Notícias do Congo dizem que voltou a agravar-se a situação na nova Republica. * No Rio de Janeiro, miss Portugal recebeu o titulo de cidadã carioca. * O comandante-chefe das Forças Francesas na Alemanha, general Paul Allard, disse que era na Africa que se jogaria a partida decisiva. * Terminaram em Rambouillet as conferencias entre o presidente de Gaulle e o chan-

SOREFA

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÃO S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 70.000

SEDE, GABINETES DE ESTUDOS E FABRICAS — Rua Vice-A — AMADORA

Fábrica filial — LOBITO (Angola)

Construtores metalomecânicos de equipamentos para barcas e redes de rega; pontes; estruturas industriais e para material circulante de caminhos de ferro (locomotivas, autocarrões e vagões); material para as grandes indústrias químicas

1.ª EMISSÃO DE 30.000 OBRIGAÇÕES DO VALOR NOMINAL DE 1.000

(AUTORIZADA POR PORTARIA PUBLICADA NO «DIÁRIO DO COMÉRCIO» DE 1 DE AGOSTO DE 1960)

10.000 obrigações reservadas a Instituições de Previdência; 10.000 destinadas aos actuais accionistas; 10.000 destinadas à subscrição pública, nos seguintes termos que tomam firme a emissão:

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL
BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANCO JOSÉ HENRIQUES TOTTA
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREVIDENCIÁRIO

A subscrição, sujeita a rateio, está aberta de 8 a 13 do mês de AGOSTO de 1960.

CONDIÇÕES DA EMISSÃO:

— As obrigações, nominativas ou ao portador, são oferecidas por títulos de 1, 5, 10, 20, 50, e 100 obrigações.

— Vencem o juro anual de 5 %, cativo de impostos para os mestralmente, em 15 de Fevereiro e 15 de Agosto de cada ano pago em 15 de Fevereiro de 1961, por Esc. 12\$50.

— As amortizações das obrigações são feitas ao par, por sorteio, em 15 de Agosto de cada ano, e no prazo de 15 anos, a contar de 1965, data da primeira amortização. A empresa reserva-se, no entanto, o prazo de amortizações de 15 anos, mas nunca antes de 15 anos, as datas das amortizações extraordinárias coincidirão com as normais.

— As obrigações subscritas poderão ser pagas à razão de: 25 % de 8 a 13 de Agosto de 1960, no acto da subscrição; 25 % de 10 a 15 de Outubro de 1960; 25 % de 12 a 17 de Dezembro de 1960; 25 % de 6 a 11 de Fevereiro de 1961;

— Salvo qualquer motivo imprevisível, os títulos definitivos serão admitidos à cotação na Bolsa de Lisboa, contra o pagamento

Amadora, 3 de Agosto de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

JUTTA VON WINTERFELDT

celer Adenauer. Parece que a base do plano seria uma confederação política e económica dos Estados Europeus.

DIA 31

EM PORTUGAL — Em quase todos os regimentos, os soldados prestaram juramento de bandeira. * Chegaram a Lisboa, diversas personalidades brasileiras para a visita do presidente Kubitschek de Oliveira e as comemorações do Infante D. Henrique. * O «record» do lançamento do peso (feminino) foi batido pela atleta belenense Adelaide Patricio.

NO ESTRANGEIRO — De Londres dizem que o primeiro ministro MacMillan pretende assegurar o reatamento das conversações Leste-Oeste, depois da eleição do novo presidente dos Estados Unidos. * Dizem de Havana que Raul Castro, irmão de Fidel Castro, será chamado a substituir este como primeiro-ministro. * Na Turquia foi descoberto um movimento

anti-revolucionário. * As eleições legislativas da Coreia do Sul neutralizaram os últimos redutos políticos ligados ao antigo presidente Singman Rhee.

DIA 1 DE AGOSTO

EM PORTUGAL — Ao dar posse ao novo governador civil de Portalegre, o sr. ministro do Interior afirmou ser necessário melhorar cada vez mais o nível de vida dos portugueses. * Deixou o cargo de director da Arma de Artilharia, o sr. general Silveira Machado. * A delegação desportiva brasileira apresentou cumprimentos ao ministro da Educação e ao presidente da Câmara de Lisboa. * Foi nomeado administrador do Banco do Fomento Nacional, o dr. Rebelo da Conceição, até agora chefe de gabinete do sr. ministro das Finanças.

NO ESTRANGEIRO — Lumumba, primeiro-ministro do Congo, pediu em Nova York, o envio imediato de tropas das Nações Unidas para o Katanga. * Em Cabo Canaveral, um projectil «Polaris» foi destruído no ar depois de lançado de um submarino em imersão. * A União Soviética rejeitou um pedido dos Estados Unidos para a reunião de uma comissão de desarmamento da O. N. U. * O primeiro-ministro do Canadá, John Diefenbaker, denunciou no parlamento canadiano, a política soviética em relação ao Congo como de agressão.

DIA 2

EM PORTUGAL — Chegaram a Cascais vários veleiros estrangeiros que vêm participar nas festividades do Infante D. Henrique. * Os ministros do Interior e das Obras Publicas visitaram o quartel do Carmo. * O embaixador da Nicarágua às comemorações henriquinas entregou um busto de Ruben Dario ao município de Lisboa para ser colocado num jardim da capital. * O embaixador da Inglaterra visitou as instalações da Siderurgia Nacional, no Seixal. * O alcaide de Madrid realizou várias visitas a obras e monumentos de Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — Em Karachi foi rubricado o acordo comercial luso-paquistanês. * O ministro dos Estrangeiros do Brasil dirigiu uma saudação ao povo português, antes da sua partida para Portugal. * O secretário-geral das Nações Unidas Dag Hammarskjöld, anunciou em Leopoldville que as forças da O. N. U. entrarão em Katanga no dia 6. * Fanfani apresentou o seu novo governo ao Parlamento italiano.

EM PORTUGAL — No Porto foram inaugurados os jogos luso-brasileiros. * O sr. ministro da Justiça deu posse aos novos vice-presidentes do Conselho Superior Judiciário e presidentes das Relações de Lisboa e Porto, respectivamente, conselheiros Oliveira Ponces, Simões Figueirinhas e Vaz Pereira. * A Sociedade Portuguesa de S. Paulo entregou uma mensagem ao cardeal-patriarca de Lisboa. * Em Monte Gordo foi inaugurado o novo Hotel Vasco da Gama.

NO ESTRANGEIRO — O Governo de Katanga decretou a mobilização geral para se opor à entrada das forças das Nações Unidas. * O general Norstad disse que se houver ataque a Berlim, a resposta será dada por todas as forças das Nações Unidas. * O presidente Trujillo, da República Dominicana, apresentou a sua demissão, sendo proclamado chefe do Estado o dr. Joaquim Balaguer. * O governo de Fanfani obteve maioria no Senado italiano.

FIGURA DA SEMANA

Cabot Lodge

A escolha do representante dos Estados Unidos na O. N. U., para figurar na lista republicana na eleição de Novembro, causou certa surpresa o que se explica tendo em conta a necessidade de ganhar votos que aquele diplomata profissional não tem. Lodge perdeu, em 1952, o seu lugar de senador e precisamente a favor de Kennedy que entrou então, pela primeira vez, no Senado sendo reeleito seis anos depois. As razões da sua escolha não obedeceram a preocupações eleitorais mas ao desejo de apresentar ao país um nome que significasse de alguma forma uma garantia no domínio da política externa.

Será a volta desta que se desenrolará a campanha eleitoral e os Americanos precisam de ser tranquilizados a respeito das futuras negociações com os Russos as quais todos o reconhecem, se tornaram inevitáveis. A principal tarefa do sucessor de Eisenhower consistirá em negociar com a União Soviética, embora não seja muito clara a maneira como isso se fará. Em Washington a experiência de Maio descredenciou a fórmula da conferência de alto nível a qual, no entanto, continua a ser preferida em Moscovo e Londres não se vendo bem como o futuro presidente poderá iludir essa preferência notória em alguns dos seus aliados.

Cabot Lodge tem uma grande experiência e, além disso, dispõe de qualidades pessoais que o recomendam para o desempenho dessa tarefa. Quem são as pessoas mais indicadas para negociar com os Russos? Eis a pergunta que muitos Americanos fazem e que decidirá



do seu voto. Nixon e o seu companheiro de lista estão em condições de o fazer, pelo conhecimento que têm dos seus eventuais interlocutores. Outros porém, inquietos apesar de tudo insistem em que negociar com os Russos não é discutir com eles com firmeza, mas realizar as condições prévias que permitirão conversar em pé de igualdade já que a ideia de o fazer de uma posição de força se desvaneceu ao mesmo tempo que a política simbolizada pelo antigo secretário de Estado, Foster Dulles.

FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

SUÉCIA

ESTOCOLMO — (de 31 de Agosto a 11 de Setembro de 1960).

AUSTRIA

VIENA — (de 4 a 11 de Setembro de 1960).

Pedir esclarecimentos:

- na Secção de Informações da estação de Lisboa (Rossio).
- nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

Em Alverca, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência Fernanda Pinto O. Valada, R. Joaquim Sabino Faria, 18-A

O bebé mordeu a cobra e a cobra morreu..

Na cidade norte-americana de Joanesburgo, no Arkansas, uma senhora acomodou o seu bebé de dez meses no quintal, enquanto preparava o seu jantar. Quando, daí a meia hora, voltou a ver o pequeno, brincava ele com uma cobra.

Aflita, a mãe levou-o ao médico, o qual verificou que o bambino nada sofrera. Daí a pouco, porém, a cobra, que não era venenosa, morria — por ter sido mordida pela criança...

Comentário Internacional

A conferência de Gaule-Adenauer e as suas consequências imediatas

O encontro de Rambouillet foi o ponto de partida para uma vasta manobra diplomática na previsão de graves acontecimentos, durante a campanha eleitoral americana. Segundo as melhores informações, a iniciativa partiu do chanceler da Republica Federal que vê, com justificada inquietação, a aproximação do mês de Setembro em que está prevista a reunião do Bundestag nos sectores ocidentais de Berlim. O dilema criado pela réplica soviética é embaraçoso. Se levar por diante o seu propósito, o chanceler sabe que a União Soviética assinará o anunciado tratado de paz com o Governo da Alemanha Oriental, precipitando uma crise de extrema gravidade na altura em que nos Estados Unidos a campanha eleitoral atinge o seu ponto culminante. Não se tratando de um ataque directo a este país e aos seus interesses vitais, o presidente Eisenhower, ressaltando a hipótese de uma falsa manobra de Kruchchev, não assumirá a responsabilidade de uma intervenção que os seus compatriotas não compreenderiam por lhes não dizer respeito.

Foi na previsão dessa carência — que seria a reedição das que se registaram em momentos decisivos, como durante a revolta de Budapeste — que o chanceler alemão procura articular um sistema defensivo na qual os países europeus estejam interessados e que contribua para salvaguardar os interesses alemães. Nesse sistema a Grã-Bretanha ocupará um lugar predominante. Não há construção europeia válida — apesar dos devaneios dos «europeus» de vários tons e tendências — sem a participação britânica. Nenhuma é possível erguer contra a sua vontade. O general de Gaulle, que não abunda nestas ideias, foi decerto um interlocutor recalcitrante, mas que não podia deixar de se curvar perante as realidades evidentes.

Está, porém, o Governo britânico com um novo secretário dos Negócios Estrangeiros, cuja escolha confirmou a intenção do primeiro ministro de se ocupar pessoalmente das questões de política externa, na disposição de associar os seus esforços à combinação prevista de Rambouillet? É provável que em troca da sua aquiescência política lhe ofereçam, no domínio económico, valiosas compensações, mas isso não basta para ele abandonar as suas posições tradicionais. O sr. MacMillan, que fez em Fevereiro do ano passado a sua histórica viagem a Moscovo, tem presente a vulnerabilidade estratégica da sua ilha e a ameaça que sobre ela fazem pairar os projecteis soviéticos. Nesse ponto acompanha-o uma opinião publica que, dividida sobre a maneira de resolver outros problemas, manifesta uma revela-

dora unanimidade perante a questão da paz e da guerra. Mas o que, sobretudo, preocupa os dirigentes europeus dos países da aliança atlântica é a inevitável revisão da política americana a qual seguirá de perto a posse do novo presidente qualquer que ele seja. Tanto o sr. Nixon como o senador Kennedy proclamaram a necessidade e a urgência de a fazer, reconhecendo que a orientação seguida na era Eisenhower não deu os resultados que dela esperavam os que tomaram a iniciativa de a levar até às últimas consequências. Pode dizer-se que, no domínio externo, o fim da era Eisenhower representa o fim da política do falecido secretário de Estado, Foster Dulles, à qual, apesar das aparências, o presidente se conservou fiel como se verificou quando do malogro da conferência de alto nível em Maio deste ano.

O diálogo de Rambouillet tem, portanto, um significado mais profundo do que aquele que resultaria apenas das tentativas para encontrar uma solução provisória para a carência americana durante a presente campanha presidencial a qual praticamente terminará quando o novo presidente tomar posse, no começo do ano próximo. O seu prosseguimento implica a adesão da Grã-Bretanha a um plano para o qual os seus dirigentes não se mostram muito inclinados.



EM FAMILIA



— Não te irrites, querido! No fim de contas, o «Fiel» também é da família, não é verdade?

Crianças pobres

Era um centro social onde havia uma secção encarregada de proteger criancinhas pobres ou abandonadas. Para arranjar dinheiro realizavam-se umas récitas que terminavam sempre pela apresentação de meninos famintos e esqueléticos e, logo a seguir, um peditério. E todos davam o que podiam. Um dia, porém, um dos espectadores negou-se a dar qualquer coisa. A menina que andava com a sacola investiu-o: — Parece impossível! Toda a gente deu menos o senhor! Porquê? — Porque eu sou o pai dos meninos famintos.

Transformações

Já que andam a fazer tantas transformações em Lisboa, podiam aproveitar a ocasião para transformar também as pessoas apressadas que não respeitam as bichas.

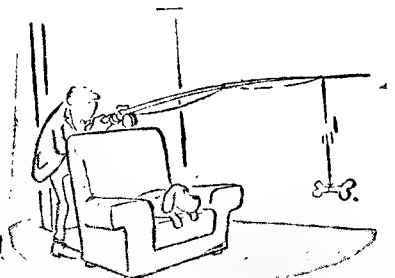
O ANALFABETO

O homem era um perfeito, completo analfabeto, mas comprou um livro por ter ouvido dizer que aquele autor escrevia como falava.

Raciocínio claro

— Você anda sempre atrás das mulheres e nunca se casa; porquê?

— Porque não troco o muito pelo pouco. Solteiro ando atrás de todas. No dia em que me casar fico reduzido a uma...



SEM PALAVRAS

TARDE OU NUNCA



— Se estás a contar com as minhas gorjetas para nos casarmos, acho melhor deixares de trazer aqui os teus amigos...

O monstro de Loch Ness

O «monstro» de Loch Ness existe e não é um só animal mas uma família de cinco, da espécie plesiosáurio, revela uma expedição científica que passou três semanas no lago.

(Do «Diário de Notícias»)

O monstro de Loch Ness Já não é um mas são cinco, O que aumenta o seu in'resse; E' sério, garanto, oh! yes! Que eu cá com monstros não brinco. Tanto bicho me merece!...

Noutro tempo era só um E o meu pobre gorgomilo Já lá tinha o seu zum-zum Que era fora do comum E negava-se a engoli-lo.

Eu cá por mim já avalio Como é aquela brincadeira Que nos causa calafrio: E' que aquele corrupto E' tirado em chocadeira.

Agora, porém, com tanto Bicharoco em Loch Ness Mais aumenta o meu espanto, Espanto que é tanto quanto Mas donde vem tanto bicho Para assombrar a Britania? Ou eles nascem de esguicho Por efeitos dum capricho De geração espontânea?

A. F.

A CASA IDEAL

A grande descoberta do século é a casa incaível! Nem má construção, nem velhice, nem tufão, nem tremos de terra, nada, enfim, poderá fazer cair uma casa destas que a ciência está tratando de inventar.

Quem inventou a telefonia, a televisão, o cinematógrafo, a bomba atómica, o avião a jacto, a felicidade perfeita sobre a Terra, e a bola dos pirolitos, também é capaz dessa nova, formidável, piramidal invenção.

Essa casa será feita de blocos com dispositivos especiais para, quando lhes faltar o apoio, em vez de ir de escantilhão por ai abaixo, começar a pairar nos céus como se fosse o mais formidável de todos os aviões.

As portas, as janelas, as paredes, os tectos, as escadas, as varandas, os terraços, os soalhos, os sanitários (ainda que não estejam mesmo bem sanitários), tudo isso, enfim, que é parte integrante daquilo que dá de comer ao nosso senhorio, tudo isso, repetimos, fluatuará no espaço sem cair, sem se amachucar, sem soterrar ninguém.

Ah! mas agora estamos nós a reparar numa coisa: afinal o inventor da casa ideal fomos nós!

E' bom ir pensando já na celebração do nosso centenário que deverá ocorrer, salvo melhor matemático, daqui a uns cem anos, menos estes migalhinhas que já estão a decorrer.

E, já que falamos de inventores e de centenários, talvez já seja altura de ir pensando no centenário do inventor dos centenários.

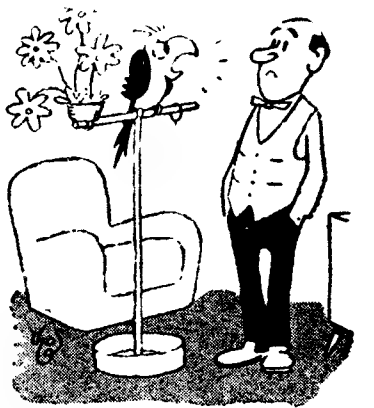
Descobertas científicas

A água quente é a água fria morder. Alguns são mentirosos. Quando está muito zangada. Até Prometem e depois faltam. morde...

O cão que ladra é o cão sincero, o cão que anuncia que vai

As mulheres falam sempre muito. E' a maneira que elas têm de esconder que nada têm para dizer.

Uma reclamação



— Já é tempo de me mudares a alpista!

Morder a língua

Há pessoas que mordem a língua e cospem fora o sangue. Não estamos em tempo para desperdícios desta natureza. A não ser, claro, que a própria pessoa tenha receio de morrer envenenada...

O mais horrível!

Quando a gente tem fome não há nada melhor do que a comida, mas também não há nada mais horrível do que ter comida e ter fastio. Todavia ainda há uma coisa pior: E' não ter fastio e não ter comida. Há mesmo pessoas que não têm vocação nenhuma para este ultimo caso. Algumas até morrem disso.

ESPERTEZA

Aquele menino era um espertalhão. Quando queria qualquer coisa do pai dizia que já a tinha pedido à mãe e que ela lhe dissera que não.

O pai, então, autorizava logo.

Quando pretendia alguma coisa da mãe usava o sistema inverso o que dava um excelente resultado.

E assim viviam felizes todos três: o pai porque contrariava a mãe; a mãe porque contrariava o pai e o menino porque ia obtendo tudo quanto queria, contrariando os dois.

Foi assim que se inventou a frase — uma vida cheia de contrariedades.

Razão forte



— Ele não come demais, sr. doutor. Eu é que sou a cozinheira...

A VELHA CÓRSEGA



O maravilhoso porto de Calvi

Não é verdade que a nossa ilha é bela?

É esta uma interrogação que ouvimos repetidamente dezenas de vezes ao visitarmos a ilha. Sim, a Córsega é bela. Muito bela. Duma beleza selvagem, surpreendente e misteriosa.

Nas suas costas, o mar e a montanha chocam-se, violentamente. Em Calvi, o contraste do azul do mar, do céu e dos cumes dos montes, ainda cobertos de neve neste período do ano, é encantador.

O admirável golfo do Porto circulado por uma muralha de purpura que se reflecte nas suas águas límpidas de uma cor incomparável.

ALGUNS GRANDES NOMES DA CÓRSEGA:

SAMPIERO CORSO: 1501-1567, célebre pela sua bravura e a sua lealdade. Frange amigo da França, foi ele quem convenceu Henrique II a conquistar a ilha. Em 1557, os Genoveses conseguiram pagar a um dos seus homens para o assassinar.

PASCAL PAOLI: 1725-1807. Com apenas 30 anos de idade foi proclamado chefe da ilha. Lançou as bases dum Governo local, criou a Marinha e o Exército e proclamou a luta contra os Genoveses que acabaram por ceder a ilha à França. Paoli refugiou-se em Londres.

NAPOLEÃO: O mais célebre corso; nasceu em Ajaccio a 15 de Agosto de 1769.

Deve-se a um padre português

(Continuação da 3.ª página)

da ruidosa conversão de Cristina não tenham resultado grandes efeitos políticos.

Algumas pessoas mais cépticas chegaram, no entanto, a espalhar que a ex-soberana fora levada ao catolicismo mais pelo seu amor ao diplomata espanhol Pimentel do que pela dialéctica do padre português. Mas, fosse como fosse, o certo é que o temperamento caprichoso de Cristina voltou a afirmar-se e está bem patente numa carta que enviou a «medemoiselle» de Spai-se, alguns anos depois da conversão, na qual dizia:

«Já não ouço sermões. Cada um deve viver contente, comendo, bebendo e cantando».

Que pensariam os padres António de Macedo e António Vieira se tivessem lido esta carta?

ALFREDO BRAS

vel, onde Danielle Casanova tanto gostava de nadar, é dominado pelas altas montanhas da ilha. Piana com as suas rochas vermelhas, subindo em agulhas no meio de luxuriante verdura que cai a pique sobre o mar de uma altura de 250 a 300 metros são uma das maravilhas do nosso mundo.

No interior a variedade da vegetação é infinita. Nalguns sítios é o mato que domina, o famoso mato florido de mil flores e de perfume inebriante. Mas encontramos também, nas partes altas, os pinheiros muito direitos, assim como imensas florestas de faias.

A floresta de Vissavona é admirável com os seus eucaliptos de tronco retorcido tal como a de Bocaguanu onde reinaram dois famosos bandidos: António e Jaime Bellacoscia.

António matou uma autoridade por uma história de terras, em 1848, e foi forçado a refugiar-se no mato.

Depois com a ajuda de seu irmão Jaime, começou a punir os informadores, cometendo, assim, novas mortes. Em 1885 chegaram a abater um pastor mesmo no meio dos gendarmes, quando os guiava ao seu esconderijo. As expedições levadas a efeito contra eles nunca resultavam porque a maioria da população os escondia. Desfrutavam de um prestígio extraordinário ao ponto de, na guerra de 1870-1871 terem conseguido do Governo um salvo conduto para se dirigirem a Ajaccio a fim de, aí organizarem uma companhia de francos-atiradores. António morreu de morte natural aureolado de uma lenda gloriosa de 74 anos de vida no mato.

Os «bandidos honrados» já não existem na Córsega. Entraram todos na História

No entanto, tudo parece estranho face a esta natureza tão bela e tão selvagem. É agradável descobrir aqui e ali pequenas aldeias encravadas nas rochas como se tratasse de ninhos de águias. É delicioso descobrir, um a um, todos os segredos do mato, marchar ao longo das torrentes, explorar as montanhas, parar diante dos mausoleus erguidos em terras familiares, longe das aglomerações. Apece subir ao alto das torres, mandadas edificar pelos Genoveses, ao longo de todo o litoral, para defender a Córsega das invasões e verificar como, na verdade, elas se comunicam tão bem entre si.

Mas o que verdadeiramente nos leva à Córsega, o que atrai, é o seu belo Sol, o seu perfume, e os seus 800 quilómetros de praias, de praias de areia fina e os seus cursos de água onde se deleitam belas trutas.

Uma terrível ameaça paira sobre a ilha

O alerta foi dado em Abril por 15 médicos de Ajaccio, conscientes dos perigos das radiações atómicas. Constatou que o Governo francês encarava a possibilidade de estabelecer um centro de experiências nucleares subterrâneas no maciço de Argenteila, situado a alguns quilómetros de Calvi.

Desde o fim da guerra ou da capitulação italiana, nunca uma notícia se espalhou com tanta rapidez. Sómente enquanto umas provocaram o entusiasmo popular, esta desencadeou uma onda de protestos e receio em toda a ilha.

«O que precisamos é de turistas e não de experiências» — dizem os habitantes de Calvi. Não é difícil de concordar que se a notícia se confirmasse os turistas que são o principal ganha-pão daquela gente se afastariam para longe.

Recentemente, o presidente do Conselho francês M. Debré declarou que a única coisa que fora or-



Um tipo de camponês corso

denado foi que se fizessem estudos sobre a eventualidade de ali se fazerem experiências nucleares, e que o Conselho Geral da Córsega lhe transmitira a sua oposição irreversível a esse projecto.

Mas os Corsos são obstinados, e continuam inquietos pela sorte da Ilha da Beleza, como alguns poetas lhe chamam.

De facto, por vezes as promessas não chegam, quando se trata do futuro de todo um território, quando se trata sobretudo, da saúde e mesmo da vida de seres humanos.

Gazetilha

Faço a mala. Vou de férias (Férias grandes, férias curtas) Não quero saber de férias. Para trás as coisas sérias, Vou pisar cardos e murtas.

Mas sempre assino o jornal (Este vício da gazeta!) Não sou nenhum animal, Quero saber, afinal, O que vai pelo planeta.

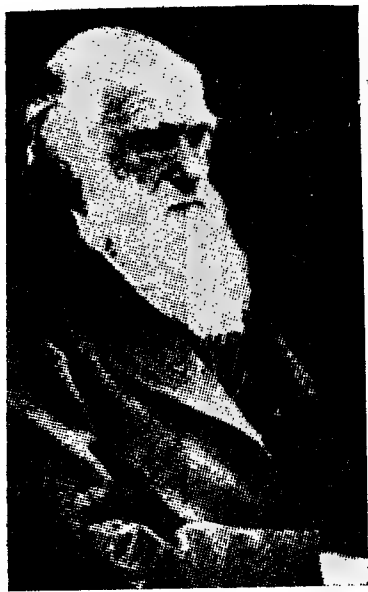
Aos trancos e solavancos O Mundo lá vai girando E só os coxos e os mancos, Com receio dos barrancos, Soltam ais de vez em quando

Foi até Cuba a Sagan Para ver esses barbados, A quem alguns, com afã, Procuram ver amanhã, Outra vez... escanhoados.

E na Madeira, o «turistas» Entrega-se à nostalgia Do galo que perde a crista E vai deleitando a vista Na paisagem tão macia.

PRIMA BETA

25-VII-60



CHARLES DARWIN

CHARLES Darwin nasceu em 12 de Fevereiro de 1809, em Shrewsbury, no Shropshire. Foi um mau aluno, tão mau como Einstein, e de quem a tia escrevia desesperadamente a uma amiga: «Não sei o que faremos de Albert, não aprende nada na escola». Na verdade, era-lhe impossível registar as coisas mecanicamente e recitá-las depois como um papagaio. Interessava-lhe compreender as coisas e não aceitá-las dogmáticamente. Está nesta atitude toda a diferença entre o brilhante compilador e o espírito capaz de toda a criação inteligente.

Darwin era o digno herdeiro desses «curiosos da natureza», dos «filósofos» como eram chamados na velha Grécia, para os quais «crer» só tem significado depois de «ver», «compreender», «experimentar»; verdadeira semente de sábio que rapidamente se desenvolve.

Ora entre o aborrecimento da escola e o não ir lá era um passo que o jovem Charles dava com toda a satisfação, trocando-a pelos passeios no campo e na floresta em busca das coisas que o apaixonavam: velhas pedras de formas bizarras, la-



Um dos fósseis antepassados

gatos ágeis, borboletas variegadas, os reflexos dourados das folhas verdes e o esqueleto delicado das já secas; em suma, tudo o que ti-

nha sido e ainda era, tudo o que formava a história da terra, desde a sua criação, até ao presente, a energia com os seus desconhecidos mistérios, e a vida exuberante sob as formas mais diversas.

E os pais diziam: «Não te importas senão em coleccionar seja o que for, de procurar os cães, os gatos e os ratos; vais ser uma vergonha para todos nós e para ti próprio». E o pai de Darwin dizia ainda: «Era o homem mais alto que conheci, a última vez que subiu para uma balança, esta indicou 24 «stones» (150 quilos) mas o seu peso subiu ainda depois disso».

Mas não se julgue que era um tipo grosseiro, sem cultura e desprovido de sensibilidade. Era médico, como seu próprio pai Erasmo Darwin, nas obras do qual Charles meteu mão; era também um excelente educador.

Em 1825 Darwin começa os estudos médicos na Universidade de Edimburgo, mas visivelmente não era essa a sua vocação. Impressionava-se ao ver sangue e sofrimento. E' certo que na época ainda não existia a anestesia, mas certa vez ficou tão profundamente perturbado com os tormentos de uma rapariga entregue ao escalpelo do cirurgião, que jurou nunca mais entrar numa sala de operações.

Que iria fazer então? Porque não seguir a carreira religiosa? Um clérigo não é forçado a estar sempre encafuado na sua igreja ou no

e de observar tudo que é digno de registar em história natural».

Houve algum dia melhor escolha? Darwin por seu lado ficou orgulhoso. Aceitou, escrevendo na entusiástica carta que dirigiu ao capitão Fitz-Roy, chefe da expedição: «A minha segunda vida vai começar».

O «Beagle», em que Darwin embarcou na qualidade de ajudante de naturalista «sem remuneração», era um barco de três mastros, sólido, do género «brique», isto é, mesmo que as tempestades o não afundassem, seria, no entanto, bastante sacudido. Houve bastantes momentos difíceis. Pronunciou-se algumas vezes a palavra naufrágio. E havia também o enjôo... Mas, por outro lado, quantas compensações!

A primeira exploração interessante foi a do arquipélago do Cabo Verde, onde, segundo ele próprio explica, passou «horas maravilhosas errando sob as árvores exóticas entre uma infinidade de flores silvestres».

A seguir foram as florestas brasileiras, nas quais, «o verde brilhante contrasta com o negrume das sombras, a luxuriante rede da vegetação, os fetos gigantes e as orquídeas parasitas, os tapetes de sensitivas, as laranjas, as mangas, as grandes borboletas de voo languído; tudo se combinava para compor uma visão digna das mil e uma noites».

Duas impressões emergem ainda das suas notas: os cumes das cor-

dilheiras e as planícies desertas da Patagónia, «onde o espectáculo da ruína e da morte não são menos importantes que, nos trópicos, o da criação e da vida».

Faunas e floras desfilam ante os seus olhos atentos, pois é toda uma emoção bem científica que se apodera dele depois das primeiras sensações de admiração: Dali por diante o seu mundo seria o mundo maravilhoso e estranho dos morce-

gos vampiros, insectos criminosos, peixes voadores, aranhas aeronautas, borboletas migradoras, ornitornics com bico de pato, mares fosforescentes, florestas aquáticas, gigantescos formigueiros, recifes de coral, vulcões em erupção, pregas montanhosas onde está escrito o trabalho grandioso dos movimentos da crosta terrestre através dos séculos.

(Segue próximo artigo)



O Dimetrodon ao fim da época primária, princípio da secundária

Motores levíssimos para automóveis

Utilizando o silício, metalóide que entra em numerosos compostos naturais que constituem a maior parte da crosta terrestre, deverá ser possível construir motores para automóveis muito mais leves e menos caros que os actuais, afirma a Tennessee Products and Chemical Corporation dos Estados Unidos.

Obtido no estado puro, o silício é utilizado nas ligas para aumentar a resistência do alumínio, cobre e outros metais macios. Entra igualmente na composição de numerosos produtos químicos tais como os silicões.

Desde há tempo que os constru-

tores de automóveis nos Estados Unidos esperam poder construir desta forma motores de automóveis empregando largamente o alumínio.

Uma nova técnica de produção de uma liga alumínio-silício promete a construção de peças suficientemente resistentes para serem utilizadas nos motores com uma taxa de alta compressão.

O peso dos motores pode assim ser reduzido 30 %, o que permite aumentar a facilidade de manobrar do carro reduzido paralelamente o consumo de gasolina e o gasto de pneus e travões.



O general Speidel de ontem e de hoje

A empresa de produção de filmes DEFA, da Alemanha Oriental, produziu em 1958, sob o título «Operação Espada Teutónica», um filme-documentário que retrata o passado do general Speidel.

O general em questão, que é hoje chefe das forças terrestres da N. A. T. O. para o «Centro-Europa», foi, como todos sabem, um antigo general da Alemanha do tempo de Hitler e o filme retrata o seu passado, apresentando-o como espião nazi em Paris antes da segunda grande guerra mundial, cúmplice na deportação e matança de centenas de reféns franceses, organizador da política da «terra queimada» na frente Leste e ainda cúmplice do caso de assassinato de Rommel pelos nazis, em resultado da resistência oposta por esse marachal a Hitler.

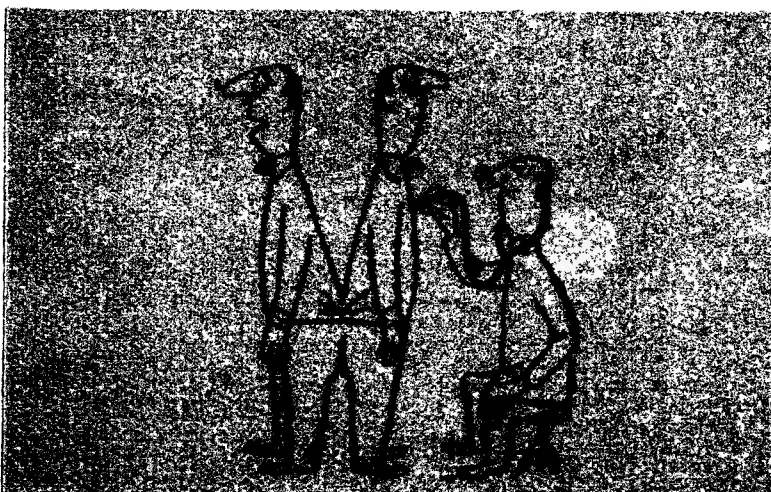
O filme da DEFA foi largamente projectado em Londres e noutros países. No ano passado, Speidel deu ordem ao seu advogado para mover um processo contra a casa Proto-Filme, de Londres, como distribuidora do filme. Motivo do processo? Apenas um ponto. Uma passagem que trata do assassinato do rei Alexandre da Jugoslávia em 1934.

O resto do filme não levanta nenhuma objecção ao general, não obstante conter pormenores da sua participação em factos considerados como crimes de guerra. Trata-se de coerência ou magnanimidade?

Um observatório europeu na África do Sul

Cinco países europeus, a França, a Alemanha Ocidental, a Bélgica, a Holanda e a Suécia projectam instalar no deserto de Karoo, na África do Sul, um observatório, dotado de um telescópio gigante, cuja primeira tarefa será completar o mapa fotográfico do céu austral.

A melhor da semana



— Diga 66!...



Os apreciadores de um bom café puro, em 50 países do Mundo, dão a sua preferência ao CAFÉ HAG solúvel. E têm razão! Eles gozam assim o prazer duma excelente mistura de cafés 100% puros. Podem tomar todos os dias e a qualquer hora quantas chávenas de café lhes apetecer.



CAFÉ HAG SOLÚVEL

© 1960 H. HAGG & SÖNNERSTEN AB, SUÉCIA

CH-0460

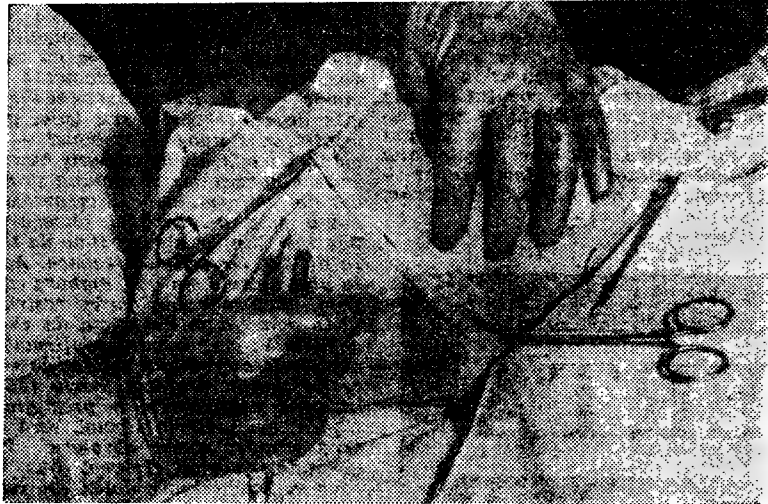
(Continuação da 1.ª página)

analgésica. O frio tem, portanto, sobre o corpo do soldado caído na neve após algumas horas, uma acção de torpor, de afrouxamento da vida vegetativa, isto em resultado de o seu sistema de defesa muito enfraquecido não poder actuar.

Até hoje a Medicina acreditava que para ajudar o homem a resistir, era necessário aumentar as suas reacções de defesa. Julga-se agora que é quase o inverso que é preciso fazer: diminuir as reacções de defesa do organismo, colocá-las em «surdina» para ajudar o homem a «passar o cabo» como os animais hibernantes passam o cabo

operados, normalmente condenados, sobreviveram.

Não somente a hibernação artificial aplicada à cirurgia faz perder às grandes operações o seu carácter de urgência — pelo facto da possibilidade de colocar o mal e o doente em «conserva» — como diminui os riscos de choque, duplica a eficácia de anestesia e a reanimação, eliminando-lhe os perigos das hemorragias e economiza as transfusões. Para além do domínio da cirurgia é utilizada com êxito no tratamento do tétano, da meningite, da septicémia, das hipertensões malignas, de certas úlceras e de todas as doenças agudas em geral, compreendendo as doenças



do Inverno. Foi daqui que nasceu a ideia de uma anestesia sem anestésicos.

Os doutores Huguenard e Laborit observaram, por outro lado, que ao combinar os calmantes do sistema nervoso obtinham resultados mais potentes que a soma dos efeitos de cada droga administrada separadamente, e que essa multiplicação era mesmo susceptível de reforçar em proporções consideráveis o poder dos narcóticos habitualmente utilizados em anestesia. Uma quantidade ínfima de cada ingrediente bastava para dar o mesmo resultado, com uma dose de anestésico, normalmente incapaz de provocar a narcose. Era como se tornasse as células nervosas mais sensíveis ao menor efeito narcótico.

Porque não substituir essa fraca ples refrigeração? Foi esse o pensamento de anestésico por uma simulação dos dois métodos, partindo da sua primeira observação.

O «cocktail» que combinaram para bloquear as reacções de defesa e permitir a refrigeração do organismo contém um certo número de substâncias não tóxicas que impedem os nervos de comandar essas reacções, pela eliminação das substâncias que o possibilitam. Uma delas é o elemento paralisante, lagastil, que corta os contactos entre os centros superiores do cérebro e o organismo. Administrado por partes, essas subtils combinações de drogas «desligam» assim pouco a pouco o conjunto dos mecanismos de defesa, como em electricidade um auto-circuito desencadeia uma «desconexão» da rede.

O hibernado ainda não dorme; desinteressa-se de si mesmo e do mundo exterior. Não perde a consciência mas tem a impressão de voltar-se, de borboletear num mundo indolente onde não experimenta, nem fome, nem sede, nem desejo, nem medo, nem necessidades, nem sonhos...

Agora só falta «arrefecê-lo», mergulhá-lo num solo de gelo de onde só acordará muito lenta e progressivamente e de que não conservará senão a recordação.

Os resultados das intervenções praticadas desde 1951 pelo método Laborit em casos praticamente desesperados — na maior parte, pessoas idosas e em má condição física — parecem revelar um milagre: a mortalidade operatória baixou 75 %, isto é, três quartos dos

CICLONES

e cravos da Índia

Sempre que a Ilha de Madagascar é devastada por ciclones, o chamado cravo da Índia deixa imediatamente de aparecer no mercado de Londres, onde é particularmente procurado. De facto, Madagascar é o principal produtor mundial desta curiosa matéria-prima empregada em farmácia e em algumas receitas de culinária.



(Continuação da 1.ª página)

A notícia soa como um sinal de alarme, retine em estridência de sirene. No cérebro do chefe de família os sons transformam-se em imperativos categóricos: é preciso ganhar mais dinheiro! Chegou a época em que terá de aumentar a produção, fazer turnos, horas extraordinárias, com os mesmos braços, as mesmas pernas e a mesma cabeça que está cansado de utilizar durante o ano.

Para estimular a imaginação e escanhoar qualquer dúvida metódica que lhes esteja a crescer no intimo, o chefe de família olha os miudos, esqueléticos e transparentes como coxas de rã. Dentro de si desenrola longos monólogos morais, salpicados de apelos em que a palavra «dever» se repete numa obsessão patética. Por experiência já sabe que esta é a forma de chamar às armas as mais insignificantes fibras do seu corpo. Feito o recrutamento geral, chega a hora de pôr a imaginação a trabalhar. O corpo está disposto ao sacrifício; falta agora encontrar onde se aplicar e não há tempo a perder: daí a três meses a família estará em rodagem.

Passa então revista a todas as hipóteses: umas escritas suplementares nos escritórios de alguns comerciantes conhecidos; uns jeitos nos tribunais que o obrigam a bater à porta de uns amigos; uns anúncios, um trespasse em que servirá de intermediário...

O chefe de família não tem tempo de sonhar; vive em «estado de

sítio», em regime de «prevenção rigorosa»: quando come, quando se barbeia, quando se entrega à rotina do labor quotidiano, o cérebro crepita-lhe constantemente, mecanicamente novas esperanças de lucros. São três meses de degredo. Habitado a só contar com o que lhe sai do corpo, não pensa em tentar a sorte grande. Tem aliás opiniões bem definidas sobre o assunto que formula nesta máxima de ceticismo:

— A «sorte grande» só sai aos «outros».

Os «outros» são um mundo à parte, espécie de presidentes do conselho de administração de um universo em que as cédulas de banco chovem sem qualquer esforço físico. Lembrando-se dos seus tempos de liceu, o chefe de família já chegou à conclusão de que a lei de Kepler tem aplicações mais vastas do que o suporia o seu autor. Na realidade o dinheiro atrai o dinheiro na razão directa das massas e na inversa do quadrado da distância.

Ele está muito longe; vive no inverso do quadrado das distâncias: terá de fazer escritas, congeminar expedientes lucrativos que permitam que os filhos recebam a sua dose anual de iodo e cloreto de sódio. Eis uma química que exige esgotantes reacções físicas. Quando virá o tempo em que, mesmo em casa, bastará pincelar os filhos com qualquer solução daqueles compostos?

Ao ler de fuga os cabeçalhos dos jornais sobre os «sputniks», o enxerto do coração e dos rins, e outros prodígios da Ciência, ele pensa (questão de segundos, apenas) se não se inventarão algum dia as férias sintéticas. Mas por ora há que solucionar as férias reais de três filhos translúcidos com dois crescentes escuros e sublinhar os olhos.

Três meses escoam-se depressa.

— Nas férias — desculpa-se — as crianças passam todo o tempo fora de casa, não é?

Ele acena que sim, ainda agarrado ao paraíso de um quarto só para ambos.

Quando a mulher lhe pergunta a opinião, para não arcar sozinho com a responsabilidade de matar um sonho, ele suspira fundo, enche-se de coragem e concorda.

Ficam, pois, com a casa mais pequena que ocuparão furtivamente, como noivos, quando os filhos andarem a respirar os bons ares e a beber o Sol por todos os poros.

No último mês antes da partida a companhia passa revista geral a todos os panos, fazendas e fatos velhos que foi guardando nos gavetões à espera do momento oportuno. Desdobra-os na mesa da casa de jantar e fica-se a observá-los como um general na véspera da batalha decisiva. Depois faz planos estratégicos e acaba por avançar para as realidades, de tesoura em punho.

A noite, quando o marido chega, já pela madrugada, ajujado de horas extraordinárias, ela, ainda, à volta com os seus trapos, gosta de mostrar-lhe o que fez, a sua colaboração silenciosa para aquelas férias tão difíceis de levar por diante.

O chefe de família entenece-se.

— Já devíeis estar deitada — diz com uma censura amigável na voz.

— E tu? — admira-se a mulher.

Certa manhã de domingo ela atreve-se a revelar uma ideia que há muito tempo anda a incubar. Podiam pagar só metade das contas dos fornecedores e quando voltassem de férias começariam a saldar o resto. Antes que o marido respondesse fere-o de todos os lados com argumentos sedutores e conclui por dizer que também a D. Esmeralda, mulher do engenheiro, também a D. Joaquina, mulher do professor etc., fazem isso...

Quando o chefe de família se re-

O grandioso tema dos TEMPOS MODERNOS, de Charlot, transplantado aos nossos dias numa obra-prima do romance francês moderno

325.000 FRANÇOS

DE

Roger Vailland

«É o romance mais acabado e mais sólido que temos este ano»

Claude ROY

«Como Malraux, Vailland é desse tipo de escritores cuja inspiração, entusiasmo, presença, inteligência e autoridade tudo tornam admissível... Como Stendhal, Vailland arrasta e impressiona o leitor

Emile HENRIOT

Volume n.º 12 da Coleção

CONTEMPORÂNEA

PORTUGÁLIA EDITORA



Já lá vão dois. O chefe de família e a companheira fazem contas. Já alugaram uma casa, depois de muito escolher entre diálogos sérios em que pesa os prós e os contras.

— Aquela «era» muito boa — recapitula a esposa. — Lembras-te? Podíamos dormir sózinhos, num quarto só para nós. Um quarto só para nós, como nos tempos em que nenhum filho o ocupava ainda. A família crescera e a casa não; e no quarto acabara por se instalar definitivamente mais aquela cama que ia ficando de uns miudos para os outros e na qual o ultimo já dormia encolhido.

Quando cita o «quarto só para nós» a mulher sente que, irresistivelmente os olhos se lhe põem a arder e o marido vê neles um luar de noivado que o perturba até ao mais íntimo do ser. Está capaz de aceitar o sacrifício de uma renda, mas logo a voz da razão se acende do outro lado:

— Pois é... — murmura a mulher, como se tivesse medo de acordar alguém — mas não merece a renda.

Zanga-se então com «estes senhores» e lembra-se que a outra é mais pequenina, tem só dois quartos, mas que serve!

compõe do assalto é para martelar, bem firme que Não!». Essa gente perdeu os restos da vergonha — diz — e vai desafiando aqueles princípios éticos de outras eras que representam a sua segunda razão de existir.

— Quando sair para a rua quero andar de cabeça descoberta, sem que um fornecedor me aponte: olha, vai ali fulano, gozou as férias da minha custa.

A mulher fica-se vencida e acaba por achar que assim é melhor. As férias serão uma conquista de ambos.

Chega finalmente a grande hora da partida. Um e outro sabem que apesar de tudo — economias e esforços — as férias, mesmo lá na praia, exigirão sacrifícios. Terão de vigiar o orçamento como quem vigia uma filha namorada. Apeenas e sempre, o essencial.

Eis uns personagens que vão acabando pelas cidades, ainda aureolados com uma bravura antiga, um cristalino pudor que os leva a só contar consigo para os sacrifícios e se satisfazem com a flor modesta das pequenas alegrias.

Vão escasseando já. Mais uma razão para que os registemos nestas reportagens de férias.

No centenário dum grande escritor

SALA de prédio novo do Torrel. Ornamentação alibertyana sua clara tonalidade preferida que funde verde-mar em rosa pálido. Duas grandes janelas por onde se perspectiva a Baixa e um largo trecho do rio. A parede do sul cortada por três arcos envidraçados que dão para uma espécie de estufa resplandecente. Abundam ali os tabuleiros de frs floridos cujo ténue perfume delicado penetra o aposento sem dominar os desenhos relentos de drárgs farmacêuticas que nele flutuam. São duas da tarde de um dia criador e jubiloso de Abril; o Sol bate nas janelas, coando-se, através dos estores de seda crua meio corridos, pelos intermeios bordados cujos desenhos abertos se reproduzem, luminosos, no tapete. No angulo compreendido entre a estufa e a primeira janela há como que um recanto reservado, ao abrigo de vários biomboes japoneses que lhe resguardam o perímetro. Dentro encontra-se, estendido em complicadíssima cadeira articulada, um homem doente, de enorme volume e descompassado nas proporções. A mais dos numerosos apêndices que lhe oferece o engenhoso mecanismo da cadeira, cercam-no, ao alcance da mão, várias estagères, no caos de frascos rotulados, estojos de lavatório, petrechos de fumador, fotografias de celebridades contemporâneas e jornais ilustrados.

O enfermo permanece imóvel e parece dormir. Tem o rosto desmarcado, o fômites leonino, a pele terrosa, infiltrada de bístre. A queirada avança e arredonda-se maciça, formidável, e as arcadas armam duas cavernas sombrias sob o capacete tumultuosamente boileado do vasto cranio quase limpo de cabelo. Embora estendido, o seu vulto não acusa transições ou ligações nos membros, mas é como que um montão informe, de configuração ursina, a que pertencem duas mãos de estarrecido tamanho e dois pés ciclôpicos metidos em pantufas de roupa alvadia. Dormita, roncando, com sobressaltos que, ao som de algum ronquido mais forte, o agitam por estremecimentos de massa gelatinosa; a espaços desperta, ensaia, entre grunhidos, movimentos lentíssimos que não completa, readormecendo logo.

Próximo ás costas da cadeira do enfermo está um lindíssimo contador toledano rico em arabescos damasquinados.

Pela porta que se abre ao fundo da sala entra uma senhora elegante que pouco mais terá de trinta anos. É esbelta, airosa, ágil: de cabelos castanhos e profundos olhos cismadores, o seu rosto oval conserva o desenho puríssimo da adolescência, mas as feições desbotadas, fatigadas, já emaranhadas numa finíssima rede de rugas miudinhas, os lábios exangues repuxados, revelam velhice precoce e tudo se harmoniza em expressão de desalento.

Vem preparada para passeio com um vestido de muito leve tecido liso cor de casca de amêndoa, simples no corte e sóbrio nos enfeites, que lhe correm pelo corpete e pelas mangas em arredadas tiras estreitas de filoseia violeta. Traz na mão uma bolsa de malha de platina e ouro donde tira uma chave pequena com que abre o contador, ao qual se senta a escrever, sem mesmo relancear os olhos para o enfermo. É um curto bilhete, prevenindo uma parenta de que a não espere para jantar. Quando o vai sobrescritar hesita, reflecte, abre-o e adjunta:

— Vou a S. Bento ouvir o Paulo Gonzaga. — Posto o endereço, toca a campainha e entrega-o ao criado, que acode á chamada, perguntando-lhe:

— Ainda não deram o café ao sr. capitão?

— O sr. capitão disse que só mais tarde o tomaria.

Ela então, voltando-se para o doente, informa-se, com accentuada frieza:

— Cipião, estás pior?

O doente, porém, ronca e não responde.

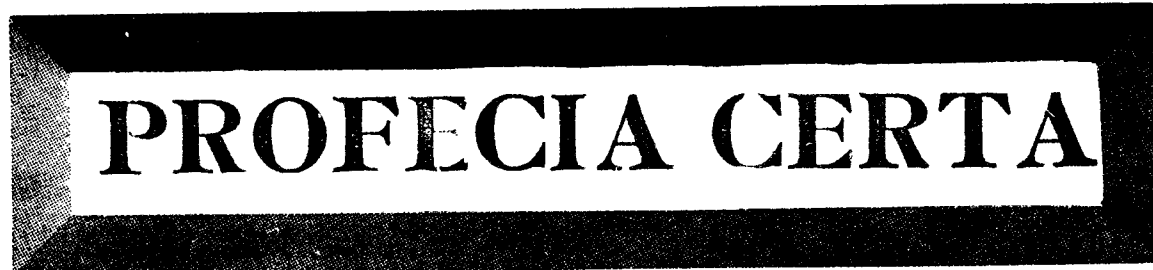
— Bem. Quando o sr. capitão pedir traga-lhe o café.

O criado sai e ela detém-se um instante a observar o enfermo sem que o seu rosto denuncie interesse ou piedade. De repente perpassa-lhe um clarão no olhar, que logo se anuvia de tristeza; apoia o cotovelo á tábua do contador e, de mão na face, medita. Pensa nesse Paulo Gonzaga a quem se referia o bilhete. É um médico célebre, feito deputado pelas circunstâncias fortuitas da política e que nesse dia deve interpellar o ministro do reino sobre assuntos hospitalares. Como seja reconhecidamente um espírito cáustico, de extraordinária cultura e expressão fluentíssima, o seu discurso esperava-se com viva curiosidade.

Esse mesmo doutor Gonzaga, quando estudante, fora o seu primeiro namorado — e o coração ajuntava-lhe, segredando, o seu unico amor. Deixara-o, embelezado no garbo marcial de Cipião, seu actual marido, o monstro que ali jazia, roncando.

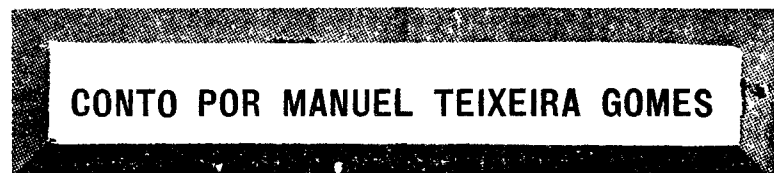
Cabeçada... sensual, confessava a sim mesma, envergonhada. Ela, até ali tão melindrosamente casta e exigentíssima nos preceitos da lealdade, sentira um dia arder-lhe a carne á passagem do, então, jovem e possante alferes de lanceiros e subjugada, hipnotizada, alucinada, aceitara-lhe a corte lançando mão de um futil pretexto para desabridamente romper com o outro. Fora perversa e pérfida!

Ao lance nem quase a certeza de que o ludibriado, no seu desespero, recorreria ao suicídio, a demovera. O Gonzaga, porém, frustrando-a nessa ferina esperança, cuja realização tudo aplanaria, escudara-se no seu infinito e insuspeito orgulho, recebera a despedida serena e só dera noticias suas no dia da voda mandando-lhe por mão da antiga confidente uma carta que levava a letra gorda, no sobrescrito, esta indicação: «Presente de not-vados».



Essa carta! Como ela sorria, desdenhosamente, ao encetar-lhe a leitura, no regresso da igreja, enquanto mudava de vestido, preparando-se para a viagem de nupcias, cuja perspectiva ridente a fascinava! E ao terminar, como que percebera que um veneno misterioso, subtil e activissimo lhe entrara, para sempre, no coração!...

Carta ridícula, contendo uma profecia estulta, pensou; mas guardara-a... — para mais tarde, quando desmentida pelo correr dos anos venturosos, a devolver ao insolente detractor, apostilhada por algumas dessas frases torturantes que só as mulheres inventam e que ela saberia afiar e eivar de sarcasmos inéditos...



Depressa, porém, se convenceria de que a suposta mistificação do estudante alguma realidade encobria e pouco tardou em chegar á convicção de que se haviam de realizar todas as suas d'abólicas previsões.

Começara então a sua horrível, incomparável, inenarrável agonia! Pois bem, hoje que ela ia ver e ouvir esse odiado Gonzaga, já triunfante, mau grado a humildade da sua origem e o desvalimento que dá a pobreza, queria ter pela milésima vez a dolorosa satisfação de a reter, e assim ficaria como que blindada para arrostar a sua detestável presença.

Procurou num escaninho do contador umas folhas de papel amarelado, coberto de letra miudinha e, com as fezes afoguesadas, leu rapidamente, sem quase nelas pousar os olhos, á laia de quem repete a lição já aprendida de cor:

«Minha querida inimiga. São passados três anos sobre a hora de atroz desgano que me deu a certeza do seu abandono. Sabe com que intensidade a amei e avalia a amargura da minha dor. Seria no entanto ridículo imaginar que ela não teve fim. Há corações onde o amor não morre completamente e o meu é assim, e, mas hoje, considerado esse amor nos unicos vestígios de que guardei memória, apenas me sugere suaves recordações. Os momentos deliciosos que fui a seu lado foram e são meus; deles disponho para me encantar, esquecendo o resto. Antes, muito

antes, da certeza já a suspeita me empenhava a alma. Mas porque me transluzisse ainda alguma esperança, vaga, no futuro, aceitava, resignado, a caprichosa fantasia de uma mulher que inteligente e pudica, eu julgava incapaz de ceder sem resistência ás passagens sollicitações dos sentidos e facilmente voltaria á sua primeira afeição. E no fundo da consciência por pouco não aplaudia a leviana inconstancia! Como seria possível coitejar o quase enfezado estudante de Medicina, tímido, olheirente, mal vestido, com o garboso e agigantado oficial de cavalaria, de sobberba plástica modelada no atesamento do uniforme, sem, desde logo, dar preferência a este.

Nos recessos da consciência — repito — desculpava-a, mas na subentendida condição de que o capricho findaria, tão presos nos encontros por mutuas promessas formais — sagradas — que jamais se quebrassem sem desdouro e remorso. Mas o capricho não passou e, naturalmente, por isso mesmo que sentia a... miséria da sua falta, foi V. Ex.ª para comigo requintadamente cruel. Estabelecida a irreversível desilusão eu pus-me a olhar para o meu feliz rival não com rancor, mas friamente, como

analista que procura defeitos, tendo a intima, embora mal baseada convicção de os encontrar e gra-dos. Desde logo fácil me foi verificar-lhe a insignificancia intelectual, sabendo que nas habilitações tão leves do seu curso apenas cantara vitória á custa de poderosas recomendações e escandalosos favores, mas surpreendeu-me de veras a opção que das suas qualidades físicas os mesmos companheiros seus nutriam, delas desdenhando, porque, aparentemente forte, como novíssima encarnação de Hércules, qualquer mínimo esforço o cansava e aborrecia. Colhida esta informação encetei sem demora um sistemático inquérito á sua vida e, quanto pude, espreitei-o. Ele era, na verdade, demasiadamente belo,

e como ao justificado fogo do meu despeito se me acendrasse o espírito aguçando-o — para não perder, em qualquer fortuito encontro e relanceado exame, ensejo de lhe descortinar os poderes —, certa manhã, cedo, vindo da Patriarcal, adrequei encontrá-lo no Largo das Taipas, cabisbaixo, encurvado, resumando fadiga e aborrecimento impróprios de tão radiante mocidade. Uma suspeita me fulgurou no cérebro: não será este gigante um pobre doente? Porque, convém saber, querida inimiga, na sua maioria, sendo na totalidade, esses deslumbrantes espécimes da raça humana não passam de enfermos irremediáveis, caminhando, lenta mas indefectivelmente, para uma transformação física tão horrorosa como grotesca. De facto, o luzido oficial, nesse momento de confiado abandono, a que se prestava a solidão do local e a ausência de donzelas janelas, apesar da sua extraordinária estatura, apresentava um característico aspecto maciço — cubico — e o tamanho da mão, que mal apoiava ao punho da espada, e dos pés, que penosamente arrastava pela calçada, era descomunal mesmo em relação á cravaria do seu mavôrtico dono. — «Acromegalia?» — murmurei. E craminando-o percuciente, muito além da acostumada vidência humana: «Acromegalia» — repeti com alegria satânica. E logo — pois instintivamente nestes ultimos tempos me habilitara para o diagnóstico em leituras que se reportassem ao caso — logo:

— «Acromegalia e gigantismo» —

«Acromegalia», querida inimiga — e aqui me acodem saudosas reminiscências do muito que V. Ex.ª gostava, durante os nossos passeios pelo Jardim da Estrela, seguidos da indulgente e sonambula miss Dadds, que eu lhe explicava as minhas descobertas de clinico incipiente — «acromegalia» é uma enfermidade caracterizada particularmente pela hipertrofia das extremidades, mas que no «gigantismo» passa despercebida até que o organismo se transfigure. Ora o «gigantismo» é outra doença da mesma origem da «acromegalia». Assim como o «nanismo» deriva da falta ou da atrofia da glandula tiróide — esse tumor elegante, que arredondando em proporções razoáveis alteia deliciosamente os pescoços femininos; em colar de Vénus, no dizer dos estatuarios gregos —, assim como, pois, o «nanismo» dá resulta, o «gigantismo» é a consequência da hipertrofia de uma outra glandula aninhada no cérebro, a «pineal». Ao contrário da sumptuosa e decorativa utiróide, a «pineal» vive oculta na sua estreita cavidade óssea, e normalmente não excede o volume de um grão de bico. Adorável tumor que durante meses considereis supersticiosamente como a benéfico fetiche,

reunindo grande cópia de exemplares, graças á complacente cumplicidade dos meus camaradas. Poderia jurar que, no largo período das minhas investigações, nenhum cadáver autopsiado em S. José levou á crua a sua pineal: todas conservo em pequeninos frascos e todas aqui estão sobre a mesa em que lhe escrevo, fixando-me sem me ver, com tris sem pupilas embaçadas e amauróticas. E' que, a mais do serviço que me prestavam, eu pensava, vagamente, em as utilizar, ensartando-as, tão depressa descobrisse meio de as endurecer por injeções de algum líquido metálico e antiputrido. Seria um precioso colar de nova espécie de coral que eu lhe destinava, querida inimiga. Quantos cuidados me não mereceu o galhardo Cipião, absorvendo-me a ponto de por bem pouco me não preterirem no prêmio Alvarenga, indispensável ao meu equilibrio financeiro! Mas embora o estudo constante da doença me tornasse a mais e mais perspicaz, embalde procurava sintoma próprio a dar-me a certeza irrefragável. Foi no «Leão de Ouro», em uma noite de Agosto, muito casualmente, que a certeza se me evidenciou. Entrar no restaurante em busca de um condiscípulo, quando lobrigou o valente Cipião, abançado. Tomei assento, próximo, donde o pudesse observar detidamente e — ai de mim — mau grado o meu vivissimo, insaciável apetite para quantos acepsites recheavam a lista apresentada pelo criado, limitei-me a pedir um capilé morno e a «Ilustração» espanhola. O herói ia no fim da lauta refeição. Parecia extenuado e subitamente, no momento em que descascava uma banana, quedou-se imóvel e adormeceu. Então, apoiando o queixo no peito, entreabriu a boca e deixou pender uma lingua monstruosa, grossa, a ponto de tornar inverosmil a conjectura de que ela se acomodaria na respectiva cavidade: dir-se-ia o sacco violáceo e viscoso de um enorme choco... Do lugar onde eu me encontrava, quase me seria fácil calcular, sem erro de muitos milímetros, a curva do seu exorbitante prognatismo — indicio de animo voluntarioso e marcial, julgará V. Ex.ª — e o diametro das furnas tenebrosas onde se lhe abrigavam os olhos apagados — tendência para a introspecção inteligente, no seu parecer, sem duvida, querida inimiga. Pois bem, agora — enfeirados assim os indispensáveis sinais mórbidos — dir-lhe-ei, sem receio de equívoco, o futuro que a espera.

A medida que a minguada intelligência de Cipião se for obliterando aumentar-se-lhe-á fabulosamente o volume do cranio: afirmo-lhe que dentro de bem poucos meses, e mau grado as artes dos mais hábeis chapelleiros, nenhum dos bonés, capacetes e barretinas que hoje lhe encarcem o natural «donaire» do porte poderá servir-lhe. Não me faça

V. Ex.ª a injuria de supor que nesta parte da minha profecia vai incluída qualquer insidiosa suspeita que se ralice com a forma como V. Ex.ª acatará os deveres conjugais. Sei que há-de consumir o sacrificio nobremente, resignadamente. E essa resignação inabalável, consequência de um carácter incorruptível, de que sei apreciar o raro valor, não constitui a parte minima da minha antegostada vingança... Mas, revertendo ao assunto. Não se limitará a catástrofe a devastar as linhas do alteroso cumo. Poucos anos passarão sem que o nobre Cipião, arruinado, aluído, desconjuntado — tal um monumento majestoso, de frágil arquitectura, a que não valem escoras —, fique reduzido a montão informe de flácido adiposo e ossos torcidos, e completamente imbecil permanecerá, inerte e dormente, no seu leito de dor. E como seja convicção minha tratar-se aqui de um caso de gigantismo crónico — também os há agudados, provocando rapidamente a morte — a V. Ex.ª reserva-se-lhe a dita de conservar a seu lado, por muitíssimos anos — e bons! — o eleito da sua alma, embora inutilizado e caquético, se alguma providencial enfermidade intercorrente, como seja a provável glicosuria, não vier limpar a superfície da terra da sua supérflua presença. Agora um capítulo em que, embora com pejo, toco por obrigação restrita, visto como logo no início da «luademel» V. Ex.ª o verá confirmado, abonando o crédito e solidez ao resto da minha profecia, como todos os seus congêneres, o prestigioso Cipião, em matéria sexual, será de uma frigidez quase absoluta... Esperando, querida Helena, que os seus delicadissimos dotes de intelligência e sensibilidade, levando-a aos prazeres da arte, da literatura ou da religião, consigam mitigar os horrores inevitáveis á situação pouco invejável que por sorte lhe coube, despeço-me para sempre mas não sem primeiro lhe oferecer os meus serviços no consultório onde me instalei há dias, Rua dos Motinhos, 38, 1.ª, esquerdo. (Consultas gratuitas das 10 ás 11 da manhã).

Enquanto Helena lia, Cipião despartara e, após várias revoluções pesadamente esboçadas no vasto leito da cadeira, tocava a campainha e pedira café. Estava ele com a chavena cheia na mão quando a mulher, guardada a carta, se voltou, demorando-se a contemplá-lo num grande espelho fronteiro, com a expressão desesperada de quem encara na própria e irremediável desgraça. Como em acerbo pesadello lhe acudiam á memória os anos de horrorosa sujeição daquele monstro ignóbil, e sentia encher-se-lhe o peito de ódio recalcado contra ele e contra si mesma por não ter energia bastante a libertar-se do infame cativo. E cada dia que passava para mais longe a impedia dos seus primeiros amores. Esse regresso; a sua secreta, inconfessável esperança... falaz. Quem sabe. Talvez o médico ainda a esperasse, pois que célebre e rico, se conservava solteiro e rebelde a ligações amorosas. Não afirmara ele que no seu coração o amor nunca morria! Tornar a vê-lo, ouvi-lo outra vez, ainda ainda abria uma clareira jubilosa no tenebroso inferno da sua vida... E no seu rosto a expressão de angustia transmutou-se quase em arroubamento de serena paz...

Consultou o relógio: era tempo de partir.

Mas quando se apoiava aos braços da poltrona para se erguer, revendo-se, de relance, no espelho, rejuvenescida, grácil e elegantíssima, Cipião levanta a chavena de café e atira-a para trás das costas de modo que o negro líquido, apinhado-a em cheio, lhe entrou pelo curto decote do corpete. Esparramou-se-lhe pela sala abaixo...

Rubra de cólera, reconhecendo a impossibilidade de mudar de toilette a tempo de ouvir o médico, ela avançou de punho fechado, ameaçadora e desviada para o marido — como se ele, depois de lhe adivinhar os pecaminosos pensamentos, houvesse tentado castigá-la —, brandando:

— Cipião, mas isto é infame!...

Ele então remexendo-se lentamente na cadeira, abriu, estremunhando, os olhos baços e na sua voz cava, picada de agudas notas de falsete, replicou, tardamudando:

— Ora esta!... Pois não sonhei que pascava na Avenida com uma capa á espanhola e quando a fui traçar, porque sentia frio, despejei o café...

Helena sentou-se de chofre, escondeu o rosto nas mãos e encostada ao contador ficou-se a repetir vezes sem fim:

— A morte, a morte a morte!... roncava...

(Continuação da 1.ª página)

tem trabalhado para alcançar, cada vez mais, um Eden, isto é, um mínimo de condições que aliviem o homem de certos trabalhos, que lhe confiram dignidade e o livrem da servidão a que tem estado submetido, que o liberte de todas as superstições ainda existentes. Esse mínimo de condições vai gradualmente aumentando, até tornar-se máximo; este é, porém, inatingível, pois o Homem está em luta constante com a Natureza e, se essa luta terminasse, o ser humano teria deixado de existir. O homem sofre a influência do meio geográfico, que lhe determina uma série de características próprias; por outro lado, luta contra esse meio para atingir um fim em vista. Daí as invenções das pontes, dos navios, aviões, naves interplanetárias, que mostram a luta do ser humano para ultrapassar as limitações da natureza. E é isso constante luta, não só contra o meio geográfico, como também contra uma ou outra determinada estrutura política, social e económica, que dá significado à vida. Quando o homem combate contra tudo aquilo que serve de entrave ao progresso e, portanto, que é prejudicial ao bem-estar e desenvolvimento da humanidade, encontra o verdadeiro significado da sua existência. Porque, se para algum indivíduo, viver é sinónimo de comer, dormir e agir livremente, mesmo prejudicando o semelhante, para o cientista, o historiador, o artista ou o escritor, que se sabem serem meios ao serviço dos povos para os libertarem e desenvolverem, a noção de existência tem um significado bem diferente. É por isso que certas correntes filosóficas (?), como o existencialismo, não encontram adeptos em abundância (a não ser alguns ambulatórios de barba crescida que nem sabem o que é existencialismo), pois não podem nem servir de solução a problemas do nosso tempo.

Portanto, de todo este arrazoado, pode-se inferir que: 1.º — O homem está sempre em luta; e o combate da revolução contra a reacção; 2.º — É essa luta que dá significado à vida; 3.º — nenhuma outra razão levaria o homem a combater se não fosse o desejo de melhorar as condições de vida da humanidade e, por conseguinte, de si próprio; 4.º — O homem tentará atingir sempre o Eden de que fala — e já muito tem conseguido: basta compararmos os sistemas políticos, económicos e sociais da Idade Média com os de hoje — embora esse Eden seja inatingível, pois a luta é constante e perpétua. Uma vez esclarecido este ponto, passemos a outro.

Dizes, mais adiante, que não acreditemos na Ciência. Porque? Se não fosse a Ciência e a Técnica acaso haveria fogões para aquecer a comida, frigoríficos com os quais podes ter qualquer alimento fresco e em bom estado de conservação? Porventura, sem ela, deslocar-te-ias de automóvel, avião ou navio para qualquer parte do Mundo? Sem a Ciência, como se poderia ficar curado das doenças vulgares e das graves? Se não acreditássemos na Ciência e na Técnica, como poderias ver televisão ou ouvir rádio, ler o jornal? Como se poderia efectuar a melhoria das classes trabalhadoras sem a aplicação das máquinas em substituição do operário ou do lavrador, permitindo que estes tenham

que a tua posição é mais literária que sincera.

É evidente que a tecnocracia é sempre perigosa e anti-social, mas para evitar isso existem sistemas políticos que solucionam o problema.

Outra afirmação tua que me suscitou dúvidas é a de que a Terra «é e será sempre um vale de lágrimas». Mas mesmo que cheguemos a tal conclusão, não poderemos negar que a Ciência permite que o Mundo se torne, cada vez menos, esse «vale de lágrimas». E a prova do que afirmamos é bem simples de ver: repara em tudo quanto te rodeia, pega num livro de divulgação de ciência, e verás quanto devemos a ela e quanto ela tem contribuído para aliviar os nossos sofrimentos. Lembra-te dos progressos da medicina, da cirurgia, da farmacologia e os êxitos alcançados na luta contra a dor.

Tu não podes negar a existência do Progresso, mesmo obstando que o progresso material não significa espiritual. Aliás, nós não diferenciamos o espírito e a matéria, considerados como objectos que se opõem e independentes, pois ambos constituem um todo, consubstanciam-se. Basta dizer isto: toda a evolução material é fruto do cérebro humano. Só alguns escritores desprovidos de visão histórica e científica é que anunciam o perigo do «excessivo» uso da técnica, afirmando profeticamente que o Mundo será, em breve, dominado pelos «robots»; ora uma máquina nunca poderá substituir um homem, servindo apenas de precioso auxiliar.

O Progresso existe, é palpável, e cego será o que não acredita nele. E, para deslazarer contusões, aconselho-te a leres esse esplêndido livro que tem por título «O homem faz-se a si próprio» do historiador Gordon Child; se fizeres tal leitura, bem como, por exemplo, a de «A ciência do séc. XX» de Pierre Rousseau, só lucrarás com isso, pois os dois livros citados permitem-te encontrar respostas a problemas que tenhas, mesmo os de ordem metafísica.

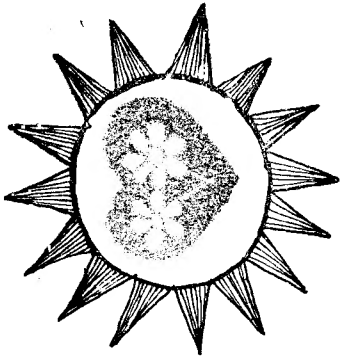
Quanto à questão da paz, dige-te com toda a franqueza, sem me julgar sonhador, que creio nela. Mais do que nunca, graças à cultura e por intermédio dos grandes meios de comunicação, como o jornal, a rádio, a TV, os povos vão notando as suas afinidades, as suas analogias e, a pouco e pouco, perdem o vetusto sentimento de desconfiança do estrangeiro. A Humanidade está hoje ligada, e não o esteve outrora devido à dificuldade de intercâmbio, por necessidades e, principalmente, aspirações comuns. Na época hodierna não há povo algum que não aspire ao descejo, ainda futuro mas não utópico, da paz, base essencial para o desenvolvimento de todas as coisas.

Mais dez numeros

Publicámos na semana passada a lista dos primeiros dez volumes da Coleção SABER; esta semana indicaremos os dez volumes seguintes:

- 11 — OS REGIMES ALIMENTARES, por P. Chêne
- 12 — A GENESE DA HUMANIDADE, por C. Arambourg
- 13 — AS ETAPAS DA GEOGRAFIA, por René Clozier
- 14 — HISTÓRIA DA VELOCIDADE, por Pierre Rousseau
- 15 — A POLÍCIA CIENTÍFICA, por Leon Leriche
- 16 — AS GRANDES DOUTRINAS ECONÓMICAS, por Arthur Taylor
- 17 — PASTEUR E OS MICROBIOS, por Albert Delaunay
- 18 — O OCULTISMO PERANTE A CIÊNCIA, por M. Boli
- 19 — CONTABILIDADE, por Jean Fourastie
- 20 — A ADOLESCÊNCIA, por Maurice Debesse

A todos os nossos leitores recomendamos a Coleção SABER, editada por Publicações Europa-América. Preço de cada volume: 15\$00.



OO A. M.

Tu,
Es o vento que docemente embala
as flores...

Tu,
Es a neve que traz a paz aos campos...

Tu,
Es o sol que espalha o bem com o seu calor...

Tu,
Es a vida, a esperança...

Tu,
Es para mim o Amor!

MARIA DA PIEDADE MOITA
(19 anos)
Amigo n.º 820

— Amo-te — disse alguém a outro alguém.

— Quem sou eu? — perguntou outro alguém.

— És o nosso Menino, o nosso Menino!... — responderam.

E o Menino fica a olhar para as sombras que se projectam sobre o seu berço. São manchas indecifráveis, inquietas, móveis, grandiosas e aterradoras de força. Parcem estar sempre a trovejar, lançando ruidos horripilantes, movendo constantemente os braços, as pernas, as pestanas, tudo, tudo o que constitui a massa humana daquelas sombras que vivem na sombra. Mas o Menino não compreende. O seu olhar que nada fixa, investiga instintivamente, e as mãos ziguezagueiam tacteando as sortes aqui e ali num inesgotável procurar, até que acham qualquer coisa macia e redonda. Ofegante, ávido, quase brutal, cola a boquilha pouco definida no seio da sombra que o acarinha, e chupa um líquido branco, baba-se, enche-se, satisfaz-se completamente, uma, duas, muitas vezes ao dia. São momentos deliciosos. Dorme, acorda, chora, berro e ninguém lhe acode. Tem de habituar-se, resignadamente...

Calem noites, nascem dias, morre gente, nasce gente, cresce devagar o Menino. Vai-se desenhando em linhas suaves e belas um corpo, que alberga uma alma pequenina, latente, presa num semi-caos, envolto em clarões que, de minuto a minuto, se acendem e apagam. Ainda não distingue bem as pessoas, as coisas, as dores, as satisfações. Ainda não pensa, mas abre-se, começa a despontar, tal como a flor que brota da terra, reciosa, pouco confiante na sua harmonia, que pode de um momento para o outro ser destruída implacavelmente.

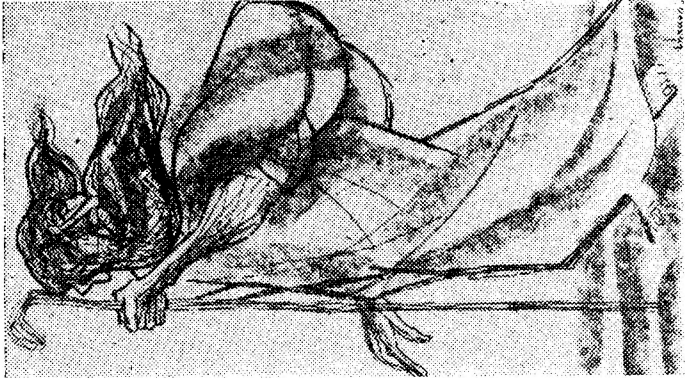
O Menino cresce: é mais um brinco que vem ocupar o Bazar diversificado e variado, onde há de tudo, desde a mosca temporária ao elefante poderoso. O brinquedo toma cores, forma, aviva-se, mexe-se, quer, grita, tenta falar. Mais um esforço que dura meses e finalmente:

— Mãe...

O Mundo é dele: conquistou-o. Importa que não seja destronado. Tem o que quer: luz, sol, alegria, amor, pão.

Começa a ensaiar os primeiros passos. Equilibra-se, cai, logo se levanta apressado e confiante nas suas perninhas gorduchas, que se erguem impetuosas à procura de apoio. Os pézinhos tenros acharam o chão. Mas não era ali. Ah! Não faz mal, o que é preciso é progredir. E progride.

Por entre o pio aristocrático das andorinhas as Primaveras sucedem-se inmutáveis, ora trazendo parcelas de alegria, ora caudais de tristezas, num ilimitado caminhar onde há músicas melodiosas e argentinas, á mistura com risos de crianças e de velhos. Gira, tudo gira, dança o mundo de todo sem adormecer, sem ter can-



saço. Não há força, nem voz, nem ordem que faça parar a dança, a dança macabra e indispensável da vida.

O Menino eleva-se, agiganta-se. Vence a pena, o esforço de oito, nove,

CARTA AO AMIGO

M A N U E L A B R E U

(Continua na página seguinte)

Por JOSÉ AUGUSTO MOURA
PIMENTA (18 anos)

leitura do teu artigo suscitou, em mim, simultaneamente, uma série de ideias: em primeiro lugar, que estava a ler um daqueles escritores pós-guerra, descrentes no futuro, tipo Orwell; depois, julguei ver um desses filmes de antedecção norte-americanos que começam com palavras trágicas, ou então aqueles romances «made in U.S.A.» de ficção científica, que têm por costume desprezar o valor humano e só se dedicam a guerras entre planetas: é mais «exotico»; por fim, pensei nesta coisa trágica: fala-se na necessidade de humanismo relativo aos jovens que cursam Ciências, mas não menos necessário é, e o teu artigo prova-o, que os

(Continua na última página)

CONCURSO DA MELHOR TRADUÇÃO

JE TOMBE, JE TOMBE, JE TOMBE

Je tombe, je tombe, je tombe
Avant d'arriver à ma tombe
Je repasse toute ma vie
Il suffit d'une ou deux secondes
Que dans ma tête tout un monde
Défile tel que je le vis
Ses images sous mes paupières
Font comme au fond d'un puits les pierres
Dilatant l'iris noir de l'eau

C'est tout le passé qui s'émiette
Un souvenir sur l'autre empiète
Et les soleils sur les sanglots
O pluie O poussière inapaisable
Existence couleur de sable
Brouillard des respirations
Quel choix préside à mon vertige
Je tombe et fuis dans ce prodige
Ma propre accélération.

ARAGON («Le Roman Inachevé»)

As traduções devem ser enviadas até ao dia 12 de Agosto, nas condições habituais: identificação completa dos concorrentes, seu numero de ficheiro (caso o possuam já) e a menção da colaboração que mais lhes agradou (três exemplos). Para a melhor tradução, um prémio especial.



Como eu sinto tudo isto!
Como me apertam estes telhados enegrecidos,
estas carcas cansadas de mãos pelas janelas esquadriçadas...

Como esta claridade me envolve,
ansiosamente esperada com um sorriso (de quê?)

Como os montes nos parecem mais nossos, como
as pedras, os candeleros nos parecem mais familiares: como eles nos conhecem hoje!

Todas as raparigas são mais belas e trazem
aqueles vestidos que eu gosto, desprecupados...

Como eu as amo!
E elas hão-de passar, passar eternamente pelos
dias como este, hão-de com os olhos distribuir-me
a sua beleza deixando-me as mãos vazias, brancas,
com a expectativa a correr-me nas veias o cor-
ção a vaguear-lhes nos cabelos.

Ah! como eu as amo!
Gostaria de dizer isto a uma costureira, a uma
rapariga daquelas que aproveitam todo o dia a
fazer tirar os olhos para estranharem o choro quan-
do brota em qualquer pretexto, com o namorado
a acender um cigarro numa esquina sem luz.

Como eu gostaria que ela me achasse diferente
(e porquê?) — Outra forma de falar, de a beijar,
de lhe apertar os dedos...

E eu a dizer-lhe que não, que somos todos
iguais, que devemos ser todos iguais (pena não
sermos: então onde estaria o motivo desta an-
gustia?)

Como eu sinto tudo isto! Alguém que passa
e é um drama, uma caixa de lágrimas saudosas,
lágrimas que guardamos para a noite, para um
minúsculo abandono.

✱
Lembraste de certeza. Foi nessa tarde que me
deste o anel. Parece-me sentir ainda as nossas
mãos entrelaçadas, o verde-negro das laranjeiras
onde balouçavam os frutos duros e novos — era
no Verão.

Támos a descer a encosta e arrastávamos, dó-
lentes, os pés na relva alta. Depois atreli para
baixo uma laranja que arranquei ali — chameste-
me insensível, lembraste? — e corremos os dois
a seguir a carreira saltante daquela esfera verde,
tropeçando nas raízes mais grossas. Chegámos cá
abaixo estafados. O Sol rebrilhava acobreado na
ramaria no cimo da serra. Foi nessa tarde que
me deste o anel. A tua voz era tão meiga...

Depois parti. Foi logo no outro dia. Parti com
um adeus breve mas tenro. Levava uma censura
incrustada mas uma viagem apaga tanta coisa...
(perdoas-me?)

Fui dali à frenteira e seguí até Paris.
Perdi o teu anel, deixei de te escrever, pouca
coisa soube de ti.

Quando voltei a Lisboa, em Outubro, trazia o
rumor do Sena nos ouvidos, trazia Paris louca-
mente estampada num lenço flamejante, num ca-
chimbo novo...

Encontrámo-nos no Chiado, numa livraria. Vi-

(Continuação da página anterior)

Não tem, nem sequer amigos. Para
quê? Não o sabem compreender. Nin-
guém gosta daquilo que ele gosta.
Que se pelem!

Que confusão: assaltam-no fantas-
mas invisíveis de garras aduncas,
cortantes como estiletes esguos e
traíçoeiros dirigidos á sua cabeça,
que se contra e descontrai num ino-
vimento diabólico e incompreensível.
Lá dentro agita-se tudo, numa con-
visão implacável da qual o Rapazi-
nho não conhece a origem, nem o
fim, julgando no entanto, que um
dia (um dia que será glorioso e ter-
rível) tudo se tornará claro como
água. E pensa, e sofre, e pede escla-
recimento:

— Deus... Deus... onde estás? És
tu que diriges isto, o Mundo, a minha
vida? És tu?... onde estás? Nas igre-
jas, no cimo da serra agreste, no meio
do trigo que venga ao impulso do ven-
to, nos tumultos? Onde, onde estás?
Ouviste? Onde estás?...

E cal em êxtase, a chorar. A alma
e os sentidos vão pelo passado. De-
pois voltam, querendo descobrir
uma passagem para o futuro que se
aproxima inextinguível, assustador, in-
certo.

Adormece. Mas o seu subconsciente
trabalha num marielar admirável.

Agora, sonha, em paz com o exte-
rior.

Caminha numa estrada toda branca
e deserta, que se prolonga por uma
linha estreita, uma linha sem fim. Há
ali um silêncio sagrado, um profun-
do mistério envolto em grinaldas de
flores a espargir incenso para a
atmosfera de azul transparente. Ca-
minha, tenta galgar a estrada a pas-
sos de colosso. Não olha para os la-
dos. Está esgotado, mas não quer
comprar forças. O percurso é tremen-
damente longo. Tem os pés dilata-
dos e molhados, mas não desiste. E, tei-
moso. Uma amálgama de dor e sa-
tisficação, de incerteza e de êntico
conhecimento incitam-no a andar pela
estrada ignota. Parece um inconscien-
te, tal é a sua rígida obstinação. De
repente, falta-lhe apoio debaixo dos
pés e cai. Não, não cai, fica suspenso

como um boneco de farrapos por cor-
déis que o sustentam no ar. Cheio de
pavor e deslumbramento vê numa te-
la imensa e indisciplinável, que se abriu
debaixo dele, cenas antigas da sua vi-
da. Ali estão cristalinas: ainda crian-
ça, a brincar, no berçito... um choro
alegre, junto da mãe... os passeios no
jardim, com os pais... dirigindo-se pa-
ra a escola, de manhã, ao abrir das
lojas... branco e belo de pureza rece-
bendo a hostia pequenina... a morte
de seus pais num desastre brutal e
estupido... as paredes brancas e resis-
tentes do orfanato... as tranças lou-
ras e compridas da sua amada... o
primeiro beijo... os juramentos de
amor eterno... o sofrimento do aban-
dono... ódio... Tudo isto passa na te-
la a correr... O que foi, o que é...
já circulam por eles desejos, pecca-
dos, alegrias, vidas, transformações...
Um rol de coisas! Ah! Ainda não
atingiu a meta!

— Que sonho!... Foi sonho?... Pre-
ciso de me levantar.
O Sol brilha lá fora. A cidade des-
perta. A taia da vida ocupa toda a
gente. O Rapazinho sai, vai ao seu
trabalho. O Mundo joga aos beliscões
agressivos que trucidam sociedades e
raças. Os vencedores recebem como
prémio um matadouro. Os vencidos
estorram de fome e abandono! Opti-
mo: viva o Progresso!
Por entre o anjo e a besta, o bem
e o mal, os famintos e os fartos, o
amor e a ira, os anos deslizam im-
passíveis e livres.

— Como passa o senhor?...
Senhor?... Como sabe bem! E' rico,
sábio, considerado, satisfeito. E' um
homem... Satisfeito? Feliz?... Não?...
Que lhe falta?... Qualquer coisa... O
que é?... Algo que rol o seu ser, a
sua essência, algo que não sabe ex-
plicar, mas que existe. Algo que rol,
perfura, ataca e desaparece sem dei-
xar rastro. Depois volta á carga, ora
pregando, dentadas, ora belando. O
que será?... Algo desconhecido per-
guntando ao desconhecido. Que eni-
ma!

A montanha é soberba, o mar ma-
jestoso, o céu enorme. Mas mais so-
berba, mais majestosa, mais enorme

Poema

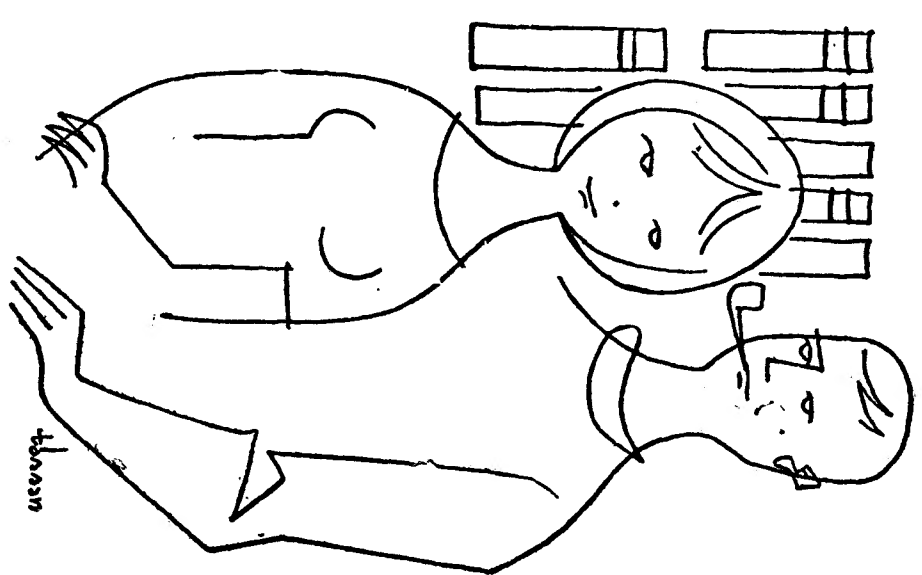
JACQUES CHASTENET

A VIDA
DE ISABEL

Eis a Inglaterra da Renascença,
com o seu odor de libras, o seu
odor de mar e sangue, os seus
poetas requintados, os seus
aventureiros, os seus rudes cam-
poneses, os seus artifícios urba-
nos — capazes todos eles de
aplaudir ora um combate de
ursos e de cães, ora uma comé-
dia de Shakespeare... E sobre
este fundo prodigiosamente vivo,
essa extraordinária figura de
rainha e de mulher que foi
Isabel!

NA COLEÇÃO «DESTINOS»
a melhor coleção de biografias
que se publica em Portugal

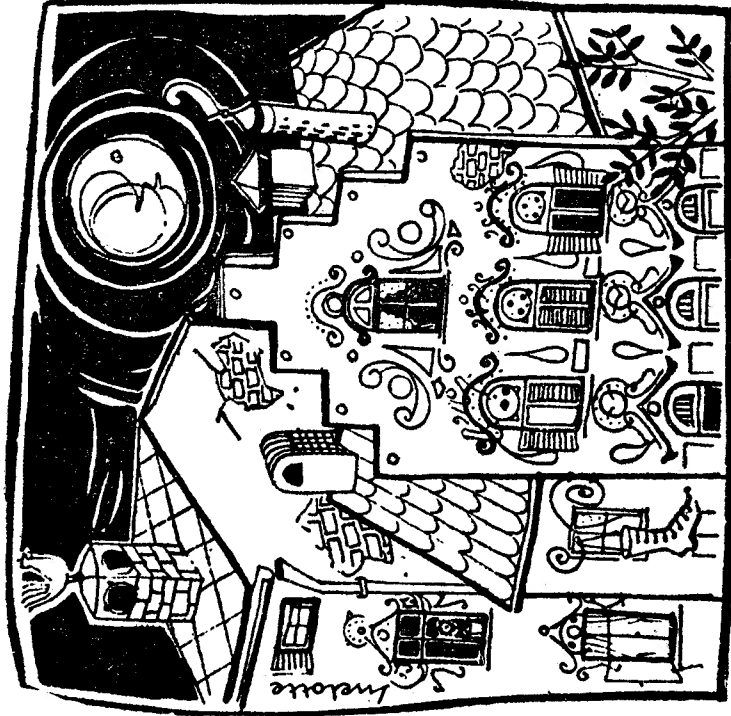
EDITORIAL
ESTUDIOS COR



ulas com uma saia travada, azul; achete mais mulher. E as
tuas palavras foram calmas; só eu fiquei revoltado, foi isso:
revoltado.

Reveste um olhar breve pelos meus dedos (seria uma recor-
dação ou uma prova que buscavas?), relanceei uma sombra
nos teus olhos. Despedi-me um pouco desordenadamente.
Apesar de tudo deves lembrar-te do anel e daquela tarde
— lembraste de certeza. — Mas como dizer-te? Falta-me lítera-
tura para isso.

CONCURSO PARA OS MAIS NOVOS



Nas noites de Lua os gatos gostam de dar o seu passeio. Está mais fresca que de dia e o luar ilumina muito bem os telhados. Ora muito bem: no desenho que hoje publicamos também existe um gato, mas os seus donos não o encontram, por mais que o procurem. Serão os nossos Amigos mais felizes? Respostas até ao dia 12 de Agosto, nas mesmas condições do Concurso da «Melhor Tradução».

CONCURSO PARA OS MAIS VELHOS

- 1) Indicar o título da principal obra de Nicolau Copérnico e a importância que teve na história da Ciência.
- 2) Duarte Pacheco Pereira e D. João de Castro são especialmente conhecidos pelos seus feitos guerreiros. Não terão, porém, desenvolvido uma outra actividade mais importante do que a belicosa?
- 3) Quem foi Manuel da Silva Passos?

Respostas até ao dia 12 de Agosto, nas mesmas condições do Concurso da «Melhor Tradução».

Soluções do Concurso do Juvenil

Para os mais velhos — Paulo Moreira; Jaime Cortesão; Fernão Lopes
Para os mais novos — Frere Jacques

VENCEDORES

1. — Amigo 197 — Gasão Alexandre Guerreiro (Faro).
2. — Amigo 1985 — Maria Judite Meira (Lisboa).
3. — Amigo 1182 — Agostinho José Chaves (Vila Chã de Aguiar).
4. — Amigo 2 — Maria Manuela Chaves Dias (Lisboa).
5. — Amigo 69 — Margarida Lousa (Porto).
6. — Amigo 81 — Maria Eunice Vila da Costa (Lisboa).
7. — Amigo 1236 — Maria Emilia V. de Campos (Porto).
8. — Amigo 665 — Maria Margarida Neves Ferreira (Lisboa).

Prémio para o trabalho mais votado: «Amor platónico do Barqueiro».

9. — Amigo A. Nunes de Almeida (Lisboa).

9. — Um livro da «Colecção Vida Quotidiana», de LIVROS DO BRASIL.

Prémio para o melhor trabalho:

A entrevista com Virgílio Ferreira. 10. — Amigo José Carlos Junça de Moraes (Lisboa).

10. — Um livro à escolha do contemplado, de LIVROS DO BRASIL.

PRÉMIOS

1 a 8. — Um volume da colecção «Miniatura», de LIVROS DO BRASIL.

NOTA: Os prémios que se destinam a Amigos de Lisboa, devem ser levantados na Avenida de Roma, 78, 2.º, esq., cinco dias depois desta publicação e antes de um mês. Os Amigos que se tenham ausentado de Lisboa devem escrever-nos as moradas de férias ou dizer se preferem que o livro aguarde o regresso. Cuidado com os prazos para levantamento dos livros!

Os prémios de publicações de Europa-América só podem ser levantados a partir do dia 19 do corrente, por motivo de férias desta editora.

PEQUENA HISTÓRIA DO JAZZ

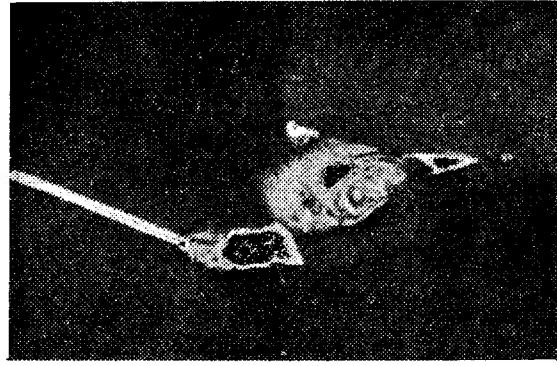
XI — O ritmo swing

A partir da sua viagem a Nova York a fama de Count Basie não cessa de crescer. E justamente. Seu estilo transformou-se: cada vez menos lugar para as improvisações, arranjos perfeitos — uma beleza harmónica sempre enriquecida. Despojou-se de tudo o que pudesse ser supérfluo. A base rítmica, muito pura, impõe um «swing» perfeito. A orquestra passa a contar com seis, sete excelentes músicos aos quais se vem juntar o notável cantor de «blues», James Rushing.

A idade de ouro da orquestra de Count Basie prolonga-se até 1942. Não quer isto dizer que depois dessa data não se manifeste a mesma homogeneidade e as mesmas qualidades; pelo contrário: mas nota-se, também, que o espírito inventivo enfraqueceu.

XII — Fim duma época do jazz, uma sereia fazendo no novo

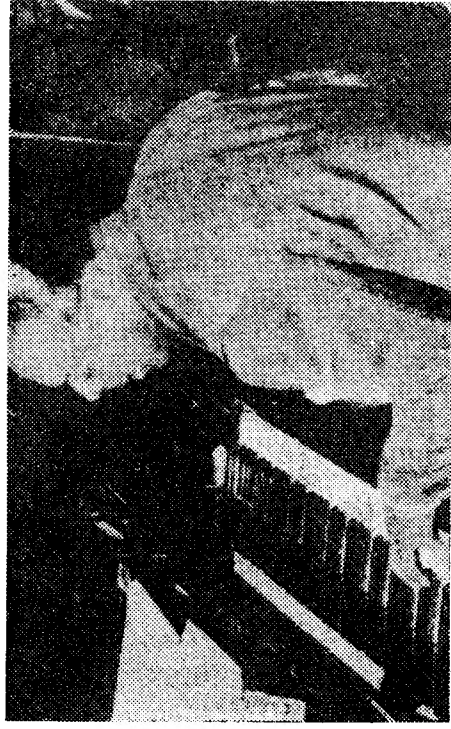
De Luis Armstrong a Count Basie, passando por Duke Ellington, vai uma fase — a primeira — da história do «jazz». A ela ainda pertence o melhor solista da orquestra de Basie, o



saxo-fonista Lester Young, por alcunha o «Presidente». Young teve considerável influência sobre os músicos modernos, em particular Charlie Parker. Nasceu em Agosto de 1909, em Woodville, no Mississippi. Desde muito novo fixou-se em Nova Orleães, onde seu pai, vio-

lista, o fez entrar na orquestra que dirigia. Tocava bateria. Depressa, porém, se fatigou deste pesado instrumento que atravancava os velhos vapores de rodas onde a orquestra tocava. Começou então, bastante jovem, a estudar saxo-fon. Entretanto, para ajudar a família, fazia de engraxador e de ardina.

Em 1931 entrou para a orquestra



de Art Bronson e com ela seguiu em várias digressões. Depois preferiu ser saxo-fonista; andou duma orquestra para outra, tornando-se cada vez mais firme o seu estilo e personalidade. Conheceu os primeiros êxitos. Durante cinco anos (1936-1941) trabalhou com Basie e adquiriu a celebridade de inovador, o que era justo. Distinguiu-se pelas harmonias contrastadas e imprevistas e sobretudo por um «swing» eficaz e descontraído. Ao mesmo tempo ganha novas riquezas a sua sonoridade.

Chamado à tropa, abandona Basie e no período que decorre entre 1944 a 1947 grava os seus melhores discos. Tornou-se-lhe mais ágil o estilo; e o seu temperamento indolente traz consigo uma lentidão que, mais tarde, devia caracterizar o chamado estilo «cool».

Lester Young gravou inúmeros discos; os seus êxitos passaram para além da América; tocou em Paris; e aqueles que pessoalmente o não puderam ver não de esquecer-se, talvez, da sua actuação no notável filme «Jammin' the Blues».

Em 15 de Março de 1959, morreu subitamente em Nova York este grande músico que, com humor, a si próprio se definiu como *uma sereia tocando no novo*.

XIII — A era swing: Lionel Hampton

A «era swing», uma das fases da história do «jazz», começa por volta

de 1938 e terá o seu período fecundo até 1943-1944. Representa-a sobretudo Lionel Hampton — um músico espan-toso, dotado de um temperamento cheio de fogo e de um virtuosismo excepcional.

Hampton nasceu no Kentucky, em Louisville, no ano de 1913. Começou por tocar bateria na orquestra de Os Hite que, em 1932, acompanhou Luis Armstrong numa digressão. Este encontro deveria decidir a sua carreira. Num estúdio, e para se distrair, experimentou um instrumento pouco conhecido — o vibrafone. Entusiasmado, Armstrong incitou-o a prosseguir nas suas experiências. O conselho foi precioso, pois, Lionel Hampton fez uma estonteante carreira.

A sua celebridade firmou-se na orquestra de Benny Goodman, a qual trouxe a riqueza das suas ideias e o apoio de um «swing» verdadeiramente perturbante. Em 1940 rodeia-se de jovens tão explosivos como ele e fun-

da uma orquestra. Pós a América em transe.

A partir de 1953 visitou várias vezes a Europa onde, em Paris, provocou autênticos delírios colectivos.

Infelizmente cedeu demasiado à tentação do espectacular e por isso, embora continue a ser um grande virtuoso, nunca mais evidenciou as qualidades manifestadas na época em que tocava no quarteto de Benny Goodman.

Como se pode calcular, as suas gravações nunca tiveram aquele calor comunicativo que ele transmite ao público nas exhibições directas; talvez o ambiente diabólico do «swing».

Algumas gravações de Count Basie: Brunswick americana 54012; Coral CVM 40013; Epic LG 3107; Philips P 7873; Versailles 52003; e o recente e notável «Atomic Mister Basie» de Lester Young.

Jazz Selection, 30006 e 30047; Savoy NG 9002; Barclay 6937 e 6902; Philips B 07006 e 07007; R. C. A. LPM 1226.

De Lionel Hampton:

R. C. A. A 1302, 14 e 15; V. S. M. FOLP 8003; Brunswick 86013; 10005; Barclay, 3566; Victor LPT 18.

UM EXEMPLO DE TEATRO PARA E DA CENTE MOÇA

O jornalista Raymond Lavigne fez uma viagem pela China e trouxe de lá a ideia para um livro — O VINTEM MÁGICO — inspirado num velho conto popular. Jean Aslev adaptou-o, depois, ao teatro e um grupo de jovens de Paris resolveu representá-lo. Eis um belo exemplo: e por isso vamos contar, resumidamente, a história, ilustrada com imagens da representação.

ARGANTA VERMELHA era um poeta e trovador de profissão. Era, pois, assim que ele ganhava a vida, correndo terras, terras, palmitando estradas, atalhos, campos e florestas.

Ao chegar a uma aldeia, as casas esvaziavam-se e a alegria acendia-se nos olhos dos camponeses. Não se tratava apenas de uma distração, coisa, aliás, sempre boa de ver e de ouvir: o acontecimento possuía muito mais importância: e porque? Porque Garganta Vermelha só sabia cantar a alegria e a felicidade.

Uma das histórias que contava era «O Vintem Mágico». E contava-a tão bem que os humildes espectadores julgavam ter diante dos olhos o Rei dos Tigres, o Rei dos Macacos e a sua amiga Gazela.

Ela começava sempre por dizer: — Há muitos séculos, quando nem sequer eram nascidos os trisavós dos nossos trisavós, havia uma terra onde toda a gente era feliz, muito feliz. Governava-a o Rei dos Tigres, um monarca insolente e grosseiro.

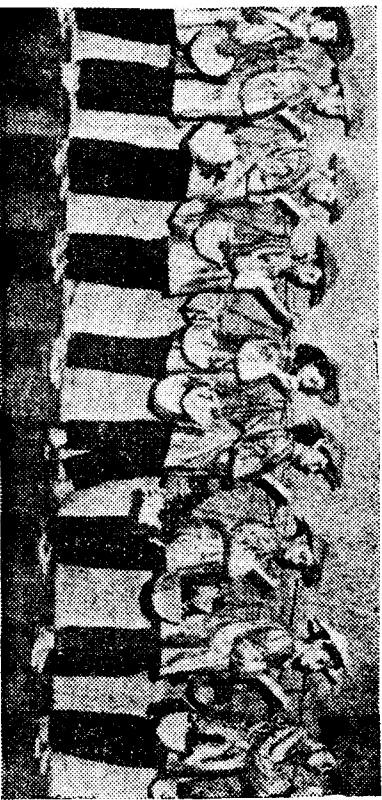
— Há muitos séculos, quando nem sequer eram nascidos os trisavós dos nossos trisavós, havia uma terra onde toda a gente era feliz, muito feliz. Governava-a o Rei dos Tigres, um monarca insolente e grosseiro.



que queria possuir tudo o que de bom e de gostoso existisse a sua roda sem gastar um vintém. Mas isto não bastava, embora fosse já uma catástrofe tão má como as pragas de gafanhotos que, num abrir e fechar de olhos, apagavam toda a verdura dos campos. Pois quê? Ainda pior do que isto?

— Verdade: ainda pior do que isto. O Rei dos Tigres era tão glútilo, tão glútilo, possuía tal apetite que tragava tudo o que os pobres produziam, apenas lhes poupando os olhos para chorar.

A coisa durou até ao dia em que... Nesse dia deu-se um acontecimento extraordinário. O Rei dos Macacos e a sua amiga Gazela resolveram gasar pela aldeia. Ora, é preciso saber



Os camponeses ouvem o tambor, ouvem estas palavras e correm com boas pernas para o largo da aldeia, pois o Rei dos Macacos é como Garganta Vermelha: traz sempre consigo felicidades e esperança. Lá estão o nosso amigo Trovador, o Feijão e

se que o Reino dos Macacos é um imenso país, rico de sonho e de invensões. Pode dar-se-lhe até outro nome e é o que eu vou fazer: o Reino da Malícia.

Quando chegou a Gazela, conhecida pela Duguesa da Esperança. Ambos arrastavam atrás de si um carro, o carro das malícias. Quando chegaram, a praça da aldeia estava vazia e os dois amigos decidiram reunir os habitantes — o macaco com as suas pinóletas, a gazela a rular um tambor.

— Eh lá! — gritava aquele —: Não percebo a ocasião de ouvir, de se aproximar, de tocar em mim, o cantor de passáros, o cinzelador de fumo, o malabarista, aquele que cura, o inventor, o ativinho, Eu, o Rei dos Macacos.

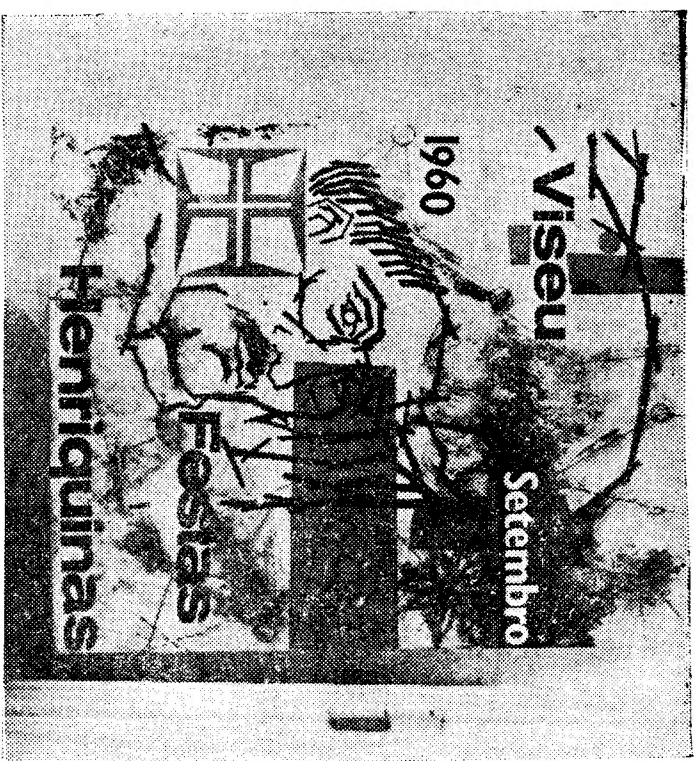
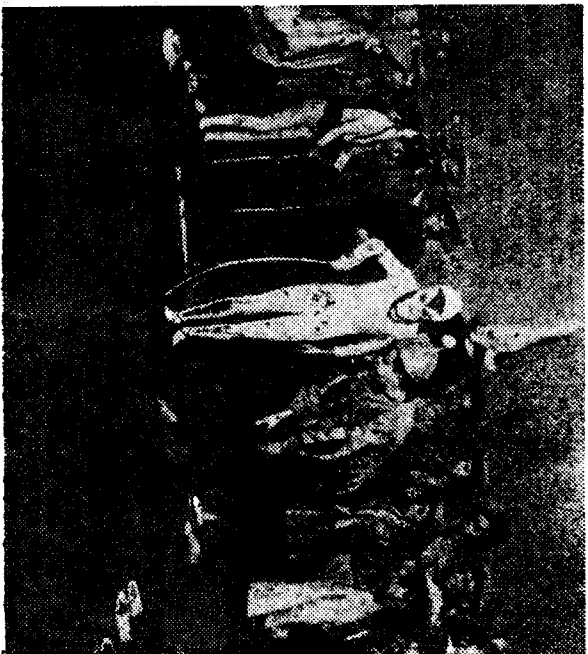
a Ervilha. Estes dois são uns sujeitos pouco espertos, mas bondosos. Olhando que ninguém falta, diz o Macaco:

— Vão assistir aos mais extraordinários, formidáveis e incríveis milagreiros! O Rei dos Macacos pode fazer tudo o que lhe apetece, tudo mudar, tudo transformar...

E começaram a dar cabriolas e a desentelar toda a espécie de prestidigitação. A Ervilha e o Feijão pareciam todos de espanto.

Ria toda a gente quando se ouviu uma voz terrível: — Eh lá, servos! Que é lá isso? Rieme-se em vez de me prepararem a refeição? Era o Rei dos Tigres que falava.

(Continua)



MAQUETA DE MIGUEL FLAVIO (15 anos) para um Concurso das Festas Henriquinas em Viseu

A POUSADA DA INFÂNCIA

(4)



VENTO não parava de guinchar nem de se enfiar pelas frestas das portas e das janelas, sempre tão usual, se ouvia. Houve uma pessoa que atravessou a rua, cortando o silêncio com o som dos sapatos. Era eu, a solitária personagem. Fui dirigindo as passadas para o sítio onde ficava a minha. Mas desta vez não via pelo caminho costureira. Atravesssei um mato com po de grama e machucuei com os pés a terra um pouco molhada. Sentime bem ao fazer aquilo. Deitei a correr como se um impulso a isso me obrigasse. Quando cheguei à minha aldeia era manhã. Homens de tronco nu detavam, com pázadas vigorosas, terra para uma vagoneta assente em delgados carris. Ao verem-me esboçaram um sorriso franco e saudaram-me.

— O Santos está cá? — perguntei. — Deve estar no gabinete ao lado do escritório. Foi o «Foguinho» quem me respondeu. Agradei e recomencei a andar. O gabinete do sr. Santos era lá a frente junto dos escritórios da minha Pensão em Candi e depois em mim. Aquilo era terrível. Não queria pensar nisso. Atestei o passo e depressa me encontrei no gabinete do gerente da minha.

Por

ANTÓNIO DECOIS PEREIRA

— Bem, meu rapaz. No entanto, devos saber que é difícil o que me pedes.

— O senhor compreende... — Compreendo, compreendo. O que me contas é interessante, mas não deixo de ser um pouco absurdo.

— E até muito absurdo, senhor Santos, mas eu não lhe sei explicar. Já não me conheço. Isto é ainda mais absurdo.

— Deixate disso. Muitas vezes dizem coisas que não havíamos de dizer. Tu estás a fazer isso.

— Fiches, mas eu... — Sim, já sei. Mas o que não sei é se haverá alguma vaga. No entanto, vou-me ocupar disso.

— Obrigada, se... — Espera! Agora me lembro. No escritório há uma falta e tu podes ir para lá.

— Agradeço-lhe, senhor Santos. Mas como já lhe contei, estou farto dos escritórios. Prefiro ir para as oficinas. Mas se não houver nada...

— Eu indiquei-te o escritório porque julgava que era isso que tu querias.

— Bem sei, senhor Santos. Mas agora ando diferente.

— Lá em baixo, nas salas dos engenheiros, há também uma vaga, se não me engano. É a sala 3 e trabalha lá o engenheiro Seabra. Podes ir para lá. Ele está sozinho e o teu serviço é agradável.

— Sim, senhor Santos. Agradeço-lhe imenso. Quando posso vir? — Quando quiseres. Toma este cartão para entregares ao Seabra.

— Mas uma vez obrigado. Amanhã encontro-o no gabinete do gerente da minha.

ençados e sobre está, folhas de papel vegetal mostravam planos e mapas de diversas cores e tamanhos. Seabra observava aquilo com interesse e admirava os desenhos com um lápis preto. As paredes da sala eram brancas como no escritório e o aposento era amplo.

Uma potente lâmpada eléctrica iluminava a sala. Sem ela, aquele quarto seria bastante escuro. Fiquei junto da porta como que indeciso. O engenheiro ainda não tinha dado pela minha presença e continuava entretido. Continuei calado, mas depois decidi-me:

— Posso entrar? — Ele virou-se bruscamente e fitou-me.

— Vem para aqui — disse pouco depois.

— Foi o senhor Santos que... — Já sei, já sei. Ele contou-me tudo. Entrequele o cartão e ele guardou-o no bolso sem o ler.

— O serviço que aqui tens a fazer — continuou — é ajudar-me, como o senhor Santos te disse. Ver máquinas, escrever, enfim, aquilo que eu vir que te diga respeito. Entendidos?

— Perfeitamente, senhor Seabra. — Quando vim para aqui era como tu. Foi aprendendo, tirei um curso e aqui estou. Isto é assim. Tu depois saberes. Esteve aqui um rapaz, há coisa de cinco meses, sabes o que fazia? Deixava isto e ia lá para cima, para a galeria 1. Metia-se lá e só a hora de se ir embora é que saía! Tu também estás disposto a fazer isso?

— Olha que agora a galeria está rematada e das vezes não tem luz... Aquilo é uma autentica ruína!

— Lá fora a serena já tinha apitado e os mineiros cruzavam-se em desorden. Era meio-dia. Eu e o Seabra, só daí a meia hora fomos almoçar e aí estavam entretidos a trabalhar numa máquina propulsora. Pouco depois o engenheiro mandou-me ir para a cozinha reparar a prensa hidráulica. Abri uma portinhola e entrei. O quarto era escuro e tive que apalpar a parede para a luz se acender. A prensa estava a um canto e os comandos um pouco mais à direita.

Primeiro fiz levantar a enorme placa férrea e depois untei com óleo vários acessórios. Meti o corpo por baixo do qual e estiquei-me para a frente. A massa gigantesca, que poderia exercer uma pressão de vinte toneladas, estava sobre mim. Senteia centímetros nos separavam.

Mes o perigo estava iminente. Com a bota corregara no botão de desceda e a prensa começou a descer lentamente. Indiferente ao perigo, eu desceroscan uma porta da dabanca manual. Então o instinto, aquele sentido que em nós se oculta, entrou em acção e senti como que um voz gritar: «Cautela! Cautela!».

Mas eu estava entretido demais para ouvir aquele aviso. «Cautela! Cautela!», Agora sim, os meus ouvidos perceberam. Larguei instintivamente a chave e olhei para cima, para aquele monstro que me ameaçava e estava quase a atingir-me. Mais cinco segundos e seria tarde. Não havia tempo para raciocinar. E o meu corpo foi para a frente, como se voasse sob o perigo. A enorme placa ferrea assentou levemente, enquanto eu fui com a cabeça em qualquer coisa dura que eu não soube o que era. Alguém chamava por mim. Fora o instinto que me saltara e agora tentava descobrir no meio do meu deslumbramento disforme.